



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS  
LINHA DE PESQUISA: CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS

O PLANTADOR DE CIDADES E A CRIAÇÃO DO ESPAÇO MODERNO:  
A CONSTRUÇÃO DE UMA NATAL MODERNA NA ADMINISTRAÇÃO SYLVIO ANGICOS  
PEDROZA (1946-1950)

ARTHUR LUIS DE OLIVEIRA TORQUATO

FOMENTO AGRÍCOLA

RUBENS - RIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS  
LINHA DE PESQUISA: CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS

O PLANTADOR DE CIDADES E A CRIAÇÃO DO ESPAÇO MODERNO:  
A CONSTRUÇÃO DE UMA NATAL MODERNA NA ADMINISTRAÇÃO SYLVIO  
PEDROZA (1946-1950)

ARTHUR LUIS DE OLIVEIRA TORQUATO

NATAL  
MAIO/2011

ARTHUR LUIS DE OLIVEIRA TORQUATO

O PLANTADOR DE CIDADES E A CRIAÇÃO DO ESPAÇO MODERNO:  
A CONSTRUÇÃO DE UMA NATAL MODERNA NA ADMINISTRAÇÃO SYLVIO  
PEDROZA (1946-1950)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa II – Cultura, Poder e Relações Espaciais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

NATAL  
MAIO/2011

ARTHUR LUIS DE OLIVEIRA TORQUATO

O PLANTADOR DE CIDADES E A CRIAÇÃO DO ESPAÇO MODERNO:  
A CONSTRUÇÃO DE UMA NATAL MODERNA NA ADMINISTRAÇÃO SYLVIO  
PEDROZA (1946-1950)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

---

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

---

Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende

---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha

---

Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais

Natal, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

*Eu responderia, de pronto, que reconstruir mundos é uma das tarefas essenciais do historiador, e ele não a empreende pelo estranho impulso de escarafunchar arquivos e farejar papel embolorado – mas para conversar com mortos.*

*Robert Darton*

*Aos meus pais Luis e Fátima e ao meu querido e admirado avô Josibel.*

## AGRADECIMENTOS

Já se tornou clichê iniciar os agradecimentos afirmando que vamos esquecer algumas pessoas, isso é fato, afinal a memória é sempre seletiva e perversa algumas vezes com o presente. Espero, com toda honestidade, que não falte ninguém, mas desde já perdoem minha memória que a essa altura do campeonato já não muito bem funciona.

Gostaria de iniciar agradecendo a todos meus colegas de PPGH/UFRN, pois eles mais do que qualquer outro sabem o quão foi árdua foi a caminhada até aqui. Não citarei nomes, mas todos sintam-se abraçados e agradeço pelos belos, divertidos e angustiantes momentos que estivemos juntos. Ainda sem sair do PPGH não posso deixar de agradecer carinhosamente a Isabelle, sempre solícita, alegre e de bem com a vida se esforçando para resolver nossos problemas. Muitas vezes, procurá-la na Secretaria era certeza de que a tarde seria mais risonha. Aos professores um muito obrigado, pelos momentos em sala de aula e pelo esforço em sempre buscar a perfeição em nossos escritos.

Aos meus amigos um obrigado gigante: a Homer e Jordane pelo companheirismo de sempre e os bons momentos de descontração que sempre nossos encontros proporcionam (além do grande presente que me deram que foi ser padrinho de Joaquim); a Bruna e Aurinete pelas risadas e boas conversas; a Nonato por quem tenho grande admiração, respeito e que se tornou um grande amigo. A Neto meu camarada e companheiro de todos os momentos, aquele em que me espelho e admiro por sua dedicação, vontade e caráter. Nem preciso falar muito, ele sabe que há muito ele deixou de ser meu amigo e hoje é um irmão, um verdadeiro cúmplice.

Não posso de forma alguma esquecer de agradecer ao meu amigo e orientador Durval. Acho que não existem palavras para descrever o orgulho e a admiração que construí por ele nesses quase cinco anos de intensa convivência. Meu aprendizado com ele sempre foi regado a bom humor, disciplina e dedicação, sempre sabia que as correções que propunha visavam a minha qualificação enquanto historiador e ser humano. Mais do que grande admirador posso, com toda certeza, afirmar que temos uma relação de grandes amigos e que dificilmente esta será vítima do esquecimento. Muito obrigado por todo seu esforço e dedicação para esse seu orientando que sempre pensou em não te decepcionar.

Agradeço a todos meus familiares (e aí se citar nomes corro um grave risco) mas em especial ao meu irmão Felipe com quem tenho uma relação de admiração e profunda harmonia e aos meus pais Luis e Fátima, sem os quais sou apenas a metade. Não posso esquecer de Joyce, minha companheira, confidente e amante; aquela que durante esses dois anos de Mestrado foi meu consolo e meu ombro nos momentos de fraqueza e desânimo. Hoje é nela que busco minha calma e tranquilidade, meu bom humor e minhas alegrias.

Por fim, agradeço à CAPES e ao PPGH/UFRN que me deram a oportunidade de poder, com o apoio financeiro e institucional, trabalhar com tranquilidade na elaboração das minhas pesquisas em Natal e no Rio de Janeiro, pesquisas essas que foram fundamentais para a elaboração dessa dissertação que hoje posso entregar como prova que esse investimento não foi em vão.

Muito obrigado a todos que de uma forma ou de outra me ajudaram a realizar essa que, com toda certeza, foi a mais instigante e laboriosa jornada que tive até hoje.

## RESUMO

O propósito deste trabalho é analisar as transformações sofridas pelo espaço urbano da cidade do Natal durante a gestão do prefeito Sylvio Piza Pedroza (1946-1950). Neste intuito, nos esforçamos em analisar em que sentido os discursos e as respectivas representações da cidade moderna foram responsáveis pela construção de novos espaços na capital do Rio Grande do Norte, espaços que por sua vez, foram utilizados para justificar duplamente a gestão Piza Pedroza, e o próprio prefeito enquanto exemplos de um momento de modernidade e progresso da cidade. No intuito de responder nosso objetivo, analisamos no decorrer da dissertação três elementos fundamentais para a construção dessa Natal moderna da gestão Piza Pedroza. Dentre eles destacamos as representações construídas pelos jornais natalenses, recifenses e fluminense; a imagem forjada e a relação de legitimação (a partir do espaço da cidade de Natal) possibilitada pela relação entre Câmara Cascudo e Sylvio Pedroza. Por último, analisamos o Arquivo Sylvio Pedroza (ASP), da Fundação José Augusto, percebendo esse suporte como um espaço de inscrição do sujeito e da cidade moderna. Nessa última etapa nos detivemos na apreciação das correspondências e nas fotografias do ASP, percebendo como essas fontes são fundamentais na elaboração e seleção das paisagens modernas da Natal da segunda metade da década de 1940.

Palavras-chave: Natal. Sylvio Piza Pedroza. Cidade. Modernização. Espaço. Representação.

## **SIGLAS E INSTITUIÇÕES PESQUISADAS**

AN – Arquivo Nacional

ANL – Academia Norte-riograndense de Letras

APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

APERN – Arquivo Público Estadual do Rio Grande do Norte

ASP – Arquivo Sylvio Pedroza

BCZM – Biblioteca Central Zila Mamede – UFRN

BN – Biblioteca Nacional

IHGRN – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

CDCES – Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza

CNC – Confederação Nacional do Comércio

CPDOC – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FJA – Fundação José Augusto

## ÍNDICE DE IMAGENS

**IMAGEM DE CAPA** – Desenho feito por Rubens, representando Sylvio Pedroza e algumas das suas obras promovidas enquanto Prefeito de Natal e Governador do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, s/d.

### CAPÍTULO I

- FIGURA 1.1** – Fotografia da casa de importação e exportação Warton Pedroza S. A., fundada em 1917 por Fernando Gomes Pedroza, pai de Sylvio Pedroza. Natal, s/d. CDCES/FJA.....28
- FIGURA 1.2** – A manchete exalta a administração Sylvio Pedroza e associa a imagem da Avenida Circular ao nome do prefeito. CDCES/FJA.....45
- FIGURA 1.3** – A manchete exalta a política de Sylvio Pedroza e o aspecto urbano de Natal. CDCES/FJA. ....55
- FIGURA 1.4** – Imagem do jornal fluminense *Diário Trabalhista*, destacando a construção de uma das praças feitas na Praia do Meio. Rio de Janeiro, 25 ago. 1948. CDCES/FJA.....58
- FIGURA 1.5** – Vista aérea da cidade de Natal publicada no jornal *Diário Trabalhista*. Rio de Janeiro, 25 ago. 1948. CDCES/FJA.....58

### CAPÍTULO II

- FIGURA 2.1** – suposta chave que teria pertencido ao portão principal do Forte dos Reis Magos. Natal, 1946. CDCES/FJA. ....92
- FIGURA 2.2** – Sylvio Pedroza entrega à Alcade Municipal de San Juan, Feliza de Gautier, um exemplar do livro *História da Cidade do Natal*. Porto Rico, abr. 1948. CDCES/FJA..97
- FIGURA 2.3** – Timbre de “Historiador da Cidade do Natal”. Carta enviada por Câmara Cascudo para Sylvio Pedroza. 10 set. 1954. CDCES/FJA.....101

### CAPÍTULO III

- FIGURA 3.1** – Fotografia da entrega de veículos à Prefeitura de Natal em 1947. CDCES/FJA. ....114
- FIGURA 3.2** – Fotografia da entrega de veículos à Prefeitura de Natal em 1947 (detalhe para as orelhas do animal). CDCES/FJA. ....117
- FIGURA 3.3** – Fotografia em que é possível observar o trecho da Avenida Circular que segue em direção ao Forte dos Reis Magos. Natal. 1946. CDCES/FJA. ....123
- FIGURA 3.4** – Vista aérea antes da construção da Avenida Circular. s/d. CDCES/FJA..124
- FIGURA 3.5** – Planta baixa da Avenida Circular. 1946. CDCES/FJA. ....124
- FIGURA 3.6** – Fotografia retrata andamento das obras da Avenida Circular, em direção ao Farol de Mãe Luiza. Natal.1946. CDCES/FJA. ....124
- FIGURA 3.7** – Paisagem da Praia de Areia Preta e da Praça da Jangada após a construção da Avenida Circular e a urbanização da região litorânea de Natal. s/d. CDCES/FJA.....124
- FIGURA 3.8** –“Obras em Natal – Início do calçamento das Rocas integrando o bairro definitivamente à cidade”. Livro *Pensamento e Ação*. ....127
- FIGURA 3.9** – “A Avenida Circular avança em direção ao Forte dos Reis Magos”. Livro *Pensamento e Ação*. ....127
- FIGURA 3.10** – Fotografia das Rocas em que evidencia-se o lado ‘atrasado’ do bairro. CDCES/FJA.....132
- FIGURA 3.11** – Nesse plano observa-se uma das ruas calçadas do bairro das Rocas que faz a ligação com os bairros da Ribeira e Cidade Alta. CDCES/FJA.....132
- FIGURA 3.12** – Urbanização das praias de Natal. Fotografia que evidencia o calçamento para veículos e calçadas. CDCES/FJA.....133

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> - <i>A busca da Natal moderna</i> .....	13
<b>CAPÍTULO I</b> - Sylvio Pedroza e sua Natal moderna em manchete: <i>a função dos periódicos jornalísticos na construção da Natal moderna</i> .....	24
1.1. <i>Espaços em letras, letras em marcos</i> .....	35
1.2. <i>A construção da Natal moderna nos relatos jornalísticos de Recife e Rio de Janeiro</i> .	49
1.3. <i>Os jornais e a construção da memória de uma Natal moderna</i> .....	60
<b>CAPÍTULO II</b> - O Plantador de cidades e o Jardineiro Fiel: <i>A cidade e a construção da Natal moderna de Sylvio Pedroza por Câmara Cascudo</i> .....	66
2.1. <i>uma cartografia para a Natal (e gestão) de Sylvio Pedroza</i> .....	70
2.2. <i>A Avenida Circular e as obras de modernização da cidade: a inserção da política urbana de Sylvio Pedroza na história oficial de Natal</i> .....	84
2.3. <i>Consolidando a legitimação: Câmara Cascudo, Sylvio Pedroza e os símbolos da cidade</i> .....	91
<b>CAPÍTULO III</b> - A afirmação do moderno através do Arquivo Sylvio Pedroza: <i>o arquivo como espaço de inscrição da cidade e do sujeito moderno</i> .....	104
3.1. <i>As fotografias constroem as paisagens modernas</i> .....	112
3.2. <i>As fotografias fundem a cidade e o homem</i> .....	126
3.3. <i>As correspondências que constroem o homem influente e articulado: de Natal a Brasília</i> .....	134
<b>CONCLUSÃO</b> .....	141
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	146

## INTRODUÇÃO

### *A busca da Natal moderna*

O propósito deste trabalho é analisar as transformações sofridas pelo espaço urbano da cidade do Natal durante a gestão do prefeito Sylvio Piza Pedroza (1946-1950). Neste intuito, nos esforçamos em analisar em que sentido os discursos e as respectivas representações da cidade moderna foram responsáveis pela construção de novos espaços na capital do Rio Grande do Norte, espaços que por sua vez, foram utilizados para justificar duplamente a gestão Piza Pedroza, e o próprio prefeito enquanto exemplos de um momento de modernidade e progresso da cidade.

No período de 1946 a 1950, governo e governante utilizam-se do espaço público e das obras de modernização espacial no sentido de legitimar suas ações e plataformas políticas. Tal intento visa a construção de representações positivas acerca desses agentes políticos. Na história, não foram poucos os políticos que buscaram ser lembrados e se inserirem na história das cidades por meio da construção de prédios, ruas, avenidas, toponímias, enfim, através de intervenções urbanísticas que mais tarde viriam a se tornar marcos memorialísticos de determinados sujeitos ou grupos políticos.<sup>1</sup>

Na segunda metade da década de 1940, a cidade de Natal foi administrada por Sylvio Piza Pedroza, cujas ambições políticas estiveram em grande parte, relacionadas às questões do reordenamento urbano da cidade, implementado a partir de práticas de modernização espacial, o que de fato ocorreu com a construção de avenidas, ruas, calçamentos, criação de novos bairros, além da instalação e ampliação da rede energética e de saneamento da capital, principalmente naqueles espaços que Câmara Cascudo definiu como *bairros exteriores*, um conjunto de bairros de trabalhadores, de pessoas carentes.

Natal foi uma das cidades brasileiras mais afetadas pela Segunda Guerra Mundial. Basta lembrarmos que no período compreendido entre 1943 e 1945 a capital potiguar ficou

---

<sup>1</sup> Um curta e curiosa análise da utilização de espaços públicos para marcar nomes próprios, construindo mitos, pode ser encontrada em uma crônica de Peter Burke, “que há em um nome de rua?”. BURKE, Peter. *O historiador como colunista: ensaios para a Folha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 278-282.

mundialmente conhecida como “Trampolim da Vitória”, visto sua utilização enquanto ponto aéreo estratégico na ligação entre o continente americano e o continente africano, pois serviu como ponto de pouso e decolagem dos aviões aliados que vinham dos Estados Unidos em direção a Dakar, na África.

Foi ainda nesse período que a cidade se viu mergulhada em profundas transformações urbanas, fruto do grande investimento das Tropas Aliadas, que além de promoverem intervenções no melhoramento de estradas e ruas, possibilitaram a construção do primeiro aeroporto da cidade, a Base Aérea de Parnamirim, possibilitando o desenvolvimento aeroviário da região metropolitana de Natal. Foi após esse período de efervescência social, cultural e econômica, além do aumento em mais de 100% da sua população, que Natal se achava, em 1946, administrada por um prefeito de 26 anos, vindo do Rio de Janeiro e pouco conhecido no cenário político do Rio Grande do Norte.

Apenas o apoio de João Câmara, do líder do PSD no Rio Grande do Norte, o sobrenome ligado à família comercialmente mais poderosa do Estado, e a herança genética com os Albuquerque Maranhão (tradicional família do cenário político natalense) ligava Sylvio Pedroza à sua terra natal. Emergia, junto ao novo “governador da cidade”, uma forma diferente de fazer política, baseada quase que exclusivamente na modernização do espaço urbano, algo semelhante às práticas urbanísticas implementadas na capital durante a Segunda Guerra Mundial, ou mesmo à política de urbanização que vinha ocorrendo no Rio de Janeiro, desde a gestão de Pereira Passos, nos primeiros anos de 1900.<sup>2</sup>

Mais do que em qualquer outro período da história, graças à infinidade de recursos de mídia, vemos em nossos dias o quanto as imagens das cidades e as obras operadas nestas são utilizadas como mecanismos de propaganda na construção de discursos sobre o moderno, que, por seguinte são assimilados por discursos de agentes políticos que desejam ser vistos e lembrados como progressistas, “homens à frente de seu tempo”. Nesse sentido, o caso Sylvio Pedroza é bastante exemplar. As memórias que se consolidaram a seu respeito estão intimamente relacionadas às obras de modernização do espaço urbano durante sua gestão frente à frente da Prefeitura de Natal.

---

<sup>2</sup> Ambiente que Sylvio Pedroza presenciou na década de 1930 quando, morando na Capital Federal tornou-se bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Nosso trabalho, portanto, se propõe a discutir as seguintes questões: de que forma o espaço da cidade foi utilizado por Sylvio Pedroza no sentido de marcar sua passagem enquanto prefeito e se inserir na história política de Natal? Quais as estratégias adotadas para transformar a cidade em espaço de legitimação fundamental de uma Natal moderna? Quais os espaços da cidade foram elencados enquanto marcos de modernidade e que tiveram sido implementados na administração Piza Pedroza?

Os espaços elencados como marcos da modernidade da cidade que serão tratados no decorrer do texto, podem ser pensados enquanto lugares de memória, pois, como sugere Pierre Nora, eles foram criados “porque não há mais meios de memória”, os seja, a memória por si só não se consolida e se perpetua sem ser deturpada com o tempo. Essa efemeridade da memória faz com que determinados espaços sejam investidos de rituais e mitos, atuando dessa forma como meios de lembrança concentrada, para que sujeitos ou grupos investiam seus esforços em prol da materialização da sua memória, de suas tradições, constituindo “um jogo da memória e da história”, acreditando-se que a materialização transforma a memória em monumento histórico a ser imortalizado e visualizado através de meios físicos.<sup>3</sup>

Durante a administração de Sylvio Pedroza, as várias obras urbanas realizadas por sua gestão ganharam status de lugares de memória e passaram a compor o imaginário acerca de como foi possível criar um ambiente de modernidade em Natal entre 1946 e 1950. Nesse cenário, Sylvio Pedroza era visto como o agente responsável por um momento de progresso da cidade que, sem comprometer a tradição dos espaços centrais da cidade (Ribeira e Cidade Alta), integrava os outros bairros da cidade através da construção de ruas, avenidas e praças pública. No entanto, como será possível perceber nos discursos memorialísticos, essas transformações urbanas serão tomadas por si sós, e serão tidas como responsáveis pela constituição de um período moderno da história política natalense.

O interesse pelo tema e o objeto da pesquisa ocorreu durante o período da graduação, quando pesquisando sobre Câmara Cascudo pude ter acesso à documentação do Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza (CDCES), da Fundação José Augusto (FJA). Esse Centro de Documentação tem a guarda do Arquivo Sylvio Pedroza (ASP)

---

<sup>3</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: PROJETO HISTÓRIA. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1993. v. 10. p.21-22.

composto exclusivamente por documentos referentes à sua trajetória enquanto homem público, principalmente no que concerne às suas estadias em Natal, Rio de Janeiro e Brasília.

Na imensa quantidade de documentos do ASP é possível encontrar correspondências de importantes nomes das letras e da política brasileira, desde potiguares como é o caso de Câmara Cascudo, até influentes políticos do cenário nacional, como Getúlio Vargas, João Goulart, Juscelino Kubitscheck, João Havelange e uma série de outros políticos, empresários e letrados brasileiros e estrangeiros que ocuparam posições de relevância no cenário econômico, político e cultural do século XX.

Nesse arquivo composto por mais de um milhar de fotografias, centenas de correspondências, discursos e recortes de revistas e jornais, uma característica chama atenção: a prioridade que os organizadores do ASP atribuíram à gestão de Sylvio Pedroza enquanto prefeito de Natal e as obras de reordenação urbana promovidas no período. Os registros documentais sobre essa fase da sua vida se sobrepõe inclusive àquelas nas quais Sylvio Pedroza ocupou os cargos de governador do Rio Grande do Norte e em seguida de subchefe da Casa Civil nos governos de Juscelino Kubitscheck e João Goulart. Dada a relevância e o enfoque que a documentação do ASP confere a esse período em especial, resolvemos trabalhar basicamente com o período da gestão Piza Pedroza frente à Prefeitura de Natal na década de 1940.

A escolha temporal justificasse, pela quantidade significativa de fontes sobre o período e pelo fator tempo; abarcar toda documentação do ASP mais as fontes conseguidas em outras instituições acarretaria um trabalho com uma gama de informações que poderia tornar o trabalho frágil ou inviável. A limitação temporal escolhida (1946-1950) não impossibilita a referência a outros momentos da vida de Sylvio Pedroza quando necessário for, nem muito menos a elaboração de trabalhos futuros que utilizem a documentação pós 1950. Apenas achamos prudente, por questões metodológicas, salientar que a referência às outras administrações não será uma constante no decorrer da nossa análise. Por enquanto, os prazos só permitiram analisar um período, por isso a escolha daquele que acreditamos ser o mais rico em fontes de informação, aquele no qual Sylvio Pedroza ocupou o cargo de “governador da cidade” de Natal entre 1946 e 1950.

Com base no que encontramos no ASP e o fácil acesso à documentação após acordo com a diretoria do CDCE, a pesquisa tornou-se viável, o que possibilitou traçar os objetivos pretendidos. Contudo, não apenas a acessibilidade às fontes justifica o interesse pelo recorte espaço-temporal que escolhemos. Além das justificativas tratadas a pouco, outra, de caráter teórico, foi fundamental na escolha do tema e período: as fontes encontradas permitiram a discussão de uma questão contemporânea que muito inquieta a historiografia e, por consequência, constantemente frequenta os escritos de historiadores, arquitetos e urbanistas contemporâneos: trata-se da relação modernidade, modernização e cidade.

Em nível nacional e internacional a produção historiográfica que trata desse tema já é há muito difundida e debatida. No Rio Grande do Norte, com exceção de poucos trabalhos dos departamentos de História e de Arquitetura e Urbanismo (o segundo com um número bem mais expressivo em relação ao primeiro),<sup>4</sup> a discussão em torno dos conceitos de modernização, modernidade e cidade ainda é muito frágil, se comparado por exemplo aos trabalhos produzidos no Rio de Janeiro ou São Paulo. Nosso trabalho é apenas mais um que trata dessa questão, buscando contribuir com a análise de um período riquíssimo, mas ainda não estudado com a profundidade necessária, visto a enorme gama de possibilidades de análise e a acessibilidade às fontes de pesquisa.<sup>5</sup>

O que pretendemos em nossa análise é questionar a relação entre discurso e produção de sentido; cidade e modernidade. Embora as mudanças espaciais sejam indicadores de um processo de mudança no pensar urbanista, estas não podem ser encaradas como um momento pleno de modernidade, visto que tal conceito não se esgota enquanto adjetivo espacial, ultrapassa na verdade, o limite físico do espaço, devendo ser compreendido como uma mudança no modo de pensar de uma época e de tomadas de atitude que contestam o tradicional, o conservador.

---

<sup>4</sup> São exemplos importantes dessa produção: *O corpo e a alma da cidade* organizado por Raimundo Arrais do Departamento de História e *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna* organizado por Angela Ferreira do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ambos produzidos editados pela UFRN.

<sup>5</sup> Dos livros que se reportam à administração de Sylvio Pedroza enquanto prefeito, apenas *Nova história de Natal*, de Itamar de Souza trabalha com esse período. No entanto, essa obra não analisa em momento algum especificamente a gestão Sylvio Pedroza, resume-se a apontar fatos, números e apontamentos sobre a administração. A grande contribuição do livro está nos registros numéricos e na citação de documentos que auxiliaram nossa pesquisa.

A questão da modernidade inquieta historiadores da atualidade como Peter Burke, quando em um dos seus mais recentes livros alerta justamente para a complexidade desse conceito. Para Burke, “o problema do conceito de modernidade é que ele é parte de um pacote, ou de uma mala em que coisas demais foram enfiadas e por isso a tampa não se deixa fechar. É necessário esvaziar a mala e começar de novo”.<sup>6</sup> Embora utilize-se de uma metáfora despreziosa, Peter Burke alerta para o quão inchado e carregado de significados se apresenta na atualidade o conceito de modernidade. Para ele, o adjetivo moderno vem sendo percebido não como “um termo histórico, preciso, mas um dispositivo retórico, permitindo que uma geração após outra reivindique a qualidade de ser especial, deixando às gerações futuras o problema de fazer a reivindicação semelhante por meios diferentes”.<sup>7</sup>

Nesse contexto sinalizado por Peter Burke, o uso retórico da noção de modernidade atua justamente como um desses dispositivos que marcam especialmente grupos políticos ou gerações que, desejando se inscrever na história de determinadas sociedades, constroem e demarcam seus lugares de memória no intuito de perpetuarem seus feitos, transformando suas passagens pelo poder em história.

A utilização equivocada do conceito de modernidade, sutilmente denunciada por Peter Burke foi cuidadosamente analisada pelo Reinhart Koselleck. Em seu livro *Futuro Passado*, o teórico alemão dedica um capítulo significativo no debate em torno do tema modernidade. A partir de uma genealogia do conceito, Koselleck afirma que a ideia de modernidade está significativamente atrelada à ideia de movimento, relação que emerge no início do século XIX, quando se buscava construir uma diferença entre aquele período de efervescência industrial, no qual se encontrava a liberal Europa, e os períodos anteriores, associados ao atraso econômico.

Segundo Reinhart Koselleck era no cenário europeu do século XIX que seus atores buscavam se afirmar enquanto diferentes e a expressão tempo moderno, que surge nesse período, e que também é sinônimo de modernidade, “apenas qualifica o tempo como novo, sem informar sobre o conteúdo histórico desse tempo ou desse período”, ou seja, o uso de um ou de outro termo possuía o mesmo significado no início do século XIX; ambos

---

<sup>6</sup> BURKE, Peter. *O historiador como colunista: ensaios para Folha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.165

<sup>7</sup> BURKE, Peter. *O historiador como colunista*, 2010. p. 164-165.

visavam caracterizar esse período como um tempo de mudança, de um pretenso avanço da sociedade europeia.<sup>8</sup>

No decorrer da análise que faremos sobre a cidade de Natal na administração Sylvio Pedroza, será possível perceber como a ideia do moderno é sempre utilizada para caracterizar a gestão e a cidade. Durante os capítulos, buscaremos discutir os limites da modernidade e a distinção entre o próprio conceito de modernidade e o de modernização, principalmente, quando tratarmos o processo de urbanização da cidade. Por isso, utilizaremos como parâmetro teórico a proposta de Raymundo Faoro, quando em artigo acerca da diferença conceitual entre modernidade e modernização afirma que, na prática,

a modernidade compromete, no seu processo, toda a sociedade, ampliando o raio de expansão de todas as classes, revitalizando e removendo seus papéis sociais, enquanto que a modernização, pelo seu toque voluntário, se não voluntarista, chega à sociedade por meio de um grupo condutor, que privilegiando-se, privilegia setores dominantes.<sup>9</sup>

Outra visão semelhante à do sociólogo paulista pode ser encontrada na análise sobre a modernidade feita por Michel Foucault, em um ensaio intitulado “O que são as luzes?”. A partir da visão sobre a modernidade proposta por Foucault nesse texto passamos a perceber a administração Piza Pedroza como um momento de modernização e não de modernidade, já que, com base no filósofo francês, a modernidade não pode ser entendida como algo que é independente de época ou lugar, pois, a modernidade na verdade, deve ser percebida como uma mudança subjetiva que se opera na forma de cada um compreender e encarar o presente, pensar diferente de um modelo tradicional convencionalmente estabelecido.

Desconfiar e indagar sobre o que parece óbvio e construir um olhar crítico acerca das instituições e relações pessoais, percebendo “a modernidade mais como uma atitude do que um período da história”,<sup>10</sup> designa, uma atribuição de valor mais justa ao conceito de modernidade. Ainda, segundo afirma Michel Foucault, o conceito de modernidade será

---

<sup>8</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 268-270.

<sup>9</sup> FAORO, Raymundo. A questão nacional: a modernização. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 1992. v. 6. n. 14. 1992. p. 8.

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. “O Que São as Luzes?”. In. *Ditos & Escritos: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. 2. p. 341.

melhor compreendido se associado a “uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa”, não como um marco temporal ou espacial aplicado por um poder de determinada época.<sup>11</sup>

Como poderá ser percebido na análise da documentação produzida durante e sobre a Natal da gestão Piza Pedroza, a relação entre os conceitos de modernidade e modernização é homogeneizada e naturalizada pelo discurso político e jornalístico. A esses conceitos é atribuído um sentido único, sempre relacionados e reportados à ideia de progresso e desenvolvimento do espaço urbano da capital. Outras variáveis, referentes a uma possível modernidade sociocultural e/ou econômica é descartada das narrativas memorialísticas e jornalísticas. Nesse sentido, a política de Sylvio Pedroza é singular quando procuramos analisar de que forma o seu discurso e daqueles que sobre ele fala se apropria do conceito de modernidade urbana para creditar valor ao sujeito e a administração, no intuito de demarcar o seu grupo político na história e no espaço da cidade.

Sabendo o quanto a memória política de Sylvio Pedroza está associada ao espaço da Natal moderna pretensamente possibilitada por sua administração, partimos da hipótese de que determinados suportes foram utilizados no sentido de corroborar o discurso memorialístico que destaca o ex-prefeito como um homem-marco da política natalense, graças à sua atuação no sentido de modernizador do espaço urbano.

Sylvio Pedroza produziu e estimulou a criação de três modalidades de espaços na cidade, que foram fundamentais na sustentação do discurso da administração moderna: espaços sempre reportados como exemplos que legitimam a construção discursiva sobre a modernidade da administração municipal na década de 1940. São eles: a) os espaços (bairros, ruas, avenidas) da cidade que passaram pelo processo de modernização urbana durante sua gestão, os quais, inclusive, foram incessantemente exploradas pelos jornais; b) o livro *História da Cidade do Natal*, escrito por Luis da Câmara Cascudo e que foi utilizado como instrumento de legitimação de Sylvio Pedroza enquanto gestor público; e c) o Arquivo Sylvio Pedroza (ASP) da FJA enquanto espaço de recordação e guardião de

---

<sup>11</sup> Ibid. p. 342.

imagens e discursos selecionados que legitimam o discurso sobre o moderno que aparecem nas memórias de Sylvio Pedroza.

Cada um desses suportes da memória do prefeito moderno e modernizador será tratado em capítulos específicos. No primeiro, a partir da análise dos discursos dos periódicos do período em que Sylvio Pedroza foi prefeito de Natal observamos quais os espaços da cidade foram elencados como sendo modernos e modernizados pelo prefeito se construindo assim lugares de inscrição dessa memória. Acreditamos que esses espaços da cidade contribuíram significativamente para a construção da representação de Sylvio Pedroza como um administrador público moderno. Sabe-se, inicialmente, que o ex-prefeito teve uma preocupação excessiva com relação às imagens da cidade produzidas e veiculadas pelos jornais durante sua gestão, hipótese que explicaria as centenas de recortes de jornais presentes no ASP. Entendemos, que o papel exercido pelos periódicos na seleção das paisagens modernas da cidade e o estabelecimento da relação entre esses espaços e a figura de Sylvio Pedroza foi fundamental no processo de construção da memória que se cristalizou em torno de sua administração, que é lembrada pelas obras de remodelação urbana ocorridas entre 1946 e 1950.

No segundo capítulo passaremos a analisar o livro *História da Cidade do Natal* escrito por Câmara Cascudo e a relação do livro e seu autor com Sylvio Pedroza. Acreditamos que tanto a concepção do livro quanto a relação de Câmara Cascudo com o prefeito foi fundamental para a inserção de Sylvio Pedroza na história da cidade de Natal, além de caber ao erudito a função de legitimar o prefeito forasteiro frente à sociedade natalense do período. *História da Cidade do Natal* pode, portanto, ser considerado um espaço em que Sylvio Pedroza é inscrito e escrito na própria história da cidade em que biografia e espaço se articulam, o que justifica sua escolha enquanto objeto de análise do discurso que constrói a cidade como moderna nesse período.<sup>12</sup> No mais, o livro escolhido para nossa análise fornece indícios preciosos de como a cidade era concebida pela visão de

---

<sup>12</sup> Segundo Michel Foucault, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 8-9. Sendo assim, a fim de identificar e examinar os procedimentos percorridos para a construção da Natal moderna é que utilizaremos à *análise do discurso* proposta por Foucault como recurso metodológico de análise das narrativas.

Sylvio Pedroza e Câmara Cascudo na década de 1940. Essa percepção, como se verificará, é fruto de uma cartografia da capital feita por Câmara Cascudo em que Natal é apresentada aos leitores como uma cidade desarticulada, carente de integração dos seus espaços. História da Cidade do Natal mostrará que a partir da gestão Piza Pedroza a cidade passava aos poucos a se transformar devido às ações urbanísticas promovidas pela Prefeitura.

Por último, resolvemos analisar no decorrer do terceiro capítulo, o espaço do próprio arquivo organizado e doado por Sylvio Pedroza à Fundação José Augusto (FJA). O ASP é portanto, um lugar de memória, um espaço de inscrição biográfica sobre e de Sylvio Pedroza, e onde se visualiza sua última tentativa como ex-prefeito em articular sua vida e as transformações no espaço da cidade que promoveu. Como será possível perceber, a seleção das fontes mantidas no acervo documental está fundamentalmente relacionada à política de modernização urbana de Natal, do Rio Grande do Norte e de Brasília, todas com um grau de participação maior ou menor de Sylvio Pedroza. As escolhas documentais que fiz estão presididas pela intenção de se construir como o prefeito que modernizou e se imortalizou nas ruas, praças e recantos da cidade.

Fotografias, cartas, telegramas, plantas da cidade, documentos administrativos são em sua maioria testemunhos das obras operadas por Sylvio Pedroza enquanto prefeito, logo, a análise qualitativa e quantitativa das fontes aponta para quais aspectos e lugares da cidade seriam utilizados como marcos espaciais da administração Piza Pedroza. A disposição e organização desse acervo sugere a intenção nas escolhas dos eventos que não deveriam ser esquecidos, na medida em que sua disponibilidade para consulta pública indica quais os eventos o ex-prefeito desejava que fossem lembrados.

Percebendo a lógica de organização do ASP podemos entender a preocupação em manter os documentos que ‘provassem’ os benefícios de Sylvio Pedroza para Natal, o que também explicaria a importância de se designar uma grande quantidade de lugares de memória e estratégias de não esquecimento espalhada e plasmada em determinados espaços urbanos da cidade

Em suma, a escolha do tema implica estar dialogando com duas questões contemporâneas: o uso do espaço público enquanto ferramenta de afirmação e lugar de memória de determinados grupos e a função do discurso na construção de espaços modernos e espaços de lembrança utilizados como ferramentas de legitimação de grupos

e/ou governantes. No caso do Rio Grande do Norte é sabido que famílias se perpetuam no poder público por anos a fio o que, de imediato, indica o caráter conservador da sua população no que se refere à mudanças de ordem política.

Talvez, a grande contribuição de nossa análise esteja em buscar um momento específico da história natalense e, com ele, buscar explicações que nos ajudem a entender como determinados grupos e sujeitos políticos utilizam-se do espaço público para, com isso, se inserirem na história de Natal. Sylvio Pedroza nos ajuda a entender as estratégias e agentes que colaboram para a construção e manutenção de determinados grupos políticos vivos no imaginário social, embora, às vezes essas estratégias não se mostrem tão eficientes como pensavam ser seus idealizadores.

## Capítulo I

### **Sylvio Pedroza e sua Natal moderna em manchete:** *a função dos periódicos jornalísticos na construção da Natal moderna*

*A imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes. Compete ao historiador reconstituir os lances e peripécias dessa batalha cotidiana na qual se envolvem múltiplas personagens. Desde seus primórdios, a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e temem; por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais. Os que manejam a arma-jornal têm uma variada gama de opções entre o domínio das consciências e a liberdade; os alvos que procuram atingir são definidos antes da luta, mas o próprio movimento da história os leva, muitas vezes a mudar de rumo.<sup>13</sup>*

O ano era 1946. Há pouco havia terminado a Segunda Guerra Mundial e Natal tentava se acostumar novamente a um cotidiano mais calmo, semelhante àquele anterior à presença das 'Tropas Aliadas' pelas ruas da capital. Os jornais da cidade noticiavam as mudanças que ocorriam no plano político nacional e quais seriam os reflexos dessas mudanças para o Rio Grande do Norte e para Natal. Os dois anos de permanência das Tropas Aliadas dariam lugar a um governo que não mais se preocuparia com o clima reinante de guerra, mas com uma cidade de população inflacionada e com inúmeros problemas urbanos a serem resolvidos.

Nesse capítulo, o objetivo será analisar de que forma a imprensa escrita natalense, recifense e carioca, construiu as imagens dessa Natal pós-guerra, mais precisamente acerca

---

<sup>13</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

da política de modernização urbana iniciada pela administração de Sylvio Piza Pedroza como prefeito da capital potiguar a partir de 1946. No entanto, antes, faz-se necessário entender qual era o clima e as condições políticas que possibilitaram a escolha desse nome para a chefia do executivo natalense e qual foi a posição dos periódicos natalenses em relação à nova administração municipal.

Ocupando interinamente o cargo de Presidente da República, o presidente do Supremo Tribunal Federal José Linhares passou a designar os interventores, que por sua vez nomeariam os prefeitos dos municípios dos seus respectivos estados. No Rio Grande do Norte, o nome escolhido para o governo foi o do industrial natalense Ubaldo Bezerra de Melo, membro de expressão dentro dos quadros do Partido Social Democrático (PSD) no estado. Nos jornais da época lia-se que: “por decreto do Presidente da República, foi nomeado, ontem, o Interventor do Estado do Rio Grande do Norte o sr. Ubaldo Bezerra de Melo, proprietário da Usina “Ilha Bela”, do município de Ceará-Mirim, e chefe da firma Bezerra & Cia., desta capital”.<sup>14</sup> A partir da decisão vinda da capital federal, a expectativa passou a girar em torno do nome escolhido para ocupar a cadeira principal do Palácio Felipe Camarão, sede da Prefeitura de Natal.

As dúvidas começaram a se desfazer já com a chegada de Ubaldo Bezerra na Base Aérea de Parnamirim, em fevereiro de 1946. A comitiva do novo governador vinda do Rio de Janeiro vinha composta pelo presidente do PSD no Rio Grande do Norte, João Câmara, e Sylvio Piza Pedroza, filho do mais importante industrial do Estado, Fernando Gomes Pedroza, amigo e aliado de ofício e político de Ubaldo Bezerra de Melo. Foi justamente o nome de Sylvio Pedroza o escolhido pelo novo Interventor para comandar temporariamente a Prefeitura de Natal até as eleições de 1947, quando, em tese, seria escolhido um novo nome para o cargo.

Embora fosse grande a expectativa para a escolha do novo prefeito, a chegada de Sylvio Pedroza acompanhando Ubaldo Bezerra foi noticiada de forma tímida pelos jornais da capital, apenas pequenas notas noticiavam o retorno do filho do industrial Fernando Pedroza a Natal. Esse acanhamento dos jornais deixa evidente que até então a imprensa local não tinha noção de que Sylvio Pedroza seria o novo prefeito da cidade. Na ocasião de sua chegada, o jornal natalense *A República* trouxe uma pequena nota afirmando que,

---

<sup>14</sup> INTERVENTOR UBALDO BEZERRA. *A República*. Natal. 5 fev. 1946.

“acompanhando o Interventor Ubaldo Bezerra de Melo regressou, ontem, da metrópole do país, o Dr. Sylvio Piza Pedroza, industrial deste Estado e ex-membro do extinto Conselho Administrativo. No Aeroporto, em Parnamirim, foi recebido por amigos e admiradores”.<sup>15</sup> Somente notas dessa natureza puderam ser lidas sobre Sylvio Pedroza, nenhuma notícia especulava acerca do seu nome como novo prefeito de Natal, o que reforça a hipótese de que o nome do novo chefe do executivo ainda era uma incógnita, mesmo após a chegada de Ubaldo Bezerra.

Em 1946, Sylvio Piza Pedroza retornava a Natal após uma longa estadia na capital fluminense, onde se formou bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Pouco antes havia cursado o então ensino secundário em Londres, na Inglaterra. Em seu retorno a Natal, aos vinte e seis anos, Sylvio Pedroza passou a ocupar o cargo de prefeito, sustentado por seu padrinho político, João Câmara, já que até então apenas havia ocupado um cargo no Conselho Administrativo pelo Rio Grande do Norte – entidade que durante o Estado Novo concentrava toda tarefa legislativa dos estados e municípios –,<sup>16</sup> nomeado por Getúlio Vargas, em abril de 1945. Em suas memórias políticas, Sylvio Pedroza afirmara que foi João Câmara o responsável por sua inserção no círculo político local, pois sua participação na vida política da cidade enfrentava forte oposição por parte da sua família.

Minha mãe, paulista, opôs-se formalmente: “os Pedroza são comerciantes, nunca foram políticos, não se meta nisso, política não é boa coisa, e você nunca será bom político”.

O único argumento que pôde convencê-la foi o fato de minha indicação para o cargo partir de João Câmara, pessoa que lhe merecia a maior consideração, não só por sua condição de grande nome no Estado, como pelo fato de haver trabalhado como meu pai em negócios de algodão. Se ele me apoiava, é porque acreditava que eu teria condições de bem servir a minha cidade. E eu estava disposto a não frustrar essa confiança.<sup>17</sup>

A memória construída por Sylvio Pedroza acerca da sua entrada na política contrasta com a herança política da sua família. Se por um lado carregava o sobrenome dos Gomes Pedroza, por outro era descendente direto dos Albuquerque Maranhão, a família

<sup>15</sup> DR. SILVIO PEDROZA. *A República*. Natal. 13 fev. 1946.

<sup>16</sup> SHOZO, Motoyama (org.). *USP 70 anos: imagens de uma história vivida*. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 29.

<sup>17</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação: marcos de uma trajetória de governo*. Natal: Fundação José Augusto, 1984. p. 64-65.

mais tradicional e influente politicamente do Rio Grande do Norte após a proclamação de República. Além do mais, o mais importante membro dessa família, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, era avô de Fernando Gomes Pedroza, pai de Sylvio Piza Pedroza. O fato de possuir linhagem familiar direta com a mais poderosa família dos círculos político local, credenciava Sylvio Pedroza a iniciar sua trajetória política amparado por um forte padrinho político, João Câmara, e um influente sobrenome político e econômico do Estado. O novo prefeito de Natal era, portanto, a personificação da aliança entre a família mais rica e a mais influente da política local.

Os Gomes Pedroza foram proprietários por anos a fio, da mais importante entidade comercial do Rio Grande do Norte, graças à operação de um porto, da própria família, fundado na região do Guarapes, atual município de Macaíba, mas que durante muitos anos foi território natalense. Durante o século XIX o porto do Guarapes teve maior tráfego de mercadorias do que o de Natal, em muito devido à empresa de importação e exportação de Fabrício Gomes Pedroza, sucedido, em 1917, por seu filho Fernando Gomes Pedroza. A empresa, *Warton Pedroza S. A.*, era a maior responsável pelo comércio do Estado, graças à exportação de produtos advindos do interior do estado, principalmente o transporte, manufatura e venda da produção algodão.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> No capítulo Comércio e Comerciantes de *História da Cidade do Natal*, Luis da Câmara Cascudo constrói uma narrativa que centraliza a família Gomes Pedroza como sendo a mais influente do círculo comercial norte-rio-grandense. Essa centralidade está fundamentalmente associada à Casa de Importação e Exportação de Fabrício Pedroza, que possuiu durante muitos anos essa que era a maior instituição comercial do Estado, além de ser responsável pela fundação do Porto dos Guarapes, atual município de Macaíba que, segundo Cascudo, rivalizou diretamente com o Porto de Natal, chegando por vários momentos ter um movimento comercial superior ao da capital. CASCUDO, Luis da câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 295-298.



**Figura 1.1:** Fotografia da casa de importação e exportação Warton Pedroza S. A., fundada em 1917 por Fernando Gomes Pedroza, pai de Sylvio Pedroza. A empresa ficou conhecida por, na época, ser responsável pelo comércio de algodão no Rio Grande do Norte no início do século XX. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

Mesmo com todo um cenário político favorável, em seu livro de memórias Sylvio Pedroza haveria de afirmar anos mais tarde, que voltara para Natal “obedecendo a um chamamento interior”, embora logo em seguida mostrasse que retornava na verdade amparado politicamente, “tendo como lastro o nome de mau pai, Fernando”.<sup>19</sup>

Foi sustentado nesse aparato político e familiar que Sylvio Pedroza foi aos poucos sendo introduzido no cenário social natalense através dos jornais da capital, que, ao se reportarem ao seu nome, sempre faziam referência à sua herança familiar e à educação distinta que tivera graças a sua condição social. O novo chefe do executivo natalense era narrado como um verdadeiro *gentleman*, um sujeito moderno, com educação refinada e que voltara a Natal após décadas de estudos no Rio de Janeiro e Londres.

Educado na Inglaterra e conhecendo vários países do Globo, tem o dr. Sylvio Pedroza, que é bacharel de direito, credenciais para governar, com descortínio [sic], a cidade que se tornou a “esquina do mundo”. Por outro lado, pertencendo a uma família que tem raízes tradicionais no Estado, pelo seu espírito progressista e empreendedor, de que é exemplo seu ilustre e saudoso pai, Fernando Pedroza, pode o novo prefeito natalense associar os seus conhecimentos universais às exigências práticas da vida

---

<sup>19</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*. Natal: Fundação José Augusto, 1984. p. 64.

de uma cidade, como a nossa, cujo destino é crescer e expandir cada vez mais – apressando o seu progresso.<sup>20</sup>

Essa imagem de Sylvio Pedroza construída discursivamente pelo jornal *A Ordem* não se distingue das demais narrativas produzidas por outros periódicos natalenses do período. O que se percebe é uma clara sintonia entre todos os periódicos no que se refere à construção da imagem de Sylvio Pedroza como um homem moderno. Em boa medida, a imprensa escrita sempre manteve uma relação amistosa e de enaltecimento com relação à figura do novo prefeito. À época, Natal possuía três importantes jornais com grande circulação: *O Diário*, *A Ordem* e *A República*.

*O Diário* foi fundado em 1939 por um grupo formado por: Aderbal França, Waldemar Araújo, Rivaldo Pinheiro e Djalma Maranhão. Em 1947 passou a se chamar *Diário de Natal*, que segundo o escritor Manoel Rodrigues de Melo “seguia, assim, a linha do grande jornalista Assis Chateaubriand, que defendia a tese da fundação de um jornal em cada cidade, de porte grande ou médio, para a defesa das tradições e dos interesses de cada unidade geográfica”. Na década de 1940, o jornal foi dirigido por Edilson Varela, tendo como redatores Edgar Ferreira Barbosa e Américo de Oliveira Costa.<sup>21</sup>

Fundado em 1889 por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, considerado principal líder republicano do Rio Grande do Norte, o jornal *A República* foi desde a sua fundação até 1932, órgão de imprensa oficial do Estado, além de ser o mais tradicional jornal semanal de Natal até a década de 1980. Importantes nomes do círculo erudito natalense como o do escritor Veríssimo de Melo<sup>22</sup> e Câmara Cascudo (com sua tradicional coluna “Acta Diurna”), puderam durante muitos anos ser encontrados nas páginas desse jornal, o que evidencia o prestígio que possuía entre o público letrado da cidade. Na década de 1940, esses dois escritores já eram colunistas de *A República* e, como veremos, foram apoiadores fervorosos da administração Piza Pedroza, principalmente Câmara Cascudo, que

---

<sup>20</sup> PREFEITO SYLVIO PEDROZA. *A Ordem*. Natal. 13 fev. 1946.

<sup>21</sup> MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987)*. 1987: 119-120.

<sup>22</sup> Grande amigo e aliado de Sylvio Pedroza, o folclorista Veríssimo de Melo formou-se bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife em 1948. Como jornalista, foi colunista e diretor do jornal *A República*, e publicou nos jornais natalenses *A Ordem*, *Diário de Natal* e mais tarde na *Tribuna do Norte*. Escreveu com certa constância artigos em jornais de Recife, dentre eles o *Jornal do Comércio*, *Diário de Pernambuco* e *Folha da Manhã*. Na década de 1950 foi nomeado Juiz Municipal de Natal e Procurador dessa mesma instituição. Ocupou a cátedra de Etnografia do Brasil na antiga Faculdade de Filosofia de Natal ainda em 1959. CARDOSO, Rejane (coord.). *400 nomes de Natal*. Natal: Prefeitura de Natal, 2000. p. 769-770.

participou diretamente na legitimação da imagem de Sylvio Pedroza enquanto político moderno.

Em todas as suas fases, *A Ordem* sempre priorizou a defesa do pensamento católico e dos valores cristãos. Ligado à Arquidiocese de Natal, o periódico católico foi fundado em 1909 pelo Grêmio Literário Pedro Velho do Colégio Atheneu Norte-Riograndense. Na década de 1940 o jornal teve como chefe de redação o jornalista Joaquim Gomes de Meira Lima e José Nazareno Moreira de Aguiar como revisor e editor, além de jornalistas e colaboradores como Jurandy Navarro e Otto de Brito Guerra, influentes nomes do meio letrado da capital e do círculo de amizades de Fernando e Sylvio Pedroza.<sup>23</sup>

Esses periódicos construíram a imagem de Sylvio Pedroza como um homem moderno com base na sua política de modernização espacial da cidade. No primeiro contato com o Arquivo Sylvio Pedroza (ASP) no Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza (CDCES) da Fundação José Augusto (FJA), nos deparamos com uma quantidade significativa de recortes de jornais colecionados pelo ex-prefeito. Nesse arquivo com mais de cinco mil documentos entre fotografias, correspondências e dados administrativos, um material em específico chama atenção: três cadernos com recortes de jornais variados acerca dos primeiros anos da administração de Sylvio Pedroza na Prefeitura de Natal. A partir desses cadernos, é possível deduzirmos a preocupação constante do prefeito em vigiar, controlar as informações que eram produzidas a seu respeito na imprensa local e nacional, com mais ênfase nas produções dos três periódicos natalenses recentemente mencionados.

Nos primeiros momentos de seu governo municipal, Sylvio Pedroza podia perceber como sua administração estava sendo percebida pelos jornais da capital que funcionavam como um termômetro de sua popularidade e controle da sua administração. A busca pela construção de uma imagem positiva nos primeiros anos de contato com a população da capital pode ser uma explicação plausível para se entender tamanha preocupação com a crítica a sua gestão. Mas o que se percebe nessas reportagens iniciais é uma imprensa receptível e afável em relação ao novo prefeito, que o retratava com certo grau de confiança e já desde o primeiro mês de sua administração alertava para a

---

<sup>23</sup> Para saber mais: MELO, Manoel Rodrigues de. 1987: 185-186. Ver também site da Arquidiocese de Natal, <<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/aordem/aohistoria.htm>> Acessado em 21 jan. 2011.

preocupação com a remodelação urbana que o prefeito anunciava, como aparece na coluna “A Cidade”, assinada pelo jornalista Danilo<sup>24</sup> em *O Diário*:

Também venho deixar aqui uma palavra sobre o novo governo da cidade. Começou ele com iniciativas auspiciosas sob o ponto de vista de melhoramentos de observação pessoal, de prosseguimento de obras, de publicidade evidentemente necessária ao administrador. Não digo que seja uma mentalidade nova a mover assuntos e interesses do município. Mas nestes poucos dias de governo, o Prefeito Sylvio Pedroza promete dar à cidade muito mais do que ela realmente necessita, tanto no aspecto urbanístico, quanto no econômico.<sup>25</sup>

Desde o início, Sylvio Pedroza parecia perceber o poder de persuasão do discurso jornalístico. Em vista disso sempre procurou construir uma relação cordial e democrática com os organismos de imprensa, os quais, em contrapartida, trabalharam na construção positiva da imagem de Sylvio Pedroza como homem público respeitável, baseado na ideia do prefeito moderno e progressista, mas ao mesmo tempo respeitador das tradições locais. Já se percebe nessa relação à desconstrução da frágil visão de Sylvio Pedroza enquanto forasteiro.

Coube também aos jornais da capital, o importante papel de promover a simbiose entre o sujeito moderno e a cidade moderna, na medida em que as ações de modernização do espaço urbano da cidade eram tomadas enquanto ações só possíveis pelo pensamento progressista do seu gestor. É nesse momento, início da sua administração municipal, que podemos perceber como a ideia de cidade e político moderno é construída para ser mais tarde imortalizada pelo discurso memorialístico acerca da administração municipal de Piza Pedroza. As medidas de intervenção urbana tomadas pela Prefeitura são narradas pelos periódicos locais como ações tipicamente de progresso, proporcionadas graças às medidas empreendedoras do seu prefeito e sua gestão moderna:

---

<sup>24</sup> Durante toda pesquisa procuramos identificar e obter informações sobre esse jornalista, Danilo. Sua coluna “A Cidade” será constantemente evocada no decorrer do nosso texto, no entanto não conseguimos encontrar informações biográficas significativas a seu respeito, somente o fato de escrever sua coluna no jornal *O Diário* durante parte da década de 1940. A partir de 1947 essa coluna passa a ser assinada por codinomes Y, W ou Z, fato é que o nome de Danilo some da coluna logo após fevereiro de 1947 *O Diário* mudou de nome e passou a se chamar *Diário de Natal*, órgão de imprensa ligado ao jornalista e empresário Assis Chateaubriand e seus *Diários Associados*.

<sup>25</sup> DANILO. A Cidade. *O Diário*. Fev. 1946.

Completo a Prefeitura do município de Natal o primeiro semestre do ano de 1946. Pode, a essa altura, ser dado um ligeiro balanço da atual administração do Prefeito Silvío Pedroza, com apenas quatro meses e dezessete dias de exercício.

Em todos os setores tem sido grande a atividade mormente da Diretoria de Obras através do projetamento [sic] e início de execução de planos e melhoramentos que muito concorrerão para o progresso de nossa Capital.<sup>26</sup>

Nessa mesma reportagem de *A República*, cujo título “As realizações da Prefeitura de Natal” já evidencia uma ideia de progresso que se associa à imagem da administração moderna, são listadas as obras de modernização urbana que naquele momento estavam em andamento na cidade. A construção da Avenida Circular, o calçamento de ruas e a abertura e reordenamento de vias de acesso aos bairros das Rocas, Quintas, Ribeira e Cidade Alta foram tomadas como exemplos desse momento de modernização urbana pelo qual Natal vinha passando, aliás, obras que mais tarde se consolidaram enquanto marcos memorialístico da administração Piza Pedroza. Essa reportagem de *A República* é talvez, a primeira em que realmente se percebe a intenção de se construir a imagem de Sylvio Pedroza como um prefeito que pensava um ambiente moderno para Natal a partir de uma política de modernização urbana da cidade.

É na listagem das “Realizações da Prefeitura de Natal” feita por essa reportagem de *O Diário*, no início do segundo semestre de 1946, que começa a figurar a imagem da obra que viria a se tornar a vedete dessa modernização urbana promovida por Sylvio Pedroza: a Avenida Circular.

Já é do conhecimento geral o esforço feito pelo atual Prefeito para executar, modificando e complementando o projeto grandioso do Engenheiro Palumbo na sua planta de sistematização da cidade do Natal e referente à construção de uma Avenida Circular com início na Praia do Meio chegando até a Praça do Cais do Porto na Ribeira [...] também foi exposto pelo Prefeito da Capital e pelo diretor da fazenda da Prefeitura em conferência pública, o plano para calçamento em parte da zona urbana da cidade. [...] a obra principal feita no bairro das Rocas foi a construção de uma via de acesso a parte alta do bairro, e a estrada de barro em toda a extensão da rua São Jorge. Outra estrada está sendo construída através da rua do Areial, por onde será feita a ligação da Ribeira, com a Avenida

---

<sup>26</sup> AS REALIZAÇÕES DA PREFEITURA DE NATAL. *A República*. Natal. 1 jul. 1946.

Circular. Está sendo feito o levantamento topográfico e cadastral, como base para seu plano de urbanização definitiva.<sup>27</sup>

Se inicialmente o aliado de primeira hora de Sylvio Pedroza, o erudito potiguar Luis da Câmara Cascudo trabalhou a construção da imagem do amigo prefeito a partir de sua herança familiar, as instituições jornalísticas natalenses exploraram incessantemente a figura de Sylvio Pedroza acentuando suas qualidades de administrador jovem, moderno e empreendedor. Como estratégia narrativa, os jornais da capital creditavam à administração do novo prefeito as melhorias urbanas que estavam em andamento nas várias partes da cidade.

O prefeito, por outro lado, percebera desde logo que a imagem do político moderno em muito estava associada à modernização de ruas, prédios, espaços públicos da cidade. Em fins de XIX e nas primeiras décadas do XX, o Rio de Janeiro passou por constantes obras de modernização espacial. Foi esse clima de mudança e de modernização do espaço urbano que Sylvio Pedroza havia presenciado quando da sua estadia na capital fluminense, período em que fez o curso Direito.

Ao tratar desse momento de modernização pelo qual se passou o Rio de Janeiro, a historiadora Cláudia de Oliveira afirma que “os “melhoramentos urbanos” tomavam os debates em torno da modernização e dominavam a paisagem da cidade”.<sup>28</sup> Tais debates são percebidos nos periódicos cariocas do período, alguns dos quais foram analisados pela historiadora percebendo de que forma o moderno era representado mapeando os ícones do moderno que eram apresentados pelas fotografias das revistas. Foi nesse momento em que a cidade representava um símbolo da modernidade, que Sylvio Pedroza viveu na Capital Federal.

N a primeira metade da década de 1940 já ocorrera um processo de modernização espacial da capital e região durante a Segunda Guerra Mundial, período em que houve um maciço investimento financeiro por parte das Tropas Aliadas, na construção de dadas melhorias urbanas, sendo o Aeroporto de Parnamirim a principal obra de modernização

---

<sup>27</sup> AS REALIZAÇÕES DA PREFEITURA DE NATAL. *A República*. Natal. 1 jul. 1946.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Cláudia de. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. 2010. p. 115.

construída na região que cercava Natal.<sup>29</sup> É após o fim do conflito que Sylvio Pedroza assume a Prefeitura de Natal. Coincidentemente ou não, a memória que se consolidou acerca da administração Pedroza fundamenta-se em muito na relação entre sujeito e espaço moderno, e foi com base nessa memória que Sylvio Pedroza construiu sua identidade enquanto político, identidade essa que foi ressaltada e reproduzida por seus amigos e memorialistas.

Da sua gestão na Prefeitura, a cidade ficara a lhe dever, entre outras coisas, a Avenida Circular, que acentuou sua identificação urbana como capital de uma unidade pobre e debilitada pela rotina de sua vida política. Despertou novos horizontes numa luta obstinada e sem recursos. Superou uma mentalidade mesquinha e acomodada, mas de uma resistência deplorável ao progresso.

Hoje, Natal tem nessa avenida diante do mar a sua mais bela e procurada perspectiva. Recuperou as Rocas, trazendo-as da marginalidade para a integração urbana, criou outros bairros e traçou a fisionomia definitiva da cidade até então emperrada.<sup>30</sup>

Algumas das obras de modernização do espaço urbano natalense, vieram a se tornar símbolos identitários que caracterizaram a administração municipal de Sylvio Pedroza. Coube ao próprio Sylvio Pedroza e aos periódicos natalenses a responsabilidade pela construção do discurso que articula sujeito e espaço, como sendo ambos os frutos de um momento de modernidade natalense. A construção da Avenida Circular, a urbanização de bairros pobres e da zona litorânea da capital foi transformada em marco que exemplificava essa simbiose entre o prefeito moderno e a cidade que se modernizava. Embora a entronização da imagem de Nossa Senhora da Apresentação no Palácio Felipe Camarão (sede da Prefeitura de Natal) e o plano frustrado de construção de um hotel de grande porte para Natal<sup>31</sup> tivessem sido as primeiras atitudes administrativas de Sylvio

---

<sup>29</sup> Além de uma série de pavimentação de ruas, coube às tropas aliadas a construção do Aeroporto de Parnamirim a fim de atender o intenso tráfego de aviões vindos dos Estados Unidos em direção ao norte da África. A construção desse aeroporto deu origem à cidade de Parnamirim, hoje terceira maior cidade do Estado, pertencente à zona metropolitana de Natal.

<sup>30</sup> MENDONÇA, Alvarado Frutado de. Sylvio Pedroza e seus dias políticos. In: PEDROZA, Sylvio Piza. Pensamento e Ação. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

<sup>31</sup> Assim que assumiu a Prefeitura em fevereiro de 1946, Sylvio Pedroza levantou a hipótese da construção de um hotel de grande capacidade para Natal. Ao que consta nas reportagens de época, o projeto chegou a ser encomendado, mas a falta de recursos e a negação de empréstimos inviabilizaram a construção do hotel. Curiosamente, o fracasso nas negociações para a construção dessa obra são posteriormente silenciadas no discurso memorialístico de Sylvio Pedroza e de seus memorialistas, constando em 1946 apenas a lembrança

Pedroza, exploradas intensivamente pelos periódicos da capital, coube à Avenida Circular o posto de primeira vedete da política urbana que Sylvio Pedroza estava implementando na cidade.

### 1.1. ESPAÇOS EM LETRAS, LETRAS EM MARCOS

Como já antes dito, a biografia política de Sylvio Pedroza pautou-se fundamentalmente nas transformações urbanas que o ex-prefeito promoveu durante sua gestão frente aos executivos do município e do Estado. Tais obras de modernização espacial transformaram-se, no livro que escreveu, *Pensamento e Ação*, em “marcos de uma trajetória de governo”<sup>32</sup> um exemplo bastante evidente de como o espaço da cidade pode ser utilizado para se caracterizar um governante. Nesse livro, Sylvio Pedroza elenca através de textos e fotografias, os momentos que para ele marcaram sua trajetória de governo nas suas duas gestões executivas. É possível perceber que esses marcos são, em grande medida, as críticas positivas que a administração Piza Pedroza recebeu por parte da imprensa local durante suas gestões,<sup>33</sup> principalmente no que se refere às melhorias urbanas promovidas por sua administração municipal na década de 1940.

A Avenida Circular é sem dúvida a obra que Sylvio Pedroza elencou como marco central de sua administração e assim a utilizou em seus relatos memorialísticos. À época, sua construção foi tida como algo fora dos padrões urbanísticos para uma cidade como Natal, já que a sua extensão e sua localização eram qualificadas, segundo o próprio Sylvio Pedroza, como obra de “alucinado”, mas, que se tornou, na verdade, um símbolo de sua

---

da Avenida Circular como empreendimento de sucesso da gestão Sylvio Pedroza.

<sup>32</sup> *Pensamento e Ação: marcos de uma trajetória de governo* é um livro de memórias em que Sylvio Pedroza condensa pronunciamentos, entrevista, cartas e fotografias de episódios significativos do período em que passou a frente da Prefeitura de Natal e do Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Foi lançado pela Fundação José Augusto em 1984 como forma de homenagear Sylvio Pedroza por suas contribuições culturais para o Estado, principalmente no que se refere à criação dos títulos de historiador da cidade atribuídos à Câmara Cascudo e seu empenho na construção da atual sede da Academia Norte-Riograndense de Letras, instituição da qual veio a fazer parte em 1996, dois anos antes de sua morte.

<sup>33</sup> Principalmente no que se refere aos eventos e às obras urbanas ocorridas no período em que Sylvio Pedroza foi prefeito de Natal durante a década de 1940.

administração, e seu nome passou a ser encarado como sinônimo de ‘administrador arrojado e progressista’.

Não resta dúvida que a inauguração, hoje, da imponente Avenida Circular, é acontecimento de grande repercussão em todos os meios da capital, pois aquela arrojada iniciativa do Prefeito Sylvio Pedroza, hoje quase concluída, tornou-se um melhoramento público que honra nossa capital. Procurando dar execução ao famoso plano Palumbo, a Prefeitura Municipal, logo após a posse de seu atual Prefeito, voltou suas vistas para a praia que circunda o bairro de Petrópolis, indo até ao bairro das Rocas [...] assim vamos ver inaugurada, hoje, às 20 horas, a Avenida Circular, que na opinião de todos é uma obra que orgulha nossa terra e a nossa gente, além de dotar Natal do novo bairro dos Santos Reis. Também foi grande o benefício que a Avenida fez ao bairro das Rocas, quer valorizando os terrenos ali existentes, quer cortando-o com uma linha de ônibus.<sup>34</sup>

Como se percebe, a Avenida Circular tornou-se um marco de fundamental importância na biografia política de Sylvio Pedroza, um exemplo de como o espaço moderno corrobora a imagem do administrador moderno. Essa associação entre sujeito e espaço se tornou, definitivamente, uma característica marcante quando a gestão Piza Pedroza é reportada por Sylvio, seus admiradores e colaboradores. Essa visão fica clara, por exemplo, em um discurso proferido pelo importante letrado natalense do século XX, o já citado escritor Veríssimo de Melo, quando em 1984, ano em que Sylvio Pedroza foi intensamente homenageado pela Fundação José Augusto, culminando com o lançamento do seu segundo livro de memórias, *Pensamento e Ação*.

Em seu discurso, Veríssimo de Melo, em um tópico denominado “contribuição à modernidade do nosso urbanismo” exalta os feitos de Sylvio Pedroza durante sua estadia na Prefeitura de Natal, referendando sua administração municipal como exemplo de um momento de modernidade baseando seu discurso exclusivamente na construção da Avenida Circular. Esse discurso limita-se ao enaltecimento da administração Piza Pedroza tomando o espaço urbano da cidade como justificativa e exemplo do progresso de Natal como um todo.

---

<sup>34</sup> Inaugura-se, hoje, a Avenida Circular – as solenidades programadas – inauguração, também, da iluminação elétrica e da praça Jerônimo de Albuquerque – missa do Natal, a meia noite – outras notas. *A Ordem*. 24 dez. 1946.

Sylvio Pedroza surgiu na vida pública da cidade no momento exato. Na hora certa. Tanto para ele, na mocidade otimista e esportiva dos seus 28 anos, - ansioso por deixar alguma coisa útil e proveitosa em favor da terra comum, - quanto também para a própria cidade do Natal, que precisava urgentemente de um administrador que enxergasse mais longe, que inovasse, que revolucionasse nosso urbanismo com algumas iniciativas inéditas. E isso ele o fez. Somos testemunhas das críticas e louvores de que foi alvo pela chamada voz do povo: referimo-nos especialmente à criação da Avenida Circular. Essa incrível e linda Avenida dos nossos dias é fruto genuíno do idealismo de Sylvio Pedroza. Nós acompanhamos os primeiros passos desse importante empreendimento urbanístico.<sup>35</sup>

Percebe-se aqui quão fundamental foi a Avenida Circular para a consolidação de uma memória que homogeneizou as imagens da cidade e do prefeito modernos. Durante o início do século XX no Brasil, as grandes avenidas eram vistas com bons olhos pelo discurso dos reformadores urbanos, pois elas eram construções fundamentais daquilo que se pensava ser a cidade ideal, a cidade moderna. Assim como ocorrera no Rio de Janeiro com a construção da Avenida Atlântica em 1906, obra tida como parte do plano urbanístico moderno pensado por Pereira Passos (embora só tenha sido complementada após sua gestão), em Natal a Avenida Circular passou a ser vista como uma importante obra da Prefeitura, que na visão do seu prefeito enxergava essa avenida como elemento possibilitador da unidade urbana da cidade, além de fundamental na “integração à Cidade de nossas praias”.<sup>36</sup> O discurso de Sylvio Pedroza estava afinado com o discurso dos jornais da época, ambos capitalizando o lado positivo e as benesses que essa obra traria para a cidade, e foi nesse sentido que a memória do ex-prefeito consolidou esse discurso tornando-o marco da sua trajetória política.

Logo descobri entre os arquivos a existência de um plano piloto, de autoria do arquiteto italiano Palumbo, que nunca fora seguido. Nele, constava a previsão de uma grande avenida circular, que passaria pelo Forte dos Reis Magos, dando a volta pelo Potengi, atingindo o Alecrim. Tratava-se de projeto de envergadura e do maior interesse urbanístico. Resolvi levá-lo a diante, enfrentando as maiores dificuldades. Tive, preliminarmente, de provar que as dunas, por onde passaria a avenida, pertenciam a prefeitura [...] Fui procurar os americanos que dispunham em Parnamirim de grandes bulldozers desativados desde o fim da guerra.

---

<sup>35</sup> MELO, Veríssimo de. *Saudação a Sylvio Piza Pedroza*. (discurso datilografado). Natal, 7 fev. 1984. ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

<sup>36</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*. Natal: Fundação José Augusto, 1984. p. 74.

[...] O mínimo que se dizia era que aquela obra nascia condenada, pois o mar, na primeira oportunidade, iria invadir a avenida e destruí-la completamente.<sup>37</sup>

Falando sobre a concepção das cidades, a historiadora Claudia de Oliveira afirma que a primeira metade do século XX no Brasil foi caracterizada por um momento em que, se pensava “como um espaço urbano moderno, a cidade deveria ser sistematizada, possibilitando o fluxo ordenado de suas populações, dos transportes coletivos e de bens de consumo. Visando o progresso, a modernização da cidade e a atração de investimentos, os reformadores urbanos buscavam adequá-la aos novos tempos, tornando seus serviços e espaços mais funcionais”.<sup>38</sup> Natal não fugia a essa lógica, e Sylvio Pedroza foi o responsável por inserir Natal no *hall* de cidades que, no Sul brasileiro já haviam iniciado o processo de modernização urbana, neste caso ao atendimento dos anseios econômicos, políticos e sociais vividos no país nesse momento. Percebe-se no discurso de Sylvio Pedroza que a ideia de progresso estava associada não a uma melhoria na qualidade de vida da população (educação, saúde, alimentação, etc.), mas com a construção de um espaço, dentro dos padrões urbanísticos modernos.

Na análise feita dos discursos dos jornais da década de 1940 em Natal, é possível perceber uma ampla aceitação das reformas urbanas que estavam sendo implantadas na cidade. Não é exagero afirmar que essa política urbana de Sylvio Pedroza obteve também amplo apoio da população natalense, o que se refletiu na eleição para Deputado Estadual ocorrida em 1947, ocasião na qual o então prefeito da capital obteve maioria esmagadora dos votos para a Assembleia Legislativa do Estado.<sup>39</sup> Tal apreço para com a figura de Sylvio Pedroza estava em muito associado à imagem construída por e sobre ele a partir do que seriam suas posturas arrojadas quando prefeito da capital, refletidas nas políticas urbanas promovidas por ele.

A partir desse ponto de vista, é possível crer que a administração de Sylvio Pedroza foi percebida como uma continuidade da política de modernização urbana

---

<sup>37</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação. Natal*: Fundação José Augusto, 1984. p. 65.

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Cláudia de. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: *O moderno em revistas*, 2010: 114.

<sup>39</sup> Sylvio Pedroza obteve maioria folgada dos votos para o cargo de Deputado Estadual no Rio Grande do Norte com 3.184 votos. Embora tenha sido eleito, Sylvio não assumiu o cargo por ter sido nomeado pelo Governador eleito José Varela para manter-se frente à Prefeitura de Natal. CONCEDIDA LICENÇA AO PREFEITO SYLVIO PEDROZA: Trabalhos de ontem da A. Legislativa. *Diário de Natal*. Natal. 5 ago. 1947.

promovida em Natal durante o período da Segunda Guerra Mundial e, a construção da Avenida Circular, nos primeiros meses de mandato, alimentou no meio político e social natalense a ideia de que seu governo seria uma continuidade desse processo de modernização urbana da cidade. Nesse sentido, os meios de comunicação escritos mais importantes da cidade funcionaram hora como intérpretes, hora como mediadores entre poder público e a sociedade, através das representações<sup>40</sup> da cidade moderna que apareciam em suas páginas associadas à postura moderna do seu prefeito.

As representações que se construíam em torno das obras urbanas da Prefeitura de Natal eram sempre positivas e em sua grande maioria eram construídas baseadas na relação entre prefeito e cidade. As críticas negativas aparecem escassas nos jornais e quando feitas vinham em forma de conselhos e não de ataques ofensivos e diretos. Já as reclamações por parte da população não surgiam de forma direta, através de aspás, mas mediadas pela narrativa dos jornalistas dos periódicos. Um exemplo de como essa prática ocorria está em um artigo de Boanege Soares, jornalista do jornal *O Diário*, quando se percebe que embora exista na reportagem uma nítida insatisfação por parte de alguns moradores das Rocas com a construção da Avenida Circular, o artigo de Boanege minimiza a voz dos moradores reclamantes e exalta a figura do “moço inteligente e trabalhador” que “só uma coisa enxerga: a grandeza da terra potiguar”.

A Avenida Circular ai está, ela não é uma fantasia política do homem que quer ser deputado estadual, mas, do prefeito que quis e cumpriu seu dever sem ir para as praças públicas pregar grandezas dizendo o irrealizável, para uma vez em cima cuidarem apenas de si, estes, não se enganem os humildes operários das ROCAS, que enxergam na Avenida Circular um mal para os habitantes daquele humilde bairro. [...] Parabéns Sr. Prefeito Dr. Sylvio Pedroza, pela grande obra de engrandecimento da terra comum, os homens de boa vontade hão de reconhecer o grande feito e a historia no seu julgamento imperecível e a posteridade na sua análise mais justa há de dizer do prefeito da capital, não o que dizem os irreconhecidos [sic] e apaixonados políticos, mas, a verdade.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> O conceito de representação utilizado em nossa análise segue a orientação teórica de Roger Chartier, para quem, “a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma “imagem” capaz de o reconstruir em memória e de o figurar por uma imagem”. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 18.

<sup>41</sup> SOARES, Boanerges. A Avenida Circular, uma realização. *O Diário*. Natal. 23 dez. 1946.

Se durante o ano de 1946 a Avenida Circular foi a vedete da administração municipal, as obras de urbanização implementadas para a capital do segundo ano em diante foram as manchetes dos principais jornais da capital que se reportavam ao prefeito. A relação entre cidade e sujeito se consolida de vez nas páginas dos jornais devido aos bons resultados da política de modernização urbana adotada no primeiro ano de mandato. A partir de 1947 percebe-se na documentação que a estratégia de associação entre modernidade, Sylvio Pedroza e Natal passou a ser mais amplamente explorada pelos jornais que, conseqüentemente, concretizavam a simbiose entre espaço moderno e prefeito progressista.

Uma interessante forma de acompanhar como se forjou e se consolidou essa simbiose entre sujeito e espaço é acompanhando a coluna diária do jornal *O Diário*, “A Cidade”. Essa coluna tratava exclusivamente de situações cotidianas, referentes ao espaço da cidade; acompanhava o andamento de obras, noticiava novas construções, além de tecer críticas direcionadas a problemas urbanos como ruas esburacadas, recolhimento de lixo, funcionamento de repartições públicas ou mesmo denunciando moradores que burlavam leis ou mesmo causavam danos ao patrimônio público.

Analisando os recortes colecionados por Sylvio Pedroza, percebe-se um interesse demasiado do prefeito pelas reportagens publicadas nessa coluna que, ao que parece, foi utilizada por Sylvio Pedroza como termômetro dos acontecimentos que vinham ocorrendo na cidade.<sup>42</sup> A autoria das notícias é um tanto desconexa visto que a assinatura “Y” e “Z” consta na maioria dos escritos, quando não, o nome do autor é omitido. Essas assinaturas se fazem presentes a partir de 1947 quando o jornal passa a ser parte dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, sendo renomeado como *Diário de Natal*, no entanto, em 1946 a coluna era assinada pelo colunista Danilo, de quem já tratamos na parte inicial do capítulo. Mesmo a autoria sendo modificada, o objetivo inicial da coluna se manteve e os aspectos urbanos continuavam a ser o foco das críticas diárias.

“A Cidade” reveza-se na promoção de críticas e elogios à administração Piza Pedroza. Essa talvez seja a explicação para compreender o porquê de Sylvio Pedroza tenha acompanhado de perto tudo o que era escrito por essa coluna. Se por um lado é fácil

---

<sup>42</sup> Levando em consideração o que afirma a epígrafe da historiadora Maria Helena Capelato no início desse capítulo, podemos facilmente entender o porque da preocupação demasiada de Sylvio Pedroza com o que era publicado nos jornais a seu respeito.

encontrar longos elogios ao prefeito em outros periódicos da década de 1940, é nessa coluna que se faz ver as críticas – sempre em tom amistoso e conselheiro – ao prefeito e à Prefeitura de Natal.

O aumento vertiginoso do número de construções em Natal não deve, absolutamente, constituir motivo para as incríveis facilidades com que a Prefeitura do Natal autoriza certo número e certa espécie de edificações que chegam a atentar contra a estética da cidade além de constituírem verdadeiros monstros que prejudicam o futuro urbanístico de Natal. [...] Urge estudo mais sério nas futuras autorizações. É preciso não perder de vista a necessidade de cuidar também do aspecto da cidade...<sup>43</sup>

Assim como em nossos dias, o espaço da cidade era uma constante nos jornais. Ainda hoje os meios de comunicação são fundamentais na formação da opinião pública. Nos tempos de Sylvio Pedroza, as críticas dos jornais atuavam como norteadores das ações da Prefeitura enquanto agente de modernização do espaço. A reportagem acima mostra um momento curioso pelo qual passava Natal, na segunda metade da década de quarenta, já que através do seu conteúdo é possível perceber certo ar de preocupação no que se refere aos rumos que a cidade tomaria com o crescimento desordenado ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial. O pós-guerra além de inflacionar o quadro habitacional acarretou uma inúmera quantidade de problemas urbanos, e os jornais pareciam enxergar na figura do prefeito Sylvio Pedroza o sujeito capaz de controlar esse confuso momento pelo qual passava a cidade. É nesse sentido que as reportagens de “A Cidade” pareciam apontar à administração municipal os pontos problemáticos da capital, se dirigindo quase sempre ao prefeito e não à Prefeitura. Percebe-se aqui um momento de personificação da figura do Estado, em que instituição e sujeito são confundidos e tornam-se um só e a cidade é vista como dependente de Sylvio Pedroza.

Insistimos mais uma vez. É urgente a intensificação do calçamento de Natal e nenhum prefeito poderá realizar administração à altura de sua missão, se ao lado de medidas complementares de embelezamento e outras iniciativas no interesse da cidade, não reservar, obrigatoriamente, grande parte da verba destinada a “obras novas” para o calçamento. Constrói-se em Natal como nunca se fez anteriormente e ruas largas e inteiramente edificadas estão a espera paciente até de um meio fio que

---

<sup>43</sup> Y. A Cidade. *O Diário*. 4 abr. 1947.

ainda não chegou. [...] Existem outros nas mesmas condições e embora seja quase impossível, no momento, o concerto porque redundaria na construção de um novo calçamento, o exemplo deve servir de advertência para os futuros.<sup>44</sup>

Através dessa coluna, podemos acompanhar semanalmente o que estava ocorrendo na cidade de Natal durante a administração Pedroza. Portanto, esse espaço do jornal *O Diário* (mais tarde *Diário de Natal*) era precioso para que a Prefeitura pudesse acompanhar o dia a dia dos seus atos, desde a recepção de suas obras até a forma pela qual estavam sendo utilizadas e as críticas que a elas eram feitas. Em raros momentos de críticas, Sylvio Pedroza aparecia nas páginas dos jornais a fim de dialogar com os jornalistas ou mesmo responder críticas que eram destinadas à sua administração. Na reportagem que se segue, Sylvio Pedroza responde publicamente, através do *Diário de Natal* a carta de um cidadão que tecia críticas contra a “Lei do Inquilinato” editada no início de 1947 pela Prefeitura, que visava controlar a construção e a locação de bens destinados ao aluguel. Nesse caso em específico, percebemos um prefeito que se quer mostrar cordial e democrático, buscando responder a crítica explicando ao leitor o porquê das medidas adotadas pela Prefeitura:

Tendo sido publicado por Vosso conceituado vespertino, na edição de 6 do corrente, uma carta assinada pelo Sr. João Marques de Freitas, encerrando comentários sobre as recentes decisões desta prefeitura em relação ao cumprimento da Lei do Inquilinato, e contendo a mesma várias inverdades devidas certamente a falta de informação sobre o assunto por parte do signatário, mas que poderia causar confusão no espírito público, venho trazer alguns esclarecimento a respeito. [...] As considerações contidas no fim da missiva, são interessantes, e realmente está o Diretor da Fazenda da Prefeitura estudando um decreto-lei que aumenta os impostos sobre terrenos não construídos que existem em plena zona urbana da cidade, e cujos donos preferem esperar a sua valorização, em vez de contribuírem ou vende-los em lotes a preço módico. A disposição do missivista fica desde já nessa Prefeitura, um exemplar da Lei do Inquilinato e todas as informações que, como cidadão natalense, tem direito sobre o assunto em téla [sic].  
Cordialmente  
(a) Silvio Piza Pedroza – Prefeito.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Y. A Cidade. *O Diário*. 12 abr. 1947.

<sup>45</sup> CARTAS À REDAÇÃO: O prefeito esclarece: em foco o cumprimento da Lei do Inquilinato. *Diário de Natal*. Natal. 7 mai. 1947.

Aliás, nas representações construídas por sua narrativa memorialística acerca de suas administrações, Sylvio Pedroza constantemente afirmava o caráter democrático que sempre teve perante seus adversários políticos. Embora jovem, o então prefeito parecia entender que as características autoritárias já não mais tinham vez no período pós-guerra, portanto, nada mais fundamental que afinar o discurso com o que seria o sentimento democrático que pairava sobre a política nacional. Inclusive esse espírito democrático foi também utilizado como forma de caracterizar sua administração como moderna, avessa às perseguições políticas realizadas em outras épocas.

Em carta aberta à população norte-rio-grandense, em que afirmava apoio à candidatura de José Augusto Varela para o Senado, Sylvio Pedroza estabeleceu a relação entre progresso urbano e democracia, enquanto elementos característicos de sua gestão moderna. Estratégia semelhante à que se podia perceber nas páginas dos jornais da capital.

Trata-se de resto, de um passado ainda recente, e a memória coletiva não costuma esquecer, nos seus julgamentos definitivos, o comportamento e as atividades dos homens públicos. Os empreendimentos materiais aí estão a vista de todos, na capital e no interior, e o ambiente legitimamente democrático que consolidei no Estado, ao presidir eleições livres e honestas com a isenção de um prefeito magistrado, honrou, nos testemunhos e suspeitos que de todas as correntes recebi, não apenas o governante, mas igualmente o próprio povo que se viu, dessa maneira elevado ao nível superior, nos seus costumes morais e políticos.<sup>46</sup>

Os chamados empreendimentos materiais que aparecem no trecho acima correspondem ao espaço citadino moderno que passara a compor o imaginário e o discurso político de Sylvio Pedroza. As obras de urbanização tomavam conta da cidade e, dos locais contemplados, Sylvio Pedroza angariava a “simpatia dos seus moradores” assim como dos editoriais jornalísticos. Através dos jornais da época é possível encontrar cerca de uma dezena de reportagens com agradecimentos ao prefeito pelo melhoramento de ruas e calçadas de bairros mais humildes, o que denota mais uma vez quanto o espaço da cidade foi fundamental na construção da imagem de Sylvio Pedroza ligada à modernização urbana

---

<sup>46</sup> *Proclamação aos Norte-riograndenses* (correspondência). Livro de recortes. *Cidade do Natal: Administração Sylvio Pedroza* (1947). ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

que estava ocorrendo em Natal naquele momento de sua administração municipal. Veja-se um desses agradecimentos:

Por motivo do calçamento da rua Expedicionário José Varela, no bairro das Rocas, foi homenageado pela população local o prefeito da capital Dr. Sylvio Pedroza. A esta teve o comparecimento do governador Jose Varela, que fez a inauguração oficial do novo calçamento. Em nome dos moradores do bairro falou o sargento Luis Alencar. Discursaram ainda o deputado Creso Bezerra e o prefeito Sylvio Pedroza. Por fim usou a palavra o Governador do Estado, que congratulou-se com os habitantes das Rocas pelo novo melhoramento. Na mesma ocasião foi inaugurado um amplificador do Serviço de Alto Falantes, que está destinado a ser de utilidade para o bairro. Homenageado o Prefeito Sylvio Piza Pedroza.<sup>47</sup>

O esforço narrativo dos jornais era evidente, principalmente no que se refere a transmitir ao leitor as melhorias espaciais que estavam em curso na cidade e como o espaço urbano se modificava a partir das ações modernas do seu prefeito. Percebe-se que o esforço em produzir uma narrativa detalhada vinha suprir a falta de fotografias nos jornais, uma vez que a presença de imagens nesses suportes não era constante, creio que por questões financeiras e de uma defasagem dos equipamentos de impressão. Por outro lado, se percebe narrativas empenhadas em transpor ao papel o que era visível, construir pelas letras o que não se podia fazer através das fotografias.

Na primeira metade do século XX, as fotografias atuavam como propaganda das cidades e as paisagens modernas figuravam nos cartões-postais que, por sua vez, atuavam como uma representação das cidades com base no espaço urbano moderno.<sup>48</sup> Era com essa lógica que essas paisagens modernas figuravam narradas nos jornais, a fim de retratar o suposto momento de mudança, de efervescência pelo qual passava a cidade, captando o novo e contrapondo-se ao velho, que era associado ao atraso.

---

<sup>47</sup> Homenageado o Prefeito Sylvio Pedroza (recortes). Livro de recortes. *Cidade do Natal: Administração Sylvio Pedroza (1947)*. ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

<sup>48</sup> Em capítulo intitulado “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade”, o historiador Nelson Schapochinik faz uma interessante análise acerca da fotografia no Brasil na primeira metade do século XX. Segundo ele, os cartões postais são como um convite à viagem, uma prenda delicada àqueles que estão distantes”. Essa afirmação de Schapochinik está em muito atrelada à função de persuasão que as imagens contidas nos postais exercem sobre o observador. SCAPOCHINIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol. 3. p. 423-512.

O fato de poucas vezes fotografias da cidade fossem estampadas nos jornais, fez com que Sylvio Pedroza construísse seu próprio arquivo iconográfico, como forma de comprovar as mudanças ocorridas durante suas administrações.<sup>49</sup> Em uma das aparições do espaço urbano da cidade nos jornais natalenses, podemos encontrar uma em que a manchete guia o leitor a interpretar a imagem de forma positiva, destacando os signos modernos e os associando ao nome do prefeito, o espaço da cidade era visto como um caso exemplar de progresso e modernidade. Em fins de 1946 foi constante a aparição de fotografias nos jornais, onde a Avenida Circular figurava como protagonista do processo de modernização da cidade.



**Figura 1.2:** A manchete exalta a administração Sylvio Pedroza e associa a imagem da Avenida Circular ao nome do prefeito. Uma clara intenção de legitimar a gestão e o momento de modernização do espaço urbano pelo qual passava Natal em 1946. **FONTE:** Livro de recortes. *Cidade do Natal: Administração Sylvio Pedroza* (1946). **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

Os melhoramentos urbanos iam se firmando cada vez mais como marcos exemplares da política moderna adotada por Sylvio Pedroza em Natal. É interessante

<sup>49</sup> O Capítulo III traz uma análise sobre o acervo iconográfico de Sylvio Pedroza e sobre as fontes que o compõe.

perceber como os jornais corroboravam o discurso da cidade moderna atrelada ao seu administrador municipal. Faz-se necessário acentuar que esse discurso do governante progressista não foi uma invenção exclusiva dos periódicos da época, mas uma troca de legitimidades elaborada entre instituições produtoras do discurso (caso os jornais e letrados) e poder público incorporado na imagem do prefeito.

Cada vez mais as mudanças urbanas ganhavam as páginas dos jornais, e a urbanização da cidade era atribuída às ‘ações esclarecedoras’ do seu prefeito que, afinando seu discurso ao dos jornais consolidavam juntos o discurso da Natal moderna. Elementos como calçamento, iluminação e saneamento podem ser considerados signos do que representava essa Natal da década de 1940. Vale ressaltar que nessa época boa parte das ruas da capital era de barro, ou não possuíam qualquer tipo de piso apropriado, seja calçamento para transportes a motor ou mesmo calçadas para pedestres, principalmente em bairros periféricos da capital como Rocas, Quintas e Alecrim. A modernização desses espaços e o discurso de transformação que se processava sobre eles nos jornais faziam com que a gestão Piza Pedroza passasse a ser caracterizada como uma administração moderna e progressista. O discurso da cidade moderna aparece em discurso do próprio Sylvio Pedroza em que ele enaltece as ações modernizadoras da Prefeitura, por sua vez, os jornais publicavam na íntegra tal discurso, sem qualquer interferência ou mesmo indagação ou crítica à política do prefeito.

Nos bairros mais afastados e habitados por gente humilde, onde não se pode pensar por ora em pavimentação, temos construído estradas de barro que tem tido excelente resultado, proporcionando o acesso de automóveis com todas as suas vantagens a regiões anteriormente abandonadas e esquecidas. O principal exemplo está no bairro das Rocas, hoje inteiramente cortado destas estradas. O prolongamento da Av. Getúlio Vargas é outro exemplo, como a que ligou a Amaro Barreto até a feira das Quintas. No momento, avançam uma estrada de barro pela rua “2 de Novembro”, no Alto do Juruá em direção às dunas, proporcionando acesso a um bairro habitado por milhares de pessoas pobres. Posso-lhes assegurar que não haverá solução de continuidade na construção dessas úteis estradas, dando-se início a nova estrada, sempre que terminarmos a última executada.<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Livro de recortes. Novos Planos Urbanísticos de Natal. *Diário de Natal* (recorte). *Cidade do Natal: Administração Sylvio Pedroza* (1947). ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

Essa entrevista concedida ao *Diário de Natal* está repleta de interessantes significados. O mais significativo diz respeito à citação ao bairro das Rocas, isso porque esse foi um dos espaços da cidade que mais passou por intervenções urbanísticas da Prefeitura, desde a implementação de ruas extensas que partiam da Ribeira e desembocavam na Avenida Circular no litoral, até o saneamento e calçamento de ruas como é dito na reportagem acima. Nessa mesma entrevista, podemos perceber como Sylvio Pedroza narrava seus feitos urbanos de forma a promover um contraponto entre o antes e o depois de sua administração, algo semelhante ao que fez com as fotografias do seu arquivo pessoal, onde a estratégia é mostrar através do acervo iconográfico uma pretensa evolução urbanística da cidade através de um contraponto da sua gestão com as passadas.

A utilização de expressões como “pela primeira vez na história da cidade” e o uso de palavras significativas como “pavimentação” e “saneamento”, denotam o quanto o discurso do prefeito tende no sentido de que o leitor perceba sua administração como um marco, um momento de transformação pelo qual estava passando o bairro das Rocas, e complementa: “pode o amigo imaginar o que representa para as Rocas a pavimentação de sua principal rua do trecho baixo”. Esse fragmento deixa claro o quanto Sylvio Pedroza desejava utilizar-se do espaço urbano, para construir sua própria imagem e demarcar sua passagem pela Prefeitura de Natal, como um momento de modernização dos espaços marginais da cidade, já que, como veremos em capítulo mais adiante, o bairro das Rocas foi na primeira metade do século XX um grande reduto de operários e sindicalistas ligados ao seu adversário político Café Filho. Não seria ingenuidade pensarmos que a atuação da Prefeitura nas Rocas tenha sido uma estratégia para agradar um grande reduto proletário e conseqüentemente enfraquecer politicamente Café Filho e, de quebra marcar a administração Piza Pedroza como democrática, atendendo as necessidades dos bairros populares da capital.

Em 1948, Sylvio Pedroza e Câmara Cascudo foram convidados a participar do III Congresso Intermunicipal em Porto Rico. Nesse evento, Sylvio Pedroza teve contato com inúmeros projetos urbanísticos que vinham sendo executados em outros países do continente americano, já que integrou no Congresso uma comissão denominada “Urbanização e Serviço Social. Planificação da Cidade e do Campo” composta, dentre outros, pelo arquiteto argentino da cidade de Buenos Aires, Remo Bianchedi. Ao retornar

do evento, Sylvio Pedroza voltou convencido de implantar em Natal uma série de planos urbanísticos discutidos por sua comissão de urbanização, e logo após sua chegada anunciou em entrevista a um jornal local seu plano de “zonificação” da cidade, que segundo ele:

Na verdade tanta importância assumiu no Congresso o estudo das zonificação da cidade que na Ata Final que encerra as conclusões e recomendações do conclave foi incluída sob o número XXVIII a seguinte: “Criação e Justas de Planificação”. [...] Zonificação representa um conceito novo para o nosso Governo Municipal. Plano da cidade do Natal, elaborado em 1930 pelo engenheiro Palumbo e digno dos maiores elogios prever o desenvolvimento urbanístico da capital de maneira a mais detalhada, não tendo sido incluída porém a divisão em diversas áreas onde fossem obrigatoriamente localizadas o diversos tipos de construções correspondentes às diversas atividades sociais, ou seja a zonificação de uma cidade.<sup>51</sup>

Embora tenha formado uma “Comissão de Planificação” para Natal,<sup>52</sup> sabe-se que a ideia de zonificação não foi posta em prática, mas, por outro lado, esta atitude alimentava a imagem do prefeito progressista. Sustentava-se assim a imagem do gestor público preocupado com o desenvolvimento da cidade a partir dos seus avanços urbanos, uma tentativa de desenvolvimento social a partir do progresso espacial. Tal empreitada foi em muito, se não sustentada, mas incentivada, pela euforia dos jornais com as grandes obras que estavam em curso sob o comando da gestão Piza Pedroza. Já consolidado de vez na Prefeitura de Natal, após as eleições de 1947, Sylvio Pedroza era enaltecido pela crítica escrita, visto realmente como um messias da modernidade, que trabalhava em prol da capital, um continuador do trabalho iniciado pelos norte-americanos durante o período da Segunda Guerra Mundial.

Ao que tudo indica, a imagem de Sylvio Pedroza como administrador progressista se consolidou fortemente entre os periódicos natalenses, ao ponto de ainda em 1947 sua imagem ter sido explorada por periódicos fora do Rio Grande do Norte, mais precisamente por jornais cariocas e pernambucanos que reproduziam (literalmente) em suas páginas as mesmas imagens construídas para Sylvio Pedroza nos jornais potiguares. O jovem prefeito,

---

<sup>51</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. Divisão da cidade em zonas caracterizadas pelos tipos de construção. Diário de Natal. Natal. 29 abr. 1948.

<sup>52</sup> Instalada a Comissão de Planificação: solenidade presidida pelo prefeito Sylvio Piza Pedroza. Livro de recortes. *Cidade do Natal*: Administração Sylvio Pedroza (1948). ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

moderno, empreendedor e progressista passava a ser percebido e exaltado por dois grandes centros políticos nacionais consolidando a imagem que o prefeito natalense sempre buscou para si enquanto administrador moderno e político popular e democrático.

## **1.2. A CONSTRUÇÃO DA NATAL MODERNA NOS RELATOS JORNALÍSTICOS DE RECIFE E RIO DE JANEIRO**

As reformas urbanas decorrentes da gestão Piza Pedroza chamaram a atenção de periódicos de outros estados do país. Tal reconhecimento significou uma dupla conquista para Sylvio Pedroza, o que explica a quantidade de recortes guardada pelo ex-prefeito e que hoje fazem parte do ASP: por um lado, o reconhecimento nacional de sua administração através dos elogios presentes, principalmente, em jornais recifenses e cariocas, e por outro, o fato de Natal estar sendo reconhecida como uma cidade que progredia a partir da política urbana da Prefeitura construía nacionalmente a imagem do administrador moderno que Sylvio Pedroza pretendia para si.

Os jornais pernambucanos chamavam atenção em suas páginas para a obra de sistematização urbana que vinha sendo operada em Natal. Alguns dos jornalistas que visitaram a cidade entre 1946 e 1950 narram entusiasticamente a cidade, espantados com o progresso que, segundo eles se operava na cidade de Natal, principalmente no que se referia à quantidade de obras urbanas que estavam sendo realizadas.

Um exemplo de relato entusiástico é o do norte-rio-grandense Nilo Pereira, radicado em Recife, que escreve uma reportagem para o jornal pernambucano *Folha da Manhã* exaltando em seu discurso o ambiente de mudança que vinha se operando em Natal em decorrência da administração Piza Pedroza. Nilo Pereira constrói sua estratégia narrativa fazendo um paralelo entre o que um dia havia sido a Natal do seu tempo e aquela que ele presenciava em 1949:

Admiro a obra deste prefeito magnífico que é Sylvio Pedroza, administrador de uma rara visão social e humana. Sendo homem rico e bem criado, tendo luxos e conforto, sua ação é eminentemente popular. Os jornalistas da caravana [vindos de Pernambuco] pasmaram diante das Rocas; Mas eu pasmei muito mais do que eles. Fiz um esforço para me

lembrar das Rocas antigas, lugar de desajustados sociais e de criminosos, onde a crônica policial dos jornais recolhia sempre amplo e sinistro material. Vi um bairro novo, com seus bares elegantes, sua pacífica vida noturna, sua gente moderada e respeitosa, suas ruas calçadas. Sylvio Pedroza entrou ali com energia e decisão, acabando com a agitação comunista e encostando à parede a demagogia barata. Quando candidato a deputado estadual, as Rocas lhe deram o testemunho da verdade: sua votação foi esmagadora. Isso merece uma meditação. Sylvio Pedroza é um homem arrojado.<sup>53</sup>

Essa visão de uma Natal moderna possibilitada pela política urbana de Sylvio Pedroza já surge nos periódicos pernambucanos bem antes dessa reportagem de Nilo Pereira em 1949. A primeira e significativa referencia que encontramos em outros periódicos de fora do Estado é uma longa reportagem promovida também pelo mesmo jornal recifense, a *Folha da Manhã*. Na oportunidade, a manchete destacava em título significativo; “Obra meritória e humana a campanha contra os mocambos”.<sup>54</sup> A reportagem consta de uma entrevista com Sylvio Pedroza durante uma visita a Recife, e o subtítulo da mesma é muito significativo, pois destaca as ações que estavam em andamento pelo então prefeito de Natal: “Planos urbanísticos para Natal – Vida Cultural Norte-Rio-Grandense – História da capital potiguar a cargo de Luiz da Câmara Cascudo”.

Na reportagem, o prefeito natalense esclarece quais seriam suas prioridades de governo, deixando claro que o espaço da cidade figuraria como sua principal preocupação, desde a construção e pavimentação de ruas até a produção de uma história oficial para Natal. Em sua entrevista Sylvio Pedroza esclarecia que a política pretendida por sua administração objetivava uma modernização do espaço urbano da cidade, e explicava quais os planos que seriam promovidos na sua gestão.

Há dois planos urbanísticos de vulto que pretendo pôr em execução na vigência do meu governo e, parece-me, transformarão por completo a fisionomia da capital potiguar, diz o nosso entrevistado. Pretendo acabar todo o calçamento da zona calçada [*sic*]. Esse, o primeiro dos planos e positivamente viável porque estou autorizado a contrair um empréstimo de Cr\$ 15. 000.000,00, amortizável no período de dez anos, cabendo à Prefeitura, apenas, retirar para esse pagamento 1/3 retirado do orçamento

---

<sup>53</sup> PEREIRA, Nilo. Visão social dos problemas. *Folha da Manhã*. Recife, 05 ago. 1949.

<sup>54</sup> OBRA MERITÓRIA E HUMANA A CAMPANHA CONTRA OS MOCAMBOS: Planos urbanísticos para Natal – Vida Cultural Norte-Rio-Grandense – História da capital potiguar a cargo de Luiz da Câmara Cascudo. *Folha da Manhã*. Recife. 25 mai. 1946.

normal, enquanto que os 2/3 restantes serão obtidos pelos próprios contribuintes da taxa de calçamento.<sup>55</sup>

A partir da fala de Sylvio Pedroza é possível perceber qual a representação da cidade que ele desejava compor para os leitores pernambucanos. A intenção era construir uma imagem moderna para Natal, ou melhor, uma imagem de como se processaria a modernização espacial de Natal. No entanto, se fazia necessário naquele momento justificar as garantias financeiras para todo processo de urbanização da Prefeitura. A justificativa dada pelo prefeito natalense foi aceita pela reportagem da *Folha da Manhã* que, através palavras do seu jornalista reiteram a justificativa dos gastos, ao afirmar que “esse 1/3 retirado do orçamento normal, Cr\$500.000,00 anuais não constitui majoração de despesa, uma vez que a Prefeitura está gastando verba superior no calçamento de novas e pequenas áreas”. Embora tenha existido uma explicação para obtenção dessa verba, o restante proveniente do empréstimo a ser pago em dez anos não foi explicado, nem pelo prefeito nem pelo jornal.

Ainda sobre essa entrevista ao jornal *Folha da Manhã*, outros três aspectos presentes no discurso chamam atenção: Câmara Cascudo, os mocambos e a Avenida Circular. Embora no decorrer do segundo capítulo tratemos demoradamente sobre a relação entre esses três elementos, pretendo por enquanto me deter em um, a Avenida Circular. Sabendo da boa recepção da construção dessa avenida por parte da imprensa natalense, Sylvio Pedroza cita em sua entrevista a Circular como a comprovação da política de modernização que estava sendo operada em sua gestão. Em suas palavras afirma que:

O arquiteto Giácomo Palumbo foi o autor do plano sistemático da cidade e subordinado aos mais modernos princípios urbanísticos. Parte deste plano será executado integralmente. Assim, deveremos construir uma avenida perimetral iniciada em Petrópolis, alcançando a praia do Meio para finalizar no bairro comercial da Ribeira, com um percurso de nada menos de quatro quilômetros e que deverá ser feita no período máximo de quatro anos.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> OBRA MERITÓRIA E HUMANA A CAMPANHA CONTRA OS MOCAMBOS: Planos urbanísticos para Natal – Vida Cultural Norte-Rio-Grandense – História da capital potiguar a cargo de Luiz da Câmara Cascudo. *Folha da Manhã*. Recife. 25 mai. 1946.

<sup>56</sup> OBRA MERITÓRIA E HUMANA A CAMPANHA CONTRA OS MOCAMBOS: Planos urbanísticos para Natal – Vida Cultural Norte-Rio-Grandense – História da capital potiguar a cargo de Luiz da Câmara Cascudo. *Folha da Manhã*. Recife. 25 mai. 1946.

Interessante perceber como o prefeito natalense utiliza-se de um argumento histórico como justificativa para a construção da Avenida Circular. A citação do plano de sistematização da cidade elaborado pelo arquiteto italiano Giacomo Palumbo na década de 1920, reflete a necessidade histórica para a execução da obra. Ou seja, se na década de 1920 já se percebia a importância de uma obra de ligação entre os espaços da cidade, o que dizer de sua relevância para uma cidade que após a Segunda Guerra Mundial, na segunda metade da década de 1940 viu a população praticamente dobrar?<sup>57</sup>

Ao citar o problema dos chamados mocambos (construções irregulares), Sylvio Pedroza justifica, em certa medida, a funcionabilidade e a importância do seu plano de sistematização baseado no de Palumbo, fundamentado, segundo seu discurso, como um “plano sistemático da cidade, subordinado aos mais modernos processos urbanísticos”. O problema dos mocambos, por sua vez, aparecia para Sylvio Pedroza como uma questão social complexa, visto que:

Natal foi uma cidade que lucrou bastante por sua posição geográfica, com o decurso da guerra, dada a influencia de grandes figuras internacionais. Tão acentuado é esse progresso que se construíam, em média como afirmam as estatísticas, nada menos de 69 casas residenciais diárias, o que representa terceira classificação no território nacional, de vez que o primeiro lugar foi alcançado pela capital do país, onde se construíam 287 e o segundo pertenceu à capital pernambucana, construindo em média 177 casa residenciais diárias, em 1945.<sup>58</sup>

Como dito anteriormente, no decorrer do segundo capítulo poderemos perceber como Câmara Cascudo constrói uma narrativa de legitimação que credencia à Avenida Circular um papel fundamental na resolução do problema dos denominados mocambos. Não é exagero quando destacamos a importância da Avenida Circular na construção de um discurso sobre a cidade moderna. Como foi possível perceber nas citações acima, as palavras moderno e progresso, além de outras que remetem a esses dois conceitos são uma

---

<sup>57</sup> Segundo afirma Câmara Cascudo, “o recenseamento de 1º de dezembro de 1940 alcançou 35.242 habitantes. A estimativa em 1946 é superior a 65.000”. CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 109.

<sup>58</sup> OBRA MERITÓRIA E HUMANA A CAMPANHA CONTRA OS MOCAMBOS: Planos urbanísticos para Natal – Vida Cultural Norte-Rio-Grandense – História da capital potiguar a cargo de Luiz da Câmara Cascudo. *Folha da Manhã*. Recife. 25 mai. 1946.

constante no discurso de Sylvio Pedroza, e a Avenida Circular reunia em sua planejamento todas as características da cidade moderna que a Prefeitura naquele momento pensava para Natal.

A construção dessa avenida foi em toda a reportagem que se tratava de Natal, o referencial de modernidade por que passava a cidade. Ainda em 1947, o também pernambucano *Diário da Manhã*<sup>59</sup> dava destaque, em página completa, ao processo de modernização por que passavam os espaços da capital potiguar. A reportagem foi a primeira a nível nacional, a trazer uma fotografia em que se destacava a urbanização da Praia do Meio, possibilitada, segundo o repórter, graças à construção da Avenida Circular promovida pela gestão Piza Pedroza frente à Prefeitura de Natal.

Velhos visitantes de Natal, foi com orgulho que passamos pela praia de Petrópolis ou seja pela *praia do meio*. Com olhos, agora de jornalistas, não de simples viajeiros, presenciamos a uma transformação que mais nos pareceu uma mentira. Aquele aglomerado de mangue imundo, pedras, barrancos, riachos e riachinhos, ostras, mariscos de todas as espécies, estava transformado numa belíssima avenida, que mais lembrava uma Copacabana em miniatura.

- De quem é essa obra? Perguntamos a um transeunte.

- Foi o dr. Sylvio Pedroza que idealizou e realizou. Não gastou um real da prefeitura. Deu serviço a muita gente. Trabalhou de dia e de noite, mas aqui está a sua obra que ficará como recordação para seus filhos e seus netos. [...] Desde aí tivemos logo uma ótima impressão do dr. Sylvio Pedroza e a impressão se completou quando tivemos ocasião de falar, pessoalmente, com o “gentleman” que honra uma tradicional família potiguar e merece uma espontânea admiração do povo de sua terra.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Segundo o historiador Abreu Júnior, o jornal pernambucano diário e matutino lançado em Recife em 16 de abril de 1927 pela empresa Lima Cavalcanti e Cia. de propriedade dos usineiros Artur de Siqueira Cavalcanti, Caio de Lima Cavalcanti, Carlos de Lima Cavalcanti, Fernando de Lima Cavalcanti e Rui de Lima Cavalcanti. Foi fechado em 31 de dezembro de 1950, mas após algum tempo voltou a circular. O primeiro diretor-geral do *Diário da Manhã* foi Carlos de Lima Cavalcanti, que pouco antes rompera com o Partido Republicano de Pernambuco para fazer oposição ao presidente estadual Estácio Coimbra através de uma nova agremiação, o Partido Democrático de Pernambuco. No plano nacional, os Lima Cavalcanti iriam apoiar o programa do Partido Democrático Nacional (PDN). ABREU JÚNIOR, João Batista de. (2001), “Diário Trabalhista (verbete)”, in A. A. de Abreu et alii (coords.), *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro, CPDOC/Editora FGV, CD-ROM.

<sup>60</sup> A capital potiguara se renova e progride pela ação esclarecida do Prefeito Silvio Pedroza: o Trampolim da Vitória, uma bela cidade – Flagrantes fixados pela reportagem do “Diário da Manhã”. *Diário da Manhã* (recorte). Livro de recortes. *Cidade do Natal: Administração Sylvio Pedroza* (1947). ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

Essa imagem construída pelo discurso jornalístico do *Diário da Manhã* pode ser considerada a representação mais difundida acerca da Natal moderna durante a gestão de Sylvio Pedroza como seu prefeito nos periódicos nacionais. Como dito anteriormente, o jornal recifense reforça a representação construída pelos periódicos natalenses e ratifica seu discurso a partir da inserção de uma fotografia que mostra uma típica paisagem moderna de Natal e, mais que isso, transmite ao leitor a ideia de veracidade sobre o processo de modernização que estava em andamento em Natal pelas mãos de Sylvio Pedroza.

Nessa ocasião percebesse um curioso detalhe. Atrelado à fotografia que mostra a Praia do Meio urbanizada, encontramos uma fotografia de Sylvio Pedroza no início da reportagem, uma clara associação entre agente promotor da modernização e o espaço moderno. O que parece inocente, ou meramente um recurso ilustrativo, demonstra a intenção em se associar o prefeito às mudanças que vinham ocorrendo na cidade, uma forma de mostrar ao leitor quem era o responsável por aquele momento de modernidade pelo qual estava passando a cidade do Natal



**Figura 1.3:** a manchete acima exalta a política de Sylvio Pedroza e o aspecto urbano de Natal. As fotografias são utilizadas como mecanismos de comprovação, ‘testemunhos’ dessa realidade, reforçando, ainda, uma simbiose entre a imagem do prefeito e da cidade. **FONTE:** A capital potiguara se renova e progride pela ação esclarecida do Prefeito Sylvio Pedroza: o Trampolim da Vitória, uma bela cidade – Flagrantes fixados pela reportagem do “Diário da Manhã”. Diário da Manhã (recorte). Livro de recortes. *Cidade do Natal: Administração Sylvio Pedroza* (1947). **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

Um detalhe na legenda impressa abaixo da fotografia, que mostra a Praça da Jangada na parte da Avenida Circular que passa pela Praia do Meio, demonstra a estratégia da reportagem em traduzir para os pernambucanos a proporção, a monumentalidade que era a Avenida Circular para Natal: “Vista parcial da Av. Atlântica construída na gestão do dr. Sylvio Pedroza”. Essa estratégia de tradução de uma realidade à outra visa o convencimento através da comparação,<sup>61</sup> uma clara preocupação do *Diário da Manhã*, em transmitir a suposta grandeza da Avenida Circular e o quanto esta era uma obra de impacto para Natal assim como foi a construção da Avenida Atlântica para o cotidiano carioca no início da década de 1900.<sup>62</sup> Além disso, a constante associação da obra ao nome de Sylvio

<sup>61</sup> A ideia de comparação aqui utilizada deve ser entendida segundo François Hartog, como “uma maneira de reunir o mundo que se conta e o mundo em que se conta, passando de um ao outro. É uma rede que joga o narrador nas águas da alteridade. [...] Assim, a comparação tem lugar numa retórica da alteridade, em que intervém na qualidade de procedimento de tradução. HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999. p. 240.

<sup>62</sup> A construção da Avenida Atlântica no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, foi iniciada em 1905 como parte da política de modernização urbana do prefeito Pereira Passos. Entretanto, sua conclusão só veio a

Pedroza denota a intenção da reportagem em creditar ao prefeito de Natal uma centralidade no processo de modernização natalense.

O que se torna interessante nesse caso é a forma como as obras de urbanização das praias de Natal e a Avenida Circular se tronaram a representação ‘oficial’ da modernidade natalense. A utilização das imagens desse espaço e as narrativas que se produziram sobre a Natal da administração Piza Pedroza na década de 1940, se refere quase que exclusivamente ao espaço urbano para caracterizar essa administração como moderna, silenciando, no entanto demais aspectos da vida natalense.<sup>63</sup>

Em 1948, novamente encontramos uma referencia à Natal moderna que estava em construção pela gestão de Sylvio Pedroza. Dessa vez, o jornal fluminense *Diário Trabalhista*,<sup>64</sup> expunha em manchete, a capital potiguar como um exemplo a ser seguido pelas demais cidades brasileiras, pois era considerada por este periódico como “uma das capitais mais interessantes do Norte”. Na reportagem do *Diário Trabalhista* fica patente que a representação a ser utilizada para designar um momento de modernidade em Natal era a mesma utilizada pelos jornais natalenses em 1946 e pelos jornais pernambucanos em 1947. Nesse sentido percebe-se que a modernidade natalense não viveu um processo de constante mudança no decorrer dos anos, mas simplesmente se apoiava discursivamente em determinados espaço da cidade que foram beneficiados pela remodelação urbana por parte da Prefeitura, ou seja, a modernização urbana de bairros como as Rocas e a construção da

---

ocorrer em 1906 durante a gestão Souza Aguiar.

<sup>63</sup> Durante nossa pesquisa foi praticamente impossível encontrarmos críticas à administração de Sylvio Pedroza. Uma coisa que intrigou o tempo todo foi o fato de nenhum jornal questionar a fonte dos recursos utilizados para as obras de modernização em Natal. Talvez a falta de um jornalismo investigativo explique essa ausência, no entanto, os números que aparecem nos jornais são apenas aqueles que são fornecidos por Sylvio Pedroza, como foi possível perceber na reportagem do jornal pernambucano *Folha da Manhã*, na qual, inclusive o jornalista ainda ratifica e justifica os números fornecidos, em um claro gesto de concordância com o prefeito de Natal.

<sup>64</sup> Segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira esse “jornal carioca diário [foi] fundado em 15 de janeiro de 1946 e extinto em 1961. O *Diário Trabalhista* foi fundado por Eurico de Oliveira, que, por não contar com recursos suficientes, se associou a Antônio Vieira de Melo, Mauro Renault Leite (genro do presidente Eurico Dutra) e José Pedroso Teixeira da Silva. Enquanto os dois primeiros se responsabilizaram pelo funcionamento do jornal, os dois últimos forneceram o capital. Exibindo uma orientação política de caráter trabalhista, o jornal visava na verdade garantir um respaldo popular para o governo do presidente Eurico Dutra, com o qual possuía ligações. Embora Eurico de Oliveira tivesse realmente compromissos com o trabalhismo, chegando a candidatar-se deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o jornal fazia, no fundo, restrições às posições petebistas, preocupando-se basicamente em defender o governo. O fim do mandato de Dutra na presidência foi de fato acompanhado da saída de Mário Renault Leite e de José Pedroso Teixeira da Silva do jornal”. FERREIRA, Marieta de Moraes. (2001), “Diário Trabalhista (verbete)”, in A. A. de Abreu et alii (coords.), *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro, CPDOC/Editora FGV, CD-ROM.

Avenida Circular foram durante a gestão de Sylvio Pedroza os elementos representativos utilizados para justificar uma política moderna em Natal.

Assim como fizera os natalenses *A República*, *O Diário*, *Diário de Natal*, *A Ordem* e o pernambucano *Diário da Manhã*, o carioca *Diário Trabalhista* simplesmente aderiu sem qualquer crítica, à representação construída por seus pares do Norte. Em sua reportagem, intitulada “Como se faz o progresso de uma cidade”, a reportagem traça um perfil moderno de Natal com base nos melhoramentos urbanos proporcionados pela gestão de Sylvio Pedroza.

As administrações municipais e os poderes do Estado não se têm descurado da sua capital. Natal nascera bonita, banhada de um lado pelo oceano e afagada por outro pela floresta. A mão do homem entrou mais tarde para modernizar os contornos, ajudando, assim, a natureza que, quase sempre ultrapassava em sentido estético. Natal nunca estacionou, desde a sua fundação. Cada administrador que passa deixa alguma coisa. Como a evolução em outros tempos era mais lenta, a cidade progrediu menos, acompanhando, assim, a marcha da época.

Já agora, na época do rádio e da aviação aérea, a marcha evolutiva da terra libertaria de Miguelinho, se fez às carreiras e para isso fez jus a ação dinâmica do Prefeito Sylvio Piza Pedroza, que não se descuidou dos problemas de interesse público, a começar pelo embelezamento da encantadora cidade nortista.

Em menos de um ano já o chefe do executivo apresentou uma apreciável obra administrativa, a começar pela construção da Avenida Beira-Mar, que uma das mais belas do norte.<sup>65</sup>

A referência às administrações anteriores citada acima, foi a estratégia encontrada pela reportagem para lembrar que Sylvio Pedroza era mais um Albuquerque Maranhão no comando de Natal, uma forma de mostrar que seus antepassados também colaboraram com o crescimento da capital, embora de forma mais lenta do que o que vinha ocorrendo na gestão Piza Pedroza. Além disso, como se percebe, o mesmo esforço que vimos nas outras representações construídas sobre a Natal da segunda metade da década de 1940 é novamente repetido pelo *Diário Trabalhista*.

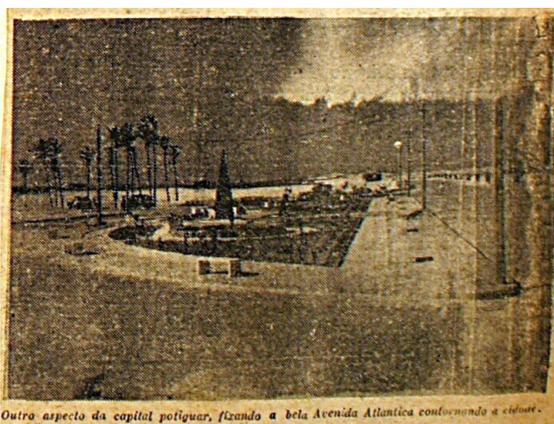
De forma semelhante, o jornal se empenha em espelhar e reforçar a relação entre a cidade que se moderniza e o prefeito moderno, construindo uma imagem harmônica, que se completa, em que Sylvio Pedroza e Natal são vistos como a parte de um momento de

---

<sup>65</sup> COMO SE FAZ O PROGRESSO DE UMA CIDADE. *Diário Trabalhista*. Rio de Janeiro. 25 ago. 1948.

modernidade por que passa a capital potiguar. Interessante notar que a palavra “progresso” constante na manchete da reportagem, refere-se, no decorrer do escrito ao espaço urbano, reforçando a tese de que o conceito de progresso nesse momento estava diretamente associado á ideia de modernização espacial da cidade e não a um progresso social, cultural ou econômico.

Outra estratégia volta a aparecer na reportagem do periódico carioca; a utilização da fotografia como testemunho. Desta vez, a novidade estava não somente na fotografia que, assim como no *Diário da Manhã* mostra a urbanização das praias da capital a partir da imagem da Avenida Circular e das praças construídas ao longo do litoral, mas na utilização de uma fotografia aérea de Natal a partir de um ângulo em que se é possível perceber a simetria retilínea das ruas (denotando a ideia de organização), dispostas em linhas formando quarteirões retangulares que partem da praia em direção à cidade. Embora a fotografia não apresente uma boa resolução, o que de fato nos interessa é a intensão com que esta foi colocada na reportagem, numa clara tentativa de demonstrar uma cidade organizada e moderna, reforçando o discurso do moderno que aparece na reportagem.



**Figura 1.4:** Uma das praças construída na Praia do Meio durante o processo de construção da Avenida Circular e urbanização das praias da capital natalense. **FONTE:** Como se faz o progresso de uma cidade. *Diário Trabalhista*. Rio de Janeiro. 25 ago. 1948.



**Figura 1.5:** Vista aérea de Natal. **FONTE:** Como se faz o progresso de uma cidade. *Diário Trabalhista*. Rio de Janeiro. 25 ago. 1948.

Na reportagem, se constrói um momento de modernidade natalense, embora o *Diário Trabalhista* baseie-se unicamente nas paisagens modernas da cidade para promover essa caracterização. O jornal não se preocupa em indagar qual seria a utilidade da Avenida Circular ou mesmo os benefícios da urbanização da área litorânea para, por exemplo, um progresso social natalense. Claro, é patente que essas obras proporcionaram novos espaços de moradia para a cidade e possibilitaram, igualmente, uma melhoria no que se refere à criação de vias de transporte para áreas antes com complicadas vias de acesso. No entanto, a reportagem não procura questionar outros aspectos da vida social de Natal, não amplia sua análise a fim de perceber se existem melhoramentos em outros aspectos fundamentais como saúde, educação ou moradia. O *Diário Trabalhista* simplesmente utiliza-se da ‘modernidade urbana natalense’ para caracterizar a cidade como um todo. Os jornais apresentavam Natal como uma cidade moderna baseando suas observações unicamente no aspecto urbano, construindo uma imagem moderna da cidade tomando o espaço urbano exclusivamente como parâmetro de suas análises.

O que é mais interessante perceber nesse processo de construção de uma modernidade natalense enquanto Sylvio Pedroza foi prefeito de Natal é a forma como essas representações construídas acerca da sua gestão transformaram-se em discurso de legitimação de uma Natal moderna na década de 1940. A utilização dos discursos construídos por periódicos não natalenses nos livros de memória do ex-prefeito reforçam a imagem que Sylvio Pedroza pretendeu para si e para a Natal do seu tempo, uma nítida tentativa de demonstrar às gerações futuras a aprovação e o reconhecimento externo de sua administração na Prefeitura de Natal. Essa estratégia de construção de uma memória para si, utilizando o espaço da cidade moderna como justificativa de uma gestão moderna fica, como veremos, mais clara nos depoimentos reunidos em *Pensamento e Ação*.

### 1.3. OS JORNAIS E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE UMA NATAL MODERNA

Em 1956, Sylvio Pedroza lançava seu primeiro livro de memórias, *Definições*.<sup>66</sup> Nele, o já ex-governador do Rio Grande do Norte reuniu uma série de pronunciamentos à Assembleia Legislativa, cartas, mensagens de ano novo além de discursos públicos que pronunciou enquanto governou o estado de 1951 a 1955. Já em 1984, quando Sylvio Pedroza já havia fixado residência no Rio de Janeiro e ocupava o cargo de vice-secretário geral da Confederação Nacional do Comércio, foi lançado em Natal pela Fundação José Augusto (órgão responsável pelos projetos culturais do Governo do Estado do Rio Grande do Norte), *Pensamento e Ação*<sup>67</sup>, o segundo livro de memórias de Sylvio Pedroza, que na verdade é uma compilação de *Definições* acrescido de documentos referentes ao período da administração Piza Pedroza em Natal.

O acréscimo dessa documentação relativa ao período de sua gestão à frente da Prefeitura de Natal visava uma complementação daquele primeiro livro de memórias lançado em 1956, que continha apenas textos que retratavam o período em que Sylvio Pedroza foi governador. Por isso, *Pensamento e Ação* pode ser considerado um complemento à *Definições*, onde se procurou definitivamente construir uma memória escrita acerca das duas gestões públicas de Sylvio Pedroza no Rio Grande do Norte. Para retratar o período da gestão Piza Pedroza na Prefeitura de Natal, *Pensamento e Ação* utilizou uma entrevista concedida pelo ex-prefeito ao programa “Memória Viva” da *TV Universitária* (TVU-UFRN) e algumas reportagens publicadas em jornais pernambucanos entre 1946 e 1950.

Em uma dessas reportagens, intitulada “Óleo de rícino”, o jornalista Andrade Lima Filho constrói uma interessante narrativa que tem como função fundir a imagem de Sylvio Pedroza à da cidade moderna, em que Natal era tomada como dependente do seu prefeito, pois, se se constituía enquanto espaço promissor necessitada de um comandante moderno e dinâmico, mas que possuísse credenciais para governar (o fato de ser um Albuquerque Maranhão já o habilitava à função de governante). Em sua narrativa, Natal é vista ao

---

<sup>66</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Definições*: documentos vários e políticos de um Governo. Natal: Departamento de Imprensa, 1956.

<sup>67</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*: marcos de uma trajetória de governo. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

mesmo tempo, como um produto e um espelho do seu administrador moderno, pois reflete através do espaço de suas ruas as características do seu prefeito, que ao mesmo tempo que modernizava os espaços demonstrava a veia administrativa tradicional dos seus antepassados.

Quando estive em Natal, pela última vez, em agosto do ano passado, uma coisa que fortemente me impressionou foi a transformação que se vem operando, de uns tempos para cá, na paisagem urbana do velho burgo de Jerônimo de Albuquerque. Encontrei lá um prefeito, jovem e dinâmico, empenhado no remorçamento da cidade, através de um plano de urbanismo de primeira ordem. Sylvio Pedroza era o herói dessa jornada.<sup>68</sup>

Nesse trecho, Andrade Lima Filho constrói Sylvio Pedroza como o principal agente da mudança urbana que estava ocorrendo em Natal. Se em outros momentos encontramos uma forte associação da política urbana de Sylvio Pedroza à construção da Avenida Circular, na narrativa de Lima Filho encontramos um jornalista convencido de que o momento de progresso da capital potiguar só era possível por causa do espírito “jovem e dinâmico” de seu prefeito, preocupado com a recuperação e a modernização dos bairros mais humildes da cidade de Natal.

As Rocas, como as Quintas, velhos bairros tradicionais dantes mergulhados na treva e agitados pelo crime, lembrando os redutos algerianos de Pepe Le Moko, lá reportavam irreconhecíveis. Sua fisionomia sombria desaparecera. O calçamento, a iluminação elétrica, o serviço de abastecimento d’água, as escolas, levados até pelo dinamismo de Sylvio Pedroza, haviam modificado completamente a paisagem daquelas favelas natalenses. E ali, agora, íamos encontrar, nós, os forasteiros que em época anterior não nos animaríamos a cruzar tão perigosos sítios, dois bairros populares habitados por uma população laboriosa recuperada, pode-se dizer, como valor social e humano.<sup>69</sup>

Nessa reportagem de 1949, o que chama a atenção é o fato de que o articulista não se refere à Avenida Circular como exemplo do momento de modernidade por que passa Natal, coisa que Lima Filho já havia feito em um momento anterior.<sup>70</sup> Mas, de fato, a

---

<sup>68</sup> LIMA FILHO, Andrade. Óleo de rícino. *Folha da Manhã*. Recife. 10 set. 1949.

<sup>69</sup> LIMA FILHO, Andrade. Óleo de rícino. *Folha da Manhã*. Recife. 10 set. 1949.

<sup>70</sup> Trata-se de reportagem intitulada “Pepe Le Moko”, publicada no *Jornal do Comércio* de Recife em agosto de 1949 e que será explorada no decorrer do capítulo III.

reportagem chama a atenção para o trabalho de modernização que vinha sendo operado nas ruas dos bairros mais pobres da capital, principalmente as obras de pavimentação e eletrificação do bairro operário das Rocas.

A estratégia narrativa adota por Lima Filho em sua crônica é outro fator que chama a atenção na análise do seu discurso. Nele, é possível perceber a intenção de construir paisagens distintas para os bairros das Rocas e das Quintas: uma anterior à administração de Sylvio Pedroza, onde os bairros encontravam-se “mergulhados na treva e agitados pelo crime” e uma paisagem posterior aos melhoramentos urbanos da Prefeitura, que resultaram em novos bairros, “habitados por uma população laboriosa recuperada, pode-se dizer, como valor social e humano”. Essa é uma estratégia que já vimos presente em outros jornais.

Não é demais lembrar algo peculiar à Andrade Lima Filho. Sabe-se que, assim como Sylvio Pedroza, o jornalista pernambucano foi uma importante liderança dos quadros do PSD em seu Estado. Além do mais, Lima Filho foi um dos grandes amigos do etnógrafo Luis da Câmara Cascudo, que durante as décadas de 1940 e 1950 foi, em solo potiguar, a voz mais forte na defesa das iniciativas administrativas de Piza Pedroza, ao ponto do erudito vir a tornar-se historiador oficial da cidade de Natal e posteriormente do Rio Grande do Norte durante as gestões de Sylvio Pedroza. Essa rede de amizades explica em muito o porque da posição de Andrade Lima Filho na defesa da política urbana adotada em Natal por Sylvio Pedroza.

A construção das paisagens modernas de Natal para os leitores pernambucanos não foi, aliás, uma exclusividade nem de Nilo Pereira como vimos inicialmente nem de Lima Filho como acabamos de ver. Mas, coube ao jornalista Waldemar Almeida do *Diário da Noite* de Recife a incumbência de construir a versão mais abrangente do que para ele foi a política moderna de Sylvio Pedroza, pois, o fato de escrever em 1950, último ano da administração municipal de Sylvio Pedroza, possibilitou a Waldemar Almeida a construção de uma retrospectiva dessa gestão, baseando-se para isso em um discurso que privilegiou a exaltação à cidade e seu governante, ambos exemplo de um momento de modernidade e progresso natalense.

Muitas cidade brasileiras não puderam esconder a inveja que tinham da capital potiguar devido ao seu prefeito que era mais um apaixonado da terra do que simplesmente um presidente de Intendência. Amanhecia guiando ora um caminhão, ora uma motocicleta, ora um automóvel, percorrendo todos os bairros da cidade ao olhar-lhe as necessidades. Nas Rocas, no Alecrim, no Carrasco, em Petrópolis, nas praias, via-se Sylvio Pedroza observando as estradas, as ruas, um lugar para uma futura praça, um recinto para um parque de diversões destina à garotada, as possibilidade de uma nova avenida, a oportunidade para um calçamento, indagando, perguntando, ansioso por servir.<sup>71</sup>

Além de fazer um exercício de reprodução dos discursos já construídos anteriormente sobre Sylvio Pedroza e a Natal de sua administração, o escrito de Waldemar Almeida nos possibilita identificar a comprovação de uma hipótese que permeou toda a análise que fizemos sobre a cidade de Natal entre 1946 e 1950: a imagem de Sylvio Pedroza como um sujeito capaz de conciliar o moderno e o tradicional foi possibilitada em sua completude graças aos discursos jornalísticos da época.

Se na primeira parte da reportagem acima visualizamos a imagem da administração, do homem e da cidade moderna, na segunda metade da mesma reportagem de Waldemar Almeida encontramos o Sylvio Pedroza tradicional, paternalista e assistencialista, ligado às instituições e às figuras tradicionais do Rio Grande do Norte e frequentador dos espaços da tradição conservadora de Natal, preocupado com a construção de espaços de sociabilidade da elite cultural, política e econômica do município.

As atitudes de governante tradicional que observamos na segunda metade da reportagem de Waldemar Almeida são percebidas, em grande parte, pelas medidas político-econômicas que Sylvio Pedroza adotou para agradar intelectuais e políticos (dois importantes grupos formadores de opinião), fornecendo-lhes afagos econômicos por parte da Prefeitura além da manutenção de privilégios destinados instituições e sujeitos tradicionais do cenário social e político natalense.

Deu-lhe uma História. Luis da Câmara Cascudo escreveu. A Prefeitura editou [...] Sonhou um Jockey Clube, chegando a presidir a inauguração do Clube Hípico. Deu-lhe a Avenida Circular, um dos mais lindos recantos que a cidade hoje tem. [...] Nunca deixou de frequentar uma reunião da Academia de Letras Norte-rio-grandense. Era o primeiro a

---

<sup>71</sup> ALMEIDA, Waldemar. Um governador de cidade digno de ser imitado. *Diário da Noite*. Recife. 06 abr. 1950.

chegar às aulas da Universidade Popular. [...] Deu dinheiro aos intelectuais para a publicação dos seus livros. Mandou editar músicas de compositores norte-rio-grandenses. Sua residência particular era a hospedaria oficial de todos os artistas e de todos os intelectuais que a seu convite visitavam Natal.<sup>72</sup>

Nesse trecho percebemos como o prefeito atuava financiando livros e instituições, além de acolher em sua residência (assim como fazia seus antepassados e os senhores de engenho) figuras ilustres da sociedade. Essa imagem construída por Waldemar Almeida é, o que podemos dizer um resumo de toda a representação que se construiu sobre Sylvio Pedroza nos periódicos do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e Rio de Janeiro. Em certa medida, fosse qual fosse o lugar de fala dos periódicos que analisamos no capítulo, o discurso construído para compor a imagem de Natal e Sylvio Pedroza seguiram o esquema inicial que se construiu nos jornais natalenses ainda nos primeiros meses da sua gestão municipal em 1946.

Nesses periódicos, a modernidade natalense era apresentada como um produto da relação estabelecida entre a cidade e seu prefeito, na qual, as obras de modernização do espaço urbano sustentavam o discurso da administração progressista ao mesmo tempo em que a cidade ganhava status de cidade moderna única e exclusivamente por suas características urbanas.

Além do mais, as representações criadas para caracterizar a Natal de Sylvio Pedroza baseavam-se na revitalização dos bairros mais pobres da cidade, na concepção da Avenida Circular ou, às vezes, em ambos. Aliás, a modernização urbana desses espaços da cidade foi utilizada como justificativa para a política da Prefeitura de Natal durante a segunda metade da década de 1940, onde, a influência, o alcance e a função dos jornais (influenciar na construção da opinião pública) foram elementos fundamentais na cristalização da imagem da gestão Piza Pedroza como um momento de exercício da política e das práticas modernas pelas quais a cidade de Natal passou durante esses anos.

Por fim, vale ressaltar que Sylvio Pedroza parece ter sido o homem escolhido com as características certas para o momento de transição que viveu Natal após 1945. Mesmo existindo a consciência de que a cidade necessitava continuar o ritmo de progresso urbano

---

<sup>72</sup> ALMEIDA, Waldemar. Um governador de cidade digno de ser imitado. *Diário da Noite*. Recife. 06 abr. 1950.

iniciado durante a guerra, a elite política viu-se condicionada à escolha de um nome capaz de transmitir uma imagem de mudança com relação às políticas conservadoras da capital, mas que ao mesmo tempo fosse fiel às tradições e orientações políticas da classe dirigente local.

O PSD, liderança maior da política norte-rio-grandense nos anos de 1940 e 1950, parece ter percebido na figura de Sylvio Pedroza esse sujeito capaz de promover uma política de modernização sem provocar grandes rupturas no círculo político tradicional. Coube ao discurso jornalístico destacar o lado moderno de Sylvio Pedroza, no entanto, o primogênito dos Gomes Pedroza reunia as características necessárias àquele que deveria ocupar o cargo de prefeito de Natal: ser moderno em suas ações, mas tradicional em seu espírito político. Esse foi o Sylvio Pedroza prefeito de Natal.

## Capítulo II

### O Plantador de cidades e o Jardineiro Fiel:

*A cidade e a construção da Natal moderna de Sylvio Pedroza por Câmara Cascudo*

*Citada a flor, lembro a roseira. Quem é de raça, sempre caça! Capitaliza na memória as gerações de trabalhadores, negociantes, fazendeiros, lavradores, industriais, mentores políticos, plantadores de Cidades, homens sem repouso, os Gomes Pedroza, Os Albuquerque Maranhão, os Piza paulistas inesgotáveis<sup>73</sup>*

*A brecha existente entre o passado e sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõe ocupar o lugar desse passado permitiram o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida como uma escritura sempre construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as de ficção.<sup>74</sup>*

Ao assumir a Prefeitura de Natal em 1946, Sylvio Pedroza iniciou de imediato sua aproximação ao amigo de longa data de sua família, o erudito potiguar Luis da Câmara Cascudo. Com o tempo, a relação de amizade que se firmou mostrou-se fundamental e interessante para ambos, pois, se por um lado o novo prefeito ganhou um aliado de força na defesa de seus interesses frente à opinião pública, por outro lado Câmara Cascudo angariou mais espaço dentro do cenário político natalense e, por consequência, construiu com o novo governo uma afirmação de sua figura como principal referência letrada do círculo cultural norte-rio-grandense.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> CASCUDO. Introdução. apud. PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

<sup>74</sup> CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 12.

<sup>75</sup> Durante o trabalho, Câmara Cascudo será tratado como *erudito*. Essa escolha conceitual deve-se ao fato de que; por transitar livremente entre temas, pesquisar objetos diversos e ter uma forma própria de escrever, obedecendo a regras próprias e não institucionalizadas, Cascudo não pode ser classificado enquanto *intelectual*. Entende-se aqui que *eruditos* e *intelectuais* são letrados com características distintas, sendo a figura de Cascudo mais próxima da primeira categoria. Para uma compreensão mais aprofundada da relação entre esses conceitos ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *De amadores a desapaixonados*:

Assim sendo, com base no panorama apresentado, o objetivo desse capítulo será justamente entender qual o sentido da relação que envolveu Sylvio Pedroza, Câmara Cascudo e o espaço da cidade de Natal durante o período da administração Piza Pedroza frente à Prefeitura de Natal na década de 1940?

No intuito de responder a esse objetivo resolvemos analisar o discurso construído por Câmara Cascudo em seu livro *História da Cidade do Natal*, aqui entendido como um espaço escrito em que as paisagens da cidade são construídas seguindo os interesses do poder público na figura da Prefeitura de Natal e do próprio escritor potiguar. De antemão se faz necessário afirmar que trabalhamos com a hipótese, de que o livro de Câmara Cascudo tem como objetivo, dentre outras coisas, o de construir a legitimação do novo prefeito enquanto administrador público e reafirmar o nome de Câmara Cascudo como a referencia central da elite letrada potiguar.

Ao ser empossado pelo interventor federal Ubaldo Bezerra, Sylvio Piza Pedroza percebeu a necessidade de costurar alianças que lhe dessem sustentação política e principalmente respaldo por parte da opinião pública e dos meios de comunicação. Já em 1946, Câmara Cascudo era considerado um ícone da cultura letrada potiguar. Havia publicado mais de uma dezena de livros e centenas de artigos nos principais jornais do Rio Grande do Norte, como *A República*, *A Ordem* e o *Diário de Natal*. Ainda nos anos de 1930, Câmara Cascudo era respeitado por importantes nomes da cultura nacional, tais como Gilberto Freyre, Gustavo Barroso e Mário de Andrade, o que desde cedo fez com que o erudito potiguar se tornasse a referência maior da cultura letrada norte-rio-grandense e ainda hoje, idolatrado por uma significativa quantidade de letrados e admiradores impressionados com sua vasta e volumosa obra, o que por vez não é negado nem mesmo por seus críticos.

Se por um lado Câmara Cascudo já possuía um nome consagrado junto à sociedade potiguar, o mesmo não podia se dizer do novo prefeito. Recém chegado do Rio de Janeiro, o filho de Fernando Gomes Pedroza, o mais abastado comerciante do Estado, Sylvio Pedroza desembarcava em Natal como a indicação de João Câmara, então presidente do PSD, para ocupar o executivo da capital potiguar. Segundo a visão de Sylvio Pedroza,

---

eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. *Trajetos*. Revista de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, vol. 3. n. 6. 2005.

sua nomeação havia sido “um verdadeiro desafio para o jovem de 26 anos assumir os destinos de sua cidade natal, então com 72 mil habitantes, receita de 13 milhões de cruzeiros e enorme montanha de problemas a resolver”.<sup>76</sup>

É difícil designar ou enumerar quais os componentes dessa “enorme montanha de problemas”, no entanto, sabe-se que para Sylvio Pedroza a questão urbana apresentava-se como um problema que merecia mais atenção por parte da Prefeitura do que qualquer outra área da administração pública, visto a enorme quantidade de obras de intervenção urbana que a Prefeitura de Natal promoveu na cidade entre 1946 e 1950.

Cerca de dois meses após assumir seu cargo, Sylvio Pedroza iniciou sua reaproximação com Câmara Cascudo, seu professor de história nos tempos do Atheneu Norte-Riograndense. Esse reencontro veio atrelado à comunicação ao erudito de um ‘plano secreto’ que o ex-aluno e agora prefeito pretendia pôr em prática logo nos primeiros meses de sua administração. Na introdução do livro de memórias de Sylvio Pedroza, *Pensamento e Ação*, Câmara Cascudo relata o momento da aproximação e fala do ‘plano secreto’:

Em abril de 1946, dois meses Prefeito de Natal, expunha-me o plano “secreto” de uma Avenida Circular margeando o Atlântico, de poente a nascente, da Limpa das Rocas à Areia Preta. Sentado num rasteiro escabelo de cortiça, riscava papéis loquaz e ébrio do plano audaz. Começou a loucura em junho. Quase unânime a reprovação dos Técnicos contra a pretensão do Bacharel leigo. O movimento de terra exigia tempo sem fim. Onde os recursos da efetivação real? O “Teimoso” foi a Parnamirim, onde permaneciam adormecidos os grandes monstros yankes de aço, fabricantes de rodovias, tratores, escavadoras, possantes caminhões de carga. Ninguém previa o golpe! Os dinossauros e ciptodontes [sic] sonoros realizaram em um dia, serviço de uma semana, e n’uma semana programa de mês. Na véspera do Natal, de 1946, inaugurava-se a Avenida Circular. Fiz falação e o Prefeito, em gesto profético, anunciou que a Cidade desceria das colinas para a pancada-do-mar. É o imenso, tentacular, atualíssimo bairro dos Santos Reis atração turística, sedução elegante, banho de mar numa paisagem surpreendente de Copacabana potiguar.<sup>77</sup>

Em verdade, a aproximação não foi apenas para confessar ao amigo o plano mirabolante de que melhor trataremos mais a frente. Sylvio Pedroza necessitava em

---

<sup>76</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*. Natal: Fundação José Augusto, 1984. p. 65.

<sup>77</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. Introdução. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

verdade afirmar-se enquanto político, homem público, gestor eficiente para não sofrer uma possível desaprovação popular à sua gestão. Muito provavelmente essa preocupação estava relacionada à sua condição de forasteiro, já que por muito tempo morou fora de Natal e, principalmente, a sua pouca idade para assumir um cargo de grande visibilidade. Amigo de longa data das famílias Gomes Pedroza e Albuquerque Maranhão além de ocupar, como já vimos, um lugar de fala privilegiado perante à sociedade potiguar, Câmara Cascudo assumiu de pronto o papel de maior e mais influente aliado e defensor da política urbana que Sylvio Pedroza pensou para Natal nos primeiros anos do seu governo.

Observando as fontes do período e confrontando as datas é possível perceber que no mês anterior à confissão do ‘plano secreto’, em março de 1946, os jornais de Natal noticiavam o fato de que “o prefeito da capital, o dr. Sylvio Pedroza, acaba[ra] de entrar em entendimento com o historiador conterrâneo dr. Luis da Câmara Cascudo, afim de que o mesmo escreva uma História da Cidade do Natal”.<sup>78</sup> Daí em diante, a centralização do discurso em torno da cidade e de suas transformações passou a ser uma constante por parte de ambos. Câmara Cascudo passou a traçar sua estratégia de narrativa de legitimação em um decisivo trabalho de consolidação da figura de Sylvio Pedroza como um verdadeiro “plantador de cidades”, um agente modernizador do espaço, assim como seus antepassados o foram, como nos é apresentado na epigrafe inicial desse capítulo.

O livro *História da Cidade do Natal* foi de fato encomendado em março de 1946 pela Prefeitura e seu lançamento veio a ocorrer em 1947. Ao chegar ao conhecimento da crítica local foi visto como um livro “destinado a fazer intensa propaganda da nossa cidade e ao visitante apressado já podemos oferecer-lhe um exemplar da história de Natal sem a necessidade das evasivas costumeiras com que procurávamos defender a inexistência de uma obra desta natureza”.<sup>79</sup> A primeira edição foi plenamente aceita, mas pouco após o lançamento era possível encontrar críticas referentes ao preço de Cr\$60,00 cobrado por cada exemplar, o que limitava sua circulação. Segundo palavras críticas de uma coluna jornalística da época “deu-se, então, o esperado: somente uma dúzia de gente de dinheiro

---

<sup>78</sup> O ESCRITOR CÂMARA CASCUDO ESCREVERÁ A HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL. Natal. *A República*. Natal. 31 mar. 1946.

<sup>79</sup> A CIDADE. *O Diário*. Natal. 8 mar. 1947.

adquiriu o livro, e o povo que tanto precisa conhecer a história da nossa cidade, ficou triste por não poder adquirir um volume da HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL”.<sup>80</sup>

Críticas a parte o que chama atenção em *História da Cidade do Natal* não é sua serventia enquanto manual de propaganda da capital, mas sim, a erudição e a capacidade de articular a narrativa histórica que seu autor exprime nas páginas desse livro.

As estratégias de escrita adotadas por Câmara Cascudo e a forma como a narrativa do livro insere Sylvio Pedroza e sua família no decorrer do escrito mostra bem a intenção de marcar a situação desse grupo na história política da cidade de Natal. Além disso, é possível identificar um claro esforço na elaboração de uma cartografia do espaço urbano de Natal, um mapeamento da cidade que dividia a cidade em duas categorias, os denominados *bairros exteriores* e *bairros centrais*. Essa cartografia mostrou-se uma tentativa evidente de expor uma pretensa superioridade histórica dos *bairros centrais* em relação aos *bairros exteriores*. São esses dois aspectos da obra cascudiana que analisaremos no intuito de entender como o espaço da cidade foi utilizado para marcar Sylvio Pedroza e sua família enquanto marcos fundamentais da história potiguar e do desenvolvimento urbano de Natal.

## 2.1. UMA CARTOGRAFIA PARA A NATAL (E GESTÃO) DE SYLVIO PEDROZA

Quando pesquisas são feitas nos jornais natalenses no período em que Sylvio Pedroza foi prefeito de Natal poucas são as críticas encontradas ao seu respeito, e quando surgem aparecem em tom amistoso e aconselhador, nunca com ataques ou injúrias. Esse aspecto sugere que desde o início o novo prefeito, embora jovem, foi bem aceito e aprovado por vários setores da sociedade, principalmente no que se refere à Igreja e aos militares como veremos mais adiante. Embora Sylvio Pedroza tenha sido bem recebido, se fez necessário construir para si um status político que o credenciasse enquanto prefeito independente e assim conquistasse o apoio dos grupos políticos locais, estabelecendo, portanto, uma plataforma sustentável de governabilidade.

---

<sup>80</sup> UM EXEMPLO FRISANTE. *A Ordem*. Natal. 17 mai. 1947.

Inicialmente, Sylvio Pedroza pretendeu e pôs em prática amplas reformas no espaço urbano da cidade, obras que visaram interligar os bairros da Ribeira e Cidade Alta (considerado ainda hoje centro comercial e político de Natal) e os espaços isolados da cidade, revelando-se uma nítida tentativa de integração e construção de uma unidade urbana da cidade. Para o então prefeito ficava clara a necessidade de se promover obras com essas características em Natal, ainda mais quando lembrarmos que na primeira década de 1940 Sylvio Pedroza residia na capital do país, o Rio de Janeiro, que vivia desde o início do século XX um pleno momento de transformação. No cenário natalense onde iniciava um processo de construção de ruas, praças, casa, etc. a Avenida Circular surgia como a mais importante demonstração da política municipal de modernização do espaço urbano da capital. De forma inteligente, buscando minimizar críticas e demonstrando que aquela era uma obra que vinha atender aos anseios da população das praias do Forte, Areia Preta e Meio, além dos moradores do bairro das Rocas, Sylvio Pedroza apresentou e discutiu a elaboração da planta publicamente, o que lhe rendeu elogios (devidamente imortalizados em seus recortes) por parte da imprensa da cidade.

O PREFEITO SILVIO PEDROZA espos [sic] ao público reunido na noite de 18 do corrente no Salão da Prefeitura três projetos programados [...] Salienta-se igualmente o processo eminentemente democrático da exposição direta ao povo, livre em sua crítica, independente na maneira de examinar as propostas e sobre elas deliberar e restringir seu aplauso. [...] O que se passou na noite de 18 do corrente institui a política moderna da consultiva prévia, como na Suíça e Noruega, constante da exposição dos serviços projetados ao público da cidade, representados pelos seus elementos mais legítimos de autoridade e compostura.<sup>81</sup>

As demais notícias que tratavam da construção da Avenida Circular reproduziam os mesmos argumentos desse discurso. No entanto era indispensável justificar a necessidade de construção das grandes obras e a urgência dessas intervenções. Essas justificativas visavam, além de promover realmente a integração dos bairros e praias da cidade, projetar essas obras na história e demarcar os feitos da administração Piza Pedroza, vista posteriormente como uma gestão moderna e preocupada com a modernização e integração dos espaços públicos de Natal. A função de construir as justificativas necessárias

---

<sup>81</sup> O PREFEITO SILVIO PEDROZA. *A República*. Natal. 22 jun. 1946.

que legitimassem essa prática urbana de Sylvio Pedroza coube ao amigo e aliado de primeira hora, Câmara Cascudo, através do livro oficial da história da capital financiada pela Prefeitura: *História da Cidade do Natal*.

Desde o início, a estratégia de escrita utilizada por Cascudo visava dar grande notoriedade ao espaço da cidade, o que é possível perceber através do mapeamento e indicação dos lugares de memória e do grau de importância testemunhal que os *bairros centrais* (Ribeira e Cidade Alta) possuíam em relação à história de Natal. No decorrer do seu livro, Câmara Cascudo apresenta Sylvio Pedroza como uma “mente progressiva e fiel à terra” e um sujeito responsável pelo progresso urbanístico da cidade, características que nos permite fazer uma associação com a epígrafe que inicia *História da Cidade do Natal*.

Nessa epígrafe, Câmara Cascudo relembra uma frase do historiador francês do espaço urbano Pierre Lavedan, quando afirmara que “a cidade é um ser vivo. Como todo ser vivo, ela nasce, ela cresce, ela morre”.<sup>82</sup> Iniciar o livro com uma frase de um estudioso do urbano é muito significativo, principalmente quando notamos o momento por que passava Natal em 1946, com a construção de calçamentos e da Avenida Circular na beira mar da capital. Era necessário justificar as obras da cidade a partir do seu espaço urbano, o que de pronto Câmara Cascudo já faz com a escolha da epígrafe de Pierre Lavedan no início do seu livro.

No primeiro ano de governo a repercussão da construção da Avenida Circular foi, como pudemos perceber nos jornais escritos da capital (ver Capítulo I), uma constante no noticiário da capital. Se Câmara Cascudo entendia a cidade como um organismo vivo nascida com a colonização portuguesa no século XVI, é possível já no capítulo introdutório do seu livro percebemos que a Natal de Sylvio Pedroza vivia sua juventude, progredindo, crescendo forte, e em “uma perspectiva indefinida. Sentimos, que, tendo vida, está na fase de um desenvolvimento violento, diário incessante, ganhando os tabuleiros, subindo os morros”.<sup>83</sup> A Avenida Circular apresentava-se em tal contexto como um exemplo desse momento de juventude, pujança e progresso urbanístico pelo qual passava a cidade da administração Piza Pedroza narrada por Câmara Cascudo.

---

<sup>82</sup> A citação aparece no início do livro em francês: “*La ville est un être vivant. Comme tout être vivant, elle naît, elle grandit, elle meurt*”.

<sup>83</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. Introdução. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010.

A apresentação de uma Natal ainda não adulta, mas em fase de crescimento, aparecia na narrativa de Câmara Cascudo a fim de assemelhar-se ao seu prefeito, com ares de juventude em uma perspectiva de futuro moderno e progressista. A capital, que até pouco tempo havia presenciado o avanço urbanístico trazido pelas Tropas Aliadas na Segunda Guerra Mundial, é vista como um espaço carente de alguém que pensasse, comportasse, se assemelhasse a ela, e isso se percebe no esforço retórico do erudito potiguar, ao construir um discurso legitimador para Sylvio Pedroza baseado no processo em curso de modernização do espaço da cidade.

Ao tratar da urbanização natalense durante a primeira metade do século XX, o maciço investimento estadunidense nessa área, ocorrido durante o período da Segunda Guerra Mundial, parece diminuído se comparado às medidas que estavam em curso em 1946 por Sylvio Pedroza. Em *História da Cidade do Natal* é possível perceber a importância atribuída à construção da Avenida Circular em comparação a outras mudanças ocasionadas em Natal durante, por exemplo, o período de 1943 e 1945, época da construção da Base Aérea de Parnamirim e de importantes vias de integração da cidade de Natal à então vila de mesmo nome.

Visando construir a imagem de uma Natal que crescia, vivendo sua plena juventude, Câmara Cascudo necessitou elaborar um panorama no qual fosse possível comparar a cidade antes e depois de 1946. Essa comparação teve por objetivo, basicamente legitimar o momento da administração Sylvio Pedroza a partir dos processos de modernização pelos quais Natal passava no momento em que *História da Cidade do Natal* estava sendo escrito. A primeira medida para se alcançar tal objetivo foi constituir uma cartografia do espaço urbano baseada na divisão da cidade entre os já citados *bairros centrais e bairros exteriores*.

Nessa distinção feita pelo erudito potiguar, os *bairros centrais* estavam resumidos a dois pontos da capital, os bairros de Cidade Alta e Ribeira. A centralidade desses espaços estava diretamente relacionada com a tradição de ambos, pois foram ainda no século XVI os primeiros núcleos de povoamento fundados em Natal, vistos por Câmara Cascudo como verdadeiros testemunhos do processo histórico potiguar, o que se evidenciava pela distribuição de suas ruas, no modelo arquitetônico e nas faixadas de alguns de seus prédios. Além da escrita cascudiana perceber o espaço em si enquanto elemento histórico, o uso da

documentação colonial ressalta e atesta a presença de povoação nesse espaço em tempos remotos da colonização, reforçando a ideia de ancestralidade que Câmara Cascudo pretende reportar a esses dois bairros natalenses.

Seja como for, ouvindo a história, a Ribeira tem andado muito caminho desde que, na manhã colonial de 1603, era apenas o lugar onde Jorge de Araújo fazia tijolos junto a uma lagoa sem nome.<sup>84</sup>

De forma comparativa, a escrita construída para esses denominados *bairros centrais* ganha ares semelhantes às árvores da floresta de Bialowieza a que se refere o historiador britânico Simon Schama, em seu livro *Paisagem e Memória*, ao relatar a importância mítica da *puszcza* (floresta) lituana na construção identitária da sociedade lituana.<sup>85</sup> De forma semelhante, Ribeira e Cidade Alta são tomadas por Câmara Cascudo como símbolos testemunhais e míticos fundamentais na construção de uma identidade natalense. Ao serem encarados a partir dessas características, qualquer movimento de mudança que pudesse afetar esses espaços tradicionais poderia ser tomado como uma ameaça à história de Natal. É nesse sentido que *História da Cidade do Natal* constrói a centralidade para Ribeira e Cidade Alta como os bairros que por tradição deveriam influenciar no progresso das demais áreas da cidade o que, por tabela, explica a importância das obras de integração urbana pretendidas por Sylvio Pedroza.

O fundamental da análise do discurso que pretendemos fazer com o livro de Câmara Cascudo é observar como a escrita de um sujeito com um lugar de fala importante teve o poder de institucionalizar o mítico tornando-o monumento, lugar de memória, uma representação espacial fundamental na construção de uma identidade local. Os bairros da Ribeira e Cidade Alta são encarados como lugares de memória por se aproximarem daquilo que pensa Pierre Nora, ao afirmar que esses lugares são assim caracterizados por serem

---

<sup>84</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 137.

<sup>85</sup> Segundo Simon Schama, as árvores da floresta ganharam um valor testemunhal fundamental para a construção da identidade lituana ao serem percebidas como guardiãs da história lituana, os únicos seres vivos capazes de acompanhar todo o processo histórico da nação, sendo, desde a antiguidade, as únicas a testemunhar, junto aos bisões, a constituição e a evolução do povo lituano. Essa relação vem a tornar-se institucional a partir do momento em que pode se perceber a imagem das árvores como símbolos nacionais da Lituânia. SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 33-46.

investidos de uma carga imaginativa que credita a estes uma aura simbólica, em muito é ditada pela atribuição de valor que os discursos constroem para esses lugares.<sup>86</sup>

A intencionalidade da narrativa construída por Câmara Cascudo em centralizar a história da cidade a partir do espaço desses dois bairros é facilmente percebida até mesmo em uma despreziosa leitura de *História da Cidade do Natal*, característica que se acentua em uma leitura hermenêutica mais cuidadosa. Para o autor, a centralidade da Ribeira e Cidade Alta estava diretamente relacionada, como há pouco vimos, com sua herança colonial, a remota idade desses espaços da cidade em relação aos demais bairros, considerados novos, sem história e tradição. Essa, aliás, é uma curiosa característica da narrativa cascudiana. É notório o quanto a questão histórica foi fundamental no critério de valorização espacial que o erudito atribuiu em sua narrativa aos espaços da cidade. Tal notoriedade fica expressa quando já na “Introdução” de *História da Cidade do Natal*, Câmara Cascudo justifica sua hipótese acerca dos bairros *centrais* e *exteriores*, ao afirmar que “a história evidencia que os movimentos decorrem dentro de uma área limitada”, no caso da capital potiguar estes ocorriam nos denominados *bairros centrais*, principais núcleos da tradição, da política e da história natalense.

A importância dos *bairros centrais* pode ser percebida ainda, na forma de Câmara Cascudo narrar a Ribeira e a Cidade Alta como espaços da cidade repletos de lugares de memória. Prédios, ruas e praças são tomados enquanto monumentos memorialísticos, testemunhos da trajetória histórica de Natal. Na escrita de *História da Cidade do Natal*, os espaços que constituem os *bairros centrais* são narrados efusivamente e Câmara Cascudo exalta em seus escritos os espaços que abrigaram personagens ilustres da cultura e principalmente da política natalense.

No que se refere ao grupo de personagens políticos natalenses, Câmara Cascudo designa em todo seu livro grande importância aos feitos da família Albuquerque Maranhão, a mesma da qual Sylvio Pedroza fazia parte, – o então prefeito era sobrinho-neto de Pedro

---

<sup>86</sup> Acerca dos lugares de memória Pierre Nora afirma que esses, “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, um a associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual”. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: PROJETO HISTÓRIA. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1993. v. 10. p. 21.

Velho de Albuquerque Maranhão. Um exemplo singular de como memória familiar e espaço público são heroicamente narrados em *História da Cidade do Natal*, encontramos na narrativa que o erudito potiguar constrói acerca da antiga sede do executivo estadual, onde as figuras do velho Palácio e de Pedro Velho são glorificadas nas palavras de Câmara Cascudo como exemplos de orgulho presentes no centro do bairro de Cidade Alta.

O velho palácio hospedou o conde d'Eu em agosto de 1889. Debaixo de sua varanda desfilaram as passeatas da Abolição. Ali foi proclamada a República. Horas vibrantes sonorizaram as salas, manifestações, receios, planos, os primeiros governadores, Adolfo Gordo, Xavier da Silveira, Gomes Ribeiro. Ali discutiram os vices, Nascimento de Castro, Jerônimo Américo, o elegante Fernandes Barros, o coronel Gurgel. Dali saiu deposto o Presidente Miguel Castro que apoiara o golpe do Marechal Deodoro. Do gabinete de trabalho, Pedro Velho organizara o Estado nas bases constitucionais republicanas, resistiu a Floriano Peixoto, e empolgou o Rio Grande do Norte. Ali discursou Ferreira Chaves, entusiasta, arrebatado.<sup>87</sup>

Aliás, no livro *História da Cidade do Natal*, a família Albuquerque Maranhão ocupa importante destaque no que se refere ao processo de modernização do espaço urbano natalense desde o século XIX. Reconhece-se assim, uma estratégia de escrita que visou a legitimação das ações do mais destacado Albuquerque Maranhão da década de 1940, Sylvio Piza Pedroza. Uma forma de credenciar confiança administrativa ao novo prefeito de Natal a partir de sua herança familiar.

No intuito de construir essa legitimação para o então “governador da cidade”, Câmara Cascudo escolhe os nomes de dois destacados antepassados de Sylvio Pedroza para justificar o interesse pelo espaço da cidade como algo constante de sua família: Alberto Maranhão o ex-prefeito de Natal e Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, primeiro governador republicano do Rio Grande do Norte no século XIX.

Ambos personagens são narrados como figuras fundamentais no processo de inovação política e urbana natalense. Pedro velho é sempre relatado saudosistamente por Câmara Cascudo como o líder maior do movimento republicano no Rio Grande do Norte, influente e perspicaz político potiguar, talvez para o erudito, o maior nome de toda história

---

<sup>87</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1980. p. 168.

política do Estado. Segundo Câmara Cascudo, “Pedro Velho d’Albuquerque Maranhão era o motor do movimento [republicano], embora doente e ameaçado pela tuberculose”,<sup>88</sup> “organizara o Estado nas bases constitucionais republicanas, resistiu a Floriano Peixoto e empolgou o Rio Grande do Norte”.<sup>89</sup>

Ao reportar sua narrativa à forma como Pedro Velho assumira o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, o autor de *História da Cidade do Natal* utiliza adjetivos enaltecidos para caracterizar o primeiro governador do Estado, objetivando com isso, construir a imagem do líder nato, preparado, forte e democrático, assim como deveria ser construída a imagem de uma liderança para o momento de instauração da República.

Narrando a instituição do modelo republicano no Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo constrói um imaginário romanceado acerca da figura de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e do Palácio do Governo no centro do bairro da Cidade Alta em Natal. Na situação descrita, os poderes militares se rendiam a imagem do líder que surge como ator principal do alto do Palácio do Governo, símbolo maior da política norte-riograndense, uma alusão à ideia de que o espaço nobre estava diretamente relacionado às ações e às nobres figuras da política natalense.

Os três comandantes militares, da Companhia do Exército, dos Portos e do Corpo de Polícia, chegaram a Palácio, convidados para assistir ao ato. Finalmente Pedro Velho apareceu, alto, forte, formoso para assumir. Assumiu como Governador Republicano, aclamado. Joaquim Soares Raposo da Câmara lavrou a ata, que desapareceu. Não houve, como se vê, teatralidade alguma. Nem gritos, deposições, vaias, depredações. Tudo quieto, combinado, rápido e sereníssimo.<sup>90</sup>

No trecho selecionado acima, Câmara Cascudo utiliza um curioso recurso literário e, ao narrar o evento na terceira pessoa, assume a posição de testemunho ocular dos fatos e do evento,<sup>91</sup> reconstruindo evento, sujeitos e espaço, construindo o evento como um claro momento de afirmação política dos Albuquerque Maranhão.

---

<sup>88</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 461

<sup>89</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 225.

<sup>90</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 466.

<sup>91</sup> Embora Cascudo não tenha presenciado a cena, sua narrativa conduz o leitor a interpretar a cena como seu autor sendo parte da mesma, ou seja, a intenção é que o leitor acredite no testemunho do autor, mesmo que o mesmo não tenha sido testemunha ocular. Segundo Beatriz Sarlo, “o testemunho, por sua auto-representação como verdade de um sujeito que relata sua experiência, exige não ser submetido às regras que se aplicam a

Como se percebe, narrando com riqueza de detalhes, podemos ver um Pedro Velho carregado simbolicamente com as características típicas dos grandes heróis, adentrando ao Palácio do Governo e de um lugar alto – talvez a janela do palácio – proclamando a República no Rio Grande do Norte. Embora o próprio autor afirme que não percebeu nessa cena qualquer encenação, a narrativa com ares literários impressas por sua escrita é bem construída, mexe com o brio do leitor e emociona.

Outro fator ímpar da citação acima se refere justamente à intenção de Câmara Cascudo em não teatralidade do evento. A versão do autor de que todo processo de transição republicana ocorreu “quieto, combinado, rápido e sereníssimo”, esconde em suas palavras eventuais conflitos, dúvidas, incertezas ou possíveis críticas ao processo de instauração republicana do Rio Grande do Norte. As contradições ocorridas em outras partes do país ocorreu de forma conturbada e, muitas vezes, com alguma oposição à ideia somem da narrativa de Câmara Cascudo e a transição decorre dentro do mais sereno clima de harmonia que se podia ter. Os sinônimos de calma e serenidade que aparecem na citação selecionada, talvez tenham sido utilizados para ocultar possíveis questionamentos acerca da forma pela qual Pedro Velho de Albuquerque Maranhão tomou a governabilidade do Rio Grande do Norte e manteve por mais algumas dezenas de anos sua família no comando do Estado.

Em outro momento de *História da Cidade do Natal*, ao tratar em sua escrita de Alberto Maranhão, Câmara Cascudo atribui a esse personagem do cenário político natalense, a autoria de várias construções e reformas urbanas ocorridas em Natal durante o início do século XX; não à toa o autor faria mais tarde comparações positivas entre as políticas de modernização urbana das administrações Sylvio Pedroza e Alberto Maranhão, afirmando terem sido em vários sentidos políticas semelhantes que visavam o progresso da cidade.<sup>92</sup>

---

outros discursos de intenção referencial, alegando a verdade da experiência, quando não a do sofrimento, que é justamente a que deve ser examinada”. SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 38.

<sup>92</sup> Essa comparação é lembrada em discurso de Sylvio Pedroza, durante evento em homenagem a Câmara Cascudo, ocorrido na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No decorrer do capítulo, utilizaremos alguns trechos do referido discurso, mas, o texto pode ser encontrado na íntegra no Arquivo Sylvio Pedroza – Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza (Fundação José Augusto).

Conforme lembra o erudito, importantes obras foram promovidas por Alberto Maranhão, dentre elas destacam-se “as instalações de assistência [médica], Hospital, Asilo de Mendicidade, com seção de orfanato, cuidado aos variolosos do Lazareto, no Asilo São João de Deus para tuberculosos”,<sup>93</sup> parte da reordenação urbana por que passou o bairro da Ribeira, onde, “de 1910 em diante as desapropriações e derrubadas começaram, animadas pelo empréstimo que Alberto Maranhão conseguira na França (pouco mais de quatro milhões de cruzeiro)”,<sup>94</sup> além da remodelação do então Teatro Carlos Gomes (que hoje foi renomeado, passando a se chamar Teatro Alberto Maranhão) que ganhou pavimento superior, portões e grades de ferro vindas da França (Fundição Val de Osnes), assim como os balcões e obras de arte que compõe a atual fachada do edifício, sendo tal reforma considerada a responsável pelo aspecto moderno que o teatro passou a possuir.<sup>95</sup>

O governador Alberto Maranhão, em 1910, mandou reformar o Carlos Gomes, dirigindo os trabalhos Herculano Ramos. Nasceu outro teatro, amplo, confortável, arejado, moderno. A fachada ganhou um andar, para o salão de honra, o clássico *foyer* dos teatros franceses. No cimo do edifício, a “Arte” de Mathuriun Moreau preside a fachada, de cinco portas, com ferros artísticos.<sup>96</sup>

No capítulo que encerra *História da Cidade do Natal*, intitulado “De Rebus Pluribus”<sup>97</sup> é possível encontrar uma série de “Efemérides da Cidade do Natal” selecionada por seu autor. Trata-se de datas escolhidas e que podemos entender como eventos considerados por Câmara Cascudo enquanto marcos memorialísticos fundamentais para a história de Natal e que, portanto, não podem ser esquecidas. Ao serem analisadas tais efemérides, encontramos algumas datas que se referem e se confundem com a biografia de Alberto Maranhão, dentre elas uma data curiosa: o dia 10 de março de 1902. Para Câmara Cascudo essa deve ser considerada uma efeméride da cidade (perceba a fusão da biografia

---

<sup>93</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 258.

<sup>94</sup> *Ibid.* p. 185.

<sup>95</sup> Acerca das referências feitas à origem do material empregado na reforma do Teatro Alberto Maranhão ver: <<http://www.teatroalbertomaranhao.rn.gov.br/teatro.html>> visitado em 10 nov. 2010.

<sup>96</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 268.

<sup>97</sup> Apenas a 1ª edição publicada pela Prefeitura de Natal e a 4ª edição publicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (que reproduz a sequência da primeira edição de 1947), trazem “De Rebus Pluribus” como capítulo, concluindo o livro com 44 capítulos. A 2ª edição de 1980 publicada no Rio de Janeiro pela Civilização Brasileira e no Rio Grande do Norte pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a 3ª publicada em 1996 pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte trazem “De Rebus Pluribus” como anexo, encerrando o livro no capítulo “XLIII: Trem, Vapor, Avião”.

pessoal à história da cidade) por tratar-se do dia em que “o Governador Alberto Maranhão começou a despachar no atual Palácio do Governo na Praça 7 de Setembro”.<sup>98</sup> Porque essa efeméride não foi escrita: “Em 1902 a sede do Governo passou a funcionar no Palácio do Governo localizado em frente a praça 7 de Setembro”? Será que não se fazia necessário reafirmar, uma vez mais, o nome de Alberto Maranhão dentro do principal livro de história de Natal enquanto ocupante do mais importante símbolo da política natalense? Ou seja, se não considerarmos essa uma estratégia narrativa que visou construir uma centralidade política em torno da família Albuquerque Maranhão, porque então devemos considerar esta data tão fundamental?

Até aqui foi possível perceber como os *bairros centrais* da Ribeira e Cidade Alta foram visualizados na obra de Câmara Cascudo como cenários constantes da história de Natal e testemunhos de importantes momentos do cotidiano político da cidade. Esses bairros da cidade foram narrados como palco histórico fundamental para as ações do mais importante grupo político do Rio Grande do Norte, sendo o cenário formado por importantes obras arquitetônicas da capital, como o Teatro e a Sede do Governo do Estado em uma interação harmônica entre esses espaços e os atores da família Albuquerque Maranhão. A narrativa de *história da Cidade do Natal* é muito eficiente na medida em que constrói espaço e sujeitos enquanto dependentes um do outro, o que, por outro lado, pode ser uma estratégia de legitimar as ações da Prefeitura de Sylvio Pedroza, momento da escrita do livro em 1946.

Ainda analisando a cartografia promovida por Câmara Cascudo, se por um lado os *bairros centrais* foram descritos e caracterizados enquanto fundamentais na história de Natal, o mesmo não se pode dizer com relação aos bairros que circundam a Ribeira e a Cidade Alta, os denominados *bairros exteriores*.

Se Ribeira e Cidade Alta podem ser considerados como o conjunto de espaços fundamentais para a construção histórica e urbana de Natal, por outro lado, segundo Câmara Cascudo, existia na década de 1940 uma série de bairros considerados de menor importância histórica, devido, em grande medida, à precoce idade dos *bairros exteriores* com relação aos seus vizinhos ancestrais. Para Câmara Cascudo, bairros como Alecrim, Quintas e Rocas formavam o bloco dos *bairros exteriores* da cidade e, segundo afirma:

---

<sup>98</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRRN, 2010. p. 555.

O bairro exterior é uma aglutinação marginal, fixada no cinturão da cidade, a primeira camada social. Pode ser a que não resistiu ao embate nos bairros de vida mais intensa ou uma orla de acomodação, franja que acolhe o homem e o guarda até que possa tentar o vôo para outro setor. [...] Não são os bairros natalenses convergências de saldos de salvados humanos, mas a zona pobre, produtora, lar de trabalhadores, em constante evolução para a melhoria nos materiais de construção, aformoseamento, retificação de alinhamentos, tornando-se pequenos núcleos que não se dissolvem na fusão urbana, mas se articulam ao organismo central citadino. Um modelo de mobilidade social, de Pitirim Sorokin.<sup>99</sup>

Quando da análise de *História da Cidade do Natal* podemos perceber como a escrita de Câmara Cascudo é carregada de estratégias retóricas a fim de permitir ao leitor visualizar a diferença que o autor pretende estabelecer entre os *bairros centrais* e os *bairros exteriores*. Vimos a pouco a forma positiva como a Ribeira e a Cidade Alta são apresentadas, quando a história, e a arquitetura e as ruas desses bairros são exaltadas enquanto espaços da tradição, dos importantes eventos políticos e da circulação de personagens ilustres de Natal. No entanto, ao caracterizar os *bairros exteriores*, a narrativa de Câmara Cascudo visualiza esse conjunto de bairros como espaços desorganizados, inferiores histórica, política e economicamente se comparados aos *centrais*, um indício evidente da intencionalidade narrativa de *História da Cidade do Natal* em construir os *exteriores* e os *centrais* enquanto espaços profundamente diferenciados em vários aspectos.

A exploração desses aspectos diferenciados é o que pauta a escrita cascudiana, que se utiliza principalmente da condição de testemunho histórico dos *bairros centrais* para construir a inferioridade tradicional dos *bairros exteriores*. Os grandiosos eventos e comemorações presenciados no Palácio do Governo são substituídos por outros mais simples, a paisagem elaborada pela narrativa do erudito credencia inferioridade aos *exteriores* no que se refere à sua condição histórica e política, como fica evidente na justificativa existente no início do livro, ao afirmar que:

---

<sup>99</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRRN, 2010. p. 300. Pitirim Sorokin foi um importante sociólogo russo da primeira metade do século XX. Suas análises estavam relacionadas principalmente com assuntos relacionados à cultura, dinâmica e estruturas das sociedades contemporâneas. *Sociedade, cultura e personalidade* (Porto Alegre, 1968) e *Teorias Sociológicas Contemporâneas* (Buenos Aires, 1951) estão entre suas principais obras intelectuais.

A história da cidade se passa na Ribeira e Cidade [Alta]. Não há história nos bairros novos. Mas a vida neles se fixou, conquistando os tabuleiros, vencendo a soberania das pacas, veados e jacus. Cidade sem problemas que a Padroeira não permita o nascimento deles, nascidos monstruosamente dos bolsos cheios e dos corações vazios.<sup>100</sup>

Percebe-se nesse fragmento do livro o pré-conceito, o conceito antecipado construído por Câmara Cascudo em relação aos bairros novos (em contraposição aos mais tradicionais) e os que estavam surgindo. Esses bairros que inicialmente surgiram e cresceram ao redor da Ribeira e da Cidade Alta e em seguida expandiram-se para áreas mais afastadas, eram considerados espaços sem história, por serem novos e mal nascidos, já que muitas vezes nasciam da ganância dos mais abastados e não da tradição histórica dos seus moradores.

A falta de tradição política e a memória recente dos *bairros exteriores*, apresentavam-se como elementos negativos, ao contrário do processo centenário ocorrido Ribeira e na Cidade Alta, dois bairros construídos lentamente, historicamente constituídos desde o início da colonização portuguesa; ambos, não emergiram do capital especulativo (como Câmara Cascudo afirma por exemplo remete as origens do bairro do Alecrim), mas foram frutos de progresso paulatinamente constituído, crescendo por fases, assim como um ser vivo, que quanto mais velho fica, mais carregado de memória e história se apresenta, deixando impregnada de mitos sua paisagem tradicional.<sup>101</sup>

Os bairros novos não seguiram todo um percurso histórico, nasceram abruptamente, muitas vezes se sobrepondo aos mais velhos, justificando sua existência a condição econômica como aval de vida. Em *História da Cidade do Natal* Câmara Cascudo fornece uma explicação e cria um discurso da diferença a fim de distinguir os espaços de tradição (sinônimo de organização) dos espaços do progresso (sinônimo de desordem, crescimento desequilibrado).

---

<sup>100</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFERN, 2010. p. 32.

<sup>101</sup> Segundo o historiador da arte Simon Schama, “no mínimo, parece correto reconhecer que é nossa percepção transformadora que enaltece a diferença entre matéria bruta e paisagem [...] pois, se toda a história da paisagem no Ocidente de fato não passa de uma corrida insensata rumo ao universo movido a máquina, sem a complexidade de metáforas, mitos e alegorias, no qual o árbitro absoluto do valor é a medição e não a memória, no qual nossa inventividade constitui nossa tragédia, então realmente estamos presos no mecanismo de nossa autodestruição”. SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. 2009. p. 20-24.

Se tomarmos para análise a narrativa construída sobre um *bairro exterior*, Câmara Cascudo deixa bem claro esse modelo de distinção. Enquanto Ribeira e Cidade Alta figuram como cenários de fundo para os grandes feitos políticos de Natal, o afunilado bairro do Passo da Pátria, espremido geograficamente entre estes dois bairros centrais e o também *bairro exterior* do Alecrim, eram vistos como:

uma zona marginal entre a Ribeira e a Cidade [Alta], apertada na faixa de terra úmida do rio e da barranca onde se empinava o casario. Zona de uma feira semanal concorridíssima que desapareceu há uns dez anos, desde que a cidade possui outros e diversos centros de compra e venda públicos, o Passo da Pátria era atração popular, com suas bodegas, bailes baratos, mocambos de emborcadiços, vigias de campinas, lavandeiras e meretrício numa tabela fronteira ao chão. [...] Depois das 8 horas ficava mais movimentada, mais sedutora, mais perigosa, com a vinda dos empregados depois que o comércio fechava, praças do Exército, meninos fugido do colégio, ou da fiscalização paternal, criadinhos que andavam em ritmo sincopado, mendigos cantando, vozes de pregão, cheiro confuso, luzes vermelhas, alegria, rumor, perturbação, feira do Passo<sup>102</sup>

Confusão, alegria, perturbação, mendigo e luz vermelha. Bem se percebe que o Passo da Pátria não era um espaço da ordem e seriedade como deveria ser um reduto político semelhante à Cidade Alta. Contudo, o Passo da Pátria era o espaço da tentação, da agitação e do burburinho, o espaço fugidio, heterotópico,<sup>103</sup> o vizinho que funcionava como válvula de escape para os residentes dos *bairros centrais*. Mesmo geograficamente situado entre Ribeira e Cidade Alta, de forma alguma o Passo da Pátria poderia compor o *hall* dos *bairros centrais* da cidade, palco de atos políticos marcantes das lideranças de Natal, como os Albuquerque Maranhão e os Gomes Pedroza. A condição social periférica e a paisagem da desordem que compõem esse espaço, são duas características marginais que postulam o Passo da Pátria como um membro pertencente ao conjunto dos *bairros exteriores*.

A imagem construída narrativamente por Câmara Cascudo assemelhava-se em muito à que era produzida sobre os denominados *bairros exteriores* nos jornais locais e da região. Sabe-se, que os jornais intensamente reproduziam Natal durante a gestão de Sylvio

<sup>102</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFERN, 2010. p. 306-307.

<sup>103</sup> Conceito elaborado por Michel Foucault, utilizado para designar espaços que estão fora do lugar ou que fogem ao discurso moral e/ou normativo, devendo assim ser utilizado para, no nosso caso, designar espaços de “desvio em relação à média ou a norma exigida”, o outro que não é entendido como deslocado, fora do tempo e espaço dito normal. FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos, vol. III). p. 411-422.

Pedroza e suas representações davam vida a essa cidade que se visibilizava através da seleção de suas paisagens modernas, vistas até então como articulações fundamentais para o desenvolvimento dos espaços sem história e economicamente inferiores.

O objetivo principal da cartografia do espaço urbano de Natal feita por Câmara Cascudo possibilitou uma representação da cidade na qual foi possível visualizar a desarticulação entre seus espaços, mais precisamente entre seus bairros. O mapeamento proposto pela narrativa do erudito permitiu a inserção do tempo presente na *História da Cidade do Natal*, a partir do momento em que o autor introduziu o ambiente de modernização espacial por que passava Natal em 1946. Aliado a esse objetivo, existiu ainda a necessidade de legitimar o amigo e mecenas Sylvio Pedroza a partir das suas práticas urbanísticas. Coube, como se perceberá, a referência à Avenida Circular a função de elemento justificador desse discurso de modernização de Câmara Cascudo.

## **2.2. A AVENIDA CIRCULAR E AS OBRAS DE MODERNIZAÇÃO DA CIDADE: A INSERÇÃO DA POLÍTICA URBANA DE SYLVIO PEDROZA NA HISTÓRIA OFICIAL DE NATAL**

Como podemos perceber ao longo do primeiro capítulo, o nome de Sylvio Pedroza esteve nos periódicos jornalísticos da sua época de prefeito quase sempre associado às políticas de modernização do espaço urbano de Natal. De forma semelhante, em *História da Cidade do Natal*, o nome de Sylvio é seguidamente atrelado a questões de mesma natureza, sendo a construção do bairro de Santos Reis e da Avenida Circular as duas obras utilizadas por Câmara Cascudo para demarcar a administração do seu amigo-mecenas nas páginas de seu livro.

Não raro, os jornais natalenses estampavam em letras garrafais manchetes que vislumbravam um momento de novidades na cidade, e a Avenida Circular atuava como protagonista dessas notícias. “Uma realidade a Avenida Circular”,<sup>104</sup> “Início da pavimentação da Avenida Circular”<sup>105</sup> e “Execução do Plano Palumbo”<sup>106</sup> eram algumas

---

<sup>104</sup> *A República*. Natal. 11 ago. 1946.

<sup>105</sup> *A República* Natal. 14 ago. 1946.

<sup>106</sup> *O Diário*. Natal. 3 jul. 1946.

das manchetes que noticiavam a execução do “plano secreto” já conhecido por Cascudo e que em pouco tempo foi revelado aos jornais da capital. Foi baseado na construção da Avenida Circular e percebendo a forma positiva com que o nome de Sylvio aparecia naquele presente associado às obras de modernização urbana da cidade que Câmara Cascudo passou a construir seu enredo, inserindo Sylvio Pedroza e sua administração nas páginas da *História da Cidade do Natal*.

Se a cidade era vista por Cascudo como um ser vivo que nasce, cresce e morre, para o erudito o pós 1945 correspondia ao momento de juventude da cidade, a fase de crescimento a que Natal estava destinada. É a partir da forma como a Avenida Circular é narrada em *História da Cidade do Natal* que podemos perceber essa evidência.

Petrópolis e Tirol já atingiram, ou estão atingindo seus limites. Pararam na orla dos morros. As casas podem sofrer as transformações mais feias e mais bonitas segundo os critérios ou a dose de bom gosto do proprietário. Mas não mais podem avançar para leste. Uma solução foi dada, corajosamente, pelo Prefeito Sylvio Piza Pedroza, mandando a buldôzer mastigar areia e fazendo surgir uma Avenida Circular, filas de residências de gente com recursos acima dos medianos (excluindo o funcionário estadual que está abaixo), num bairro novo dos Santos Reis que chegou a tempo de evitar a ofensiva relâmpago do panzer-mocambo, já em concentração ameaçadora ao pé do Morro de Petrópolis.<sup>107</sup>

A utilização da Avenida Circular como forma de marcar Sylvio Pedroza na história oficial da cidade, além de ter sido uma estratégia narrativa que visava tal objetivo, construiu a imagem de Sylvio atrelada à do prefeito modernizador, corajoso e criativo. No texto acima, podemos perceber que Câmara Cascudo aponta a questão da moradia irregular como um problema que antes de se expandir já estava sendo controlado pela ação rápida do prefeito. O uso de termos como “panzer”, – em voga até pouco tempo para definir a unidade de blindados do exército nazista – é usado para caracterizar o quão assustador e complexo era o problema que Sylvio estava enfrentando e vencendo através de ‘atitudes ousadas’.

É notória a intenção da narrativa de Câmara Cascudo ao utilizar um vocabulário tipicamente associado a termos de guerra. Esses elementos ainda estavam muito associados

---

<sup>107</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p.30-31.

ao ambiente da cidade, eram palavras que até pouco tempo haviam sido constantes nos jornais que todos os dias noticiavam o cotidiano da Segunda Guerra em território europeu.

No caso específico, o termo “panzer” que aparece na citação anterior é utilizado no intuito de denunciar um perigo, se referindo às moradias irregulares construídas nos morros que circundavam dois dos bairros considerados nobres da cidade. Essa situação descrita por Câmara Cascudo caracteriza um momento de conflito social entre os “mocambos” dos morros e os moradores abastados dos planejados bairros de Tirol e Petrópolis. Já o uso do termo “ofensiva relâmpago” é uma alusão às ações ágeis promovidas pelos destacamentos alemães de blindados (panzer), de infantaria e pela *Luftwaffe* (força aérea alemã), em que tropas nazistas, sem serem importunadas ou terem suas atividades interrompidas, devastavam a vista de todos, os países vizinhos à Alemanha, ocupando com facilidade países como a Polônia e a Hungria.

Na distribuição dos papéis, a narrativa de Cascudo designa às comunidades que ocupavam as áreas circundantes dos bairros de Tirol e Petrópolis o papel daqueles que se não contidos, se não vigiados pelo poder público, devorariam os bairros mais nobres da capital. Logo, a decisão de Sylvio Pedroza de construir o nobre bairro de Santos Reis em associação com a Avenida Circular, mostravam-se acertadas, pois assim retardar-se-ia o avanço do “panzer-mocambo” em direção às nobres áreas de Petrópolis e Tirol. O que se percebe nesse momento da escrita de Cascudo é um exemplo nítido do uso de metáforas como mecanismo estratégico do narrador. Segundo François Hartog, o uso da metáfora possui a função de tradutora da realidade para um público específico (os leitores de *História da Cidade do Natal*), originando um discurso de alteridade.<sup>108</sup> Certamente, seus leitores não seriam pessoas de baixo poder aquisitivo ou de camadas mais pobres da população, muito provavelmente os leitores de Cascudo seriam os moradores de bairros abastados como Ribeira, Cidade Alta, Petrópolis e Tirol. Cidadãos com capital intelectual e financeiro, o que, ao que parece gerou as primeiras críticas ao livro de Cascudo.

Numa louvável iniciativa, que foi por todos elogiada, o prefeito Sylvio Pedroza contratou com o ilustre historiador Luis da Câmara Cascudo a

---

108 Sobre a utilização da metáfora como estratégia narrativa na construção de representações de alteridade ver: HARTOG, François. Fronteira e alteridade. *O espelho de Heródoto*. 1999. p. 97-142.

HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, na qual esta condensada toda a vida da nossa cidade, desde sua fundação até os dias que correm.

Pois bem. Aquele escritor terminou sua obra, entregou-a ao prefeito e este mandou editá-la [sic], num total de 500 exemplares, e o que é pior, ao preço de Cr\$60, 00.

Deu-se, então, o esperado: somente uma dúzia de gente de dinheiro adquiriu o livro, e o povo que tanto precisava conhecer a história da nossa cidade, ficou triste por não poder adquirir um volume da HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, confortado somente com a idéia de que, no futuro, ainda se possa divulgar a obra numa edição popular, a preço acessível á bolsa dos pobres.<sup>109</sup>

No mesmo *História da Cidade do Natal*, o capítulo “Bairros Exteriores e Centrais” é encerrado com um parágrafo dedicado à Avenida Circular, caracterizando a obra como essencial para integração dos espaços da cidade. Na ocasião, é possível perceber como Cascudo constrói uma narrativa que justifica a construção dessa avenida como meio de integração entre a Ribeira (*central*) e os bairros das Rocas, Santos Reis (ambos *exteriores*) e a Praia do Meio.

O avanço da população vinda das Rocas, vencendo areia e morro, esprou uma onda de casinhas paralelas a Petrópolis.

A 19 de junho de 1946 o prefeito Sylvio Pedroza iniciou a construção da Avenida Circular, partindo da Praia do Meio, correndo paralela a esse casario. Esses elementos fundir-se-ão num bairro, o bairro dos Reis Magos. Começando da Praia do Meio na direção norte, rumo ao Forte dos Reis Magos. É o bairro mais moço.<sup>110</sup>

Mais do que mostrar a preocupação com o aumento da cidade de Natal, a escrita de Câmara Cascudo a todo o momento aponta o quanto a política de modernização adotada para Natal na administração Sylvio Pedroza visava alcançar áreas que quase sempre não estavam localizadas nos chamados *bairros centrais* de Natal, atingindo os espaços mais afastadas do centro administrativo da cidade.

As duas ruas, Sul e Norte, que passam pelo Teatro Carlos Gomes, ligam Petrópolis à Ribeira mais difícil e asperamente, com as ladeiras íngremes, desafiando trabalho de acomodação. **Estão intimadas pela Prefeitura**

---

<sup>109</sup> UM EXEMPLO FRISANTE. *A Ordem*. Natal. 17 mai. 1947.

<sup>110</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 320.

**Municipal** a findar o isolacionismo [sic] orgulhoso, **entrando para o movimento coletivo da cidade.**<sup>111</sup> [Grifos meus]

Bairros como Tirol e Petrópolis, embora novos em relação à Ribeira e à Cidade Alta (onde ocorria “o movimento coletivo da cidade”), possuíam um maior grau de interação urbana com os *bairros centrais* da cidade tendo inclusive, vias de acesso através de avenidas que promoviam essa integração, ao contrário de bairros como Quintas, Rocas, Lagoa Seca e o Passo da Pátria que muitas vezes eram tidos como espaços de acesso complexo, o que dificultava a interação com o centro administrativo. Pautado nesse discurso, as obras de modernização visariam uma integração dos *bairros exteriores* ao plano central da cidade através da construção de ruas e avenidas, possibilitando melhor acesso a essas áreas da capital; seria esta a justificativa para a construção da Avenida Circular e outras obras que envolviam calçamento e pavimentação de ruas.

Ainda pensando nos tempos da Prefeitura, devo recordar que meus antecessores, do porte de Pedro Velho e Alberto Maranhão, projetaram e abriram as grandes avenidas de Tirol e Petrópolis. Se eu fosse calçá-las, o dinheiro não sobraria para outras obras, a meu ver muito mais imperiosas, nos bairros mais pobres, até então sem quaisquer melhoramentos. Considerei que eles mereciam prioridade absoluta, e dediquei-lhes toda minha atenção fazendo obras nas Rocas, Quintas, Alecrim, etc. a entrada da cidade, pela rua Mena Barreto, não era calçada, e o trânsito se fazia debaixo de um poeirão tremendo, que provocava, inclusive, doença nos moradores. Pavimentei não só a Mena Barreto, como muitas outras nestes bairros, o que pude, dentro dos recursos disponíveis.<sup>112</sup>

A função central de *História da Cidade do Natal* não era apenas construir uma centralidade para Sylvio Pedroza assim como para seus familiares na história oficial da cidade, mas também demarcar suas ações urbanísticas enquanto prefeito. Nesse sentido, o livro de Cascudo pode ser entendido como um espaço de inscrição em que os espaços selecionados da cidade representariam, construiriam uma pretensa realidade do que era Natal nos anos da gestão Sylvio Pedroza. O que reforça essa hipótese é o fato de *História*

---

<sup>111</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRRN, 2010. p. 178.

<sup>112</sup> Fator interessante é a centralidade atribuída a Alberto Maranhão e Pedro Velho no processo de modernização dos espaços, como responsáveis pela abertura das grandes avenidas de Tirol e Petrópolis. Novamente o tronco familiar sendo utilizado como argumento retórico e ferramenta de legitimação das práticas de Sylvio Pedroza. PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*. Natal: Fundação José Augusto, 1984. p. 76.

*da Cidade do Natal* ter sido recebido por seus leitores e críticos como um guia historiográfico dedicado a quem visitasse a cidade ou dela quisesse saber a história. Livro, autor e contratante foram entusiasticamente saudados, como se percebe, pelos jornais da época.

No Gabinete do Prefeito, foi realizada na tarde de ontem, uma cerimônia simples, mas de profunda significação. Presente o historiador Câmara Cascudo, autor da obra, foram entregues os primeiros exemplares do livro “História da Cidade do Natal” aqui composto e magnificamente impresso. Foi um serviço digno de encômios esse que prestou o atual chefe do Executivo municipal ao contratar com o historiador conterrâneo a “História da Cidade do Natal”. E muito especialmente, porque o livro é atualíssimo e nele foram incluídos os mais presentes capítulos da vida agitada de Natal com suas bases aéreas e navais e sua defesa civil ao tempo da guerra.<sup>113</sup>

Associado aos capítulos referentes ao cotidiano da cidade durante a Segunda Guerra Mundial, o “atualíssimo” aludido na reportagem parece estar também relacionado ao momento de transformações urbanas por que estava passando a cidade, às medidas da administração Sylvio Pedroza referente às construções da Avenida Circular e ao bairro de Santos Reis, e vários calçamentos que estavam sendo promovidos nos bairros da capital.<sup>114</sup>

Ainda hoje, o livro de Câmara Cascudo é tido como uma referência de fundamental importância para historiadores, arquitetos, geógrafos, sociólogos e até mesmo leitores curiosos por saber mais sobre a capital potiguar. Do ponto de vista do leitor, *História da Cidade do Natal* apresenta uma representação baseada naquilo que seu autor quer que seja visualizado e lembrado, conseqüentemente ao omitir outros eventos e personagens, evidencia o que deve ser silenciado. Sobre a função selecionadora da narrativa historiográfica, lembramos Roger Chartier quando afirma que “a referência atribuída a uma ou outra [verdade] depende do que o historiador deseja ver”.<sup>115</sup> Com clara percepção teórica do ofício do historiador, percebemos que Câmara Cascudo possuía a consciência desse

---

<sup>113</sup> A CIDADE. Natal. *O Diário*, 8 mar. 1947.

<sup>114</sup> A partir do que consta a documentação analisada, principalmente, durante o primeiro capítulo, vinham-se realizando uma série de calçamentos no perímetro urbano de Natal nos bairros do Alecrim, Rocas, Cidade Alta e Tirol.

<sup>115</sup> CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 54-55.

poder da narrativa histórica e soube habilmente construir uma representação fundamentada no espaço da cidade e nas ações de Sylvio Pedroza.

Nessa perspectiva, o leitor poderá perceber uma produção historiográfica em que a cidade foi constantemente palco dos feitos das principais oligarquias do Rio Grande do Norte, ao ponto de seus atos, mesmo os mais banais, tornarem-se “Efemérides da Cidade do Natal”, onde são dispostos eventos que vão desde a defesa da capitania por André d’Albuquerque Maranhão (que em 1817 após lutar foi morto na contrarrevolução daquele ano, vindo a falecer como mártir ”no cárcere escuro do forte” e “sepultado na Matriz, em lugar ignorado”)<sup>116</sup> até a fase jovial por que passava a cidade de Natal, que vivia um momento de pujança proporcionada pela política de modernização dos espaços promovidas por Sylvio Pedroza, com sua “inauguração da Avenida Circular”.<sup>117</sup>

A narrativa cascudiana para a Natal da segunda metade da década de 1940 parece, como se observou, muito clara em um ponto: a escrita do livro concedeu um espaço privilegiado a Sylvio Pedroza e sua administração, vista como fundamental para a construção de uma unidade que estava sendo possibilitada graças à política de modernização espacial que estava em curso na capital, a partir da integração dos espaços da cidade. Em *História da Cidade do Natal*, coube à Avenida Circular o papel de funcionar enquanto unidade de integração espacial capaz de resolver conflitos sociais que rondavam os abastados bairros de Tirol e Petrópolis, além de promover a integração dos *bairros centrais* aos *exteriores*, como foi o caso das Rocas e as praias de Areia Preta e do Forte.

No entanto, quando se analisa a relação entre Cascudo e Sylvio Pedroza durante a gestão do segundo na Prefeitura de Natal, percebe-se que mais de uma vez a cidade foi utilizada como elemento legitimador a favor de Sylvio. A “cidade”, entendida enquanto símbolo de legitimação e as representações institucionais(símbolos), foram exploradas ainda durante a gestão Piza Pedroza, mas dessa vez com o fim de credenciar e consolidar a imagem de Sylvio como administrador público e Cascudo como figura maior da intelectualidade natalense.

---

<sup>116</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010. p.565.

<sup>117</sup> Ibid. p. 619.

### 2.3. CONSOLIDANDO A LEGITIMAÇÃO: CÂMARA CASCUDO, SYLVIO PEDROZA E OS SÍMBOLOS DA CIDADE

Ainda em 1946, ano em que o livro *História da Cidade do Natal* foi organizado basicamente a partir das *Actas Diurnas* publicados em jornais de Natal,<sup>118</sup> um curioso e significativo ritual emblemático povoou as páginas dos jornais da capital, evento que evidencia o quão permeado de simbolismo se sustentava a relação entre Câmara Cascudo, Sylvio Pedroza e a cidade de Natal. O jornal recifense, *Folha da Manhã* anunciou em suas páginas a promoção de uma “cerimônia tradicionalista promovida pelo escritor Câmara Cascudo”:

A cidade do Natal assistirá, por estes dias, á solenidade da entrega das suas chaves simbólicas pelo escritor Luiz da Câmara Cascudo ao Prefeito Silvio Pedrosa. A cerimônia está despertando em todo Estado e mesmo no Nordeste excepcional interesse, dada a sua originalidade e ao caráter tradicionalista e nacionalista de que se reveste.<sup>119</sup>

Nada mais tradicional do que o poder público oferecer em cerimônias simbólicas, as chaves da cidade àqueles denominados “cidadãos ilustres” que representam bem a cidade em outras paragens. A chave é entregue no sentido de que o agraciado com a honraria possa sempre encontrar as portas da cidade abertas, que o homenageado, dado seu prestígio, seja recompensado por representar o nome da cidade nas mais variadas esferas sociais: esportiva, militar, cultural, política etc. No entanto, nesse caso específico, o que torna essa cerimônia peculiar é o fato de que os papéis de quem presta a homenagem e de quem é homenageado, encontram-se invertidos no cenário descrito: não se trata do agente representante do poder público homenageando o ilustre cidadão, mas o ilustre cidadão homenageando o agente público, um ritual simbólico às avessas.

---

<sup>118</sup> Segundo o historiador Raimundo Arrais, “*História da Cidade do Natal* consiste, em boa medida, numa reunião de textos publicados na imprensa da cidade [...] eles foram publicados numa seção intitulada *Acta Diurna* que começou a ser publicada em maio de 1939 no jornal *A República*, aí permanecendo até o final de 1946, transferindo-se para o *Diário de Natal* em meados de 1947”. ARRAIS, Raimundo. Posfácio. In: CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*, 2010. p. 629-630.

<sup>119</sup> CERIMÔNIA TRADICIONALÍSSIMA PROMOVIDA PELO ESCRITOR CÂMARA CASCUDO: Entrega das chaves da cidade do Natal. *Folha da Manhã*, Recife. 27 jun. 1946.



**Figura 2.1:** Fotografia da suposta chave mencionada nas fontes, a qual teria pertencido ao portão principal do Forte dos Reis Magos. Pela descrição física feita por Cascudo, essa foi a chave repassada a Sylvio Pedroza na cerimônia de entrega das chaves da cidade em 1946.

**FONTE:** Arquivo Sylvio Pedroza – Fundação José Augusto.

A “originalidade” a que se refere a reportagem, está diretamente relacionada à homenagem às avessas proposta por Câmara Cascudo no evento da entrega da chave da cidade. Para Pierre Bourdieu, os sistemas simbólicos, em que se incluem os atos públicos, funcionam como instrumentos de comunicação em que o simbólico atua como instrumento de “integração social”. O uso de atos dessa natureza, no caso as homenagens públicas, visa a afirmação de um dado poder simbólico, cumprindo “sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação”.<sup>120</sup> Nesse sentido, o que se observa na cerimônia organizada por Câmara Cascudo é o uso do evento como instrumento de legitimação da imagem de Sylvio Pedroza como administrador público, o erudito autorizando a partir do seu lugar de fala a capacidade administrativa de Piza Pedroza frente às classes políticas e sociais de Natal.

Em *Acta Diurna*, curiosamente publicada em 1946, próxima ao mês da homenagem do seu amigo Sylvio Pedroza, encontramos um depoimento singular de Câmara Cascudo, extremamente valioso que nos dá bem a ideia do quão significativo para ele era a posse da “chave da cidade”. É possível perceber em sua narrativa o esforço em legitimar Sylvio Pedroza através de sua herança familiar ligada aos Albuquerque Maranhão, algo bastante presente na escritura de *História da Cidade do Natal*.

---

<sup>120</sup> BOURDIEU, *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 9-11.

A chave da cidade era o símbolo de sua segurança e o penhor de sua tranquilidade. Quando as fortalezas recebiam novos capitães, prestavam esses as homenagens, as honras, no lento cerimonial maravilhoso do recebimento da chave, resumo de toda autoridade, índice de suprema confiança. [...]

A chave, símbolo dessa fusão de vontades ao redor do princípio da autoridade responsável, vai sair das minhas mãos para as mãos do dr. Sylvio Pedroza, Prefeito da Cidade do Natal, descendente de quem primeiro comandou o Forte DOS REIS MAGOS, neto do primeiro Presidente da Intendência do Natal no regimem [sic] republicano.

Possa a geração da República, sentindo a presença venerada do Passado, conservar, no carinho, admiração e amor brasileiro, a velha Chave da Cidade, resumo de todas chaves de todos os lares, favos da colmeia, ninho dos esforços de onde nasceu a cidade do Natal.<sup>121</sup>

Câmara Cascudo assume o posto de porta-voz, representante de “todos os lares” para reafirmar um pretense apoio da cidade, da população à administração Sylvio Pedroza frente ao executivo municipal. Como demonstrado na documentação, o ato simbólico proporcionado pelo erudito assumiu proporções consideradas, ao ponto de repercutir a nível regional. Nas palavras proferidas por Câmara Cascudo, Sylvio Pedroza é tratado como o legítimo herdeiro da cidade por tradição político-familiar. O uso dos antepassados é utilizado como argumento retórico, autenticando o amigo prefeito como legítimo administrador da capital, da mesma forma como antes já ocorrera com outros membros de sua família, responsáveis pela construção da cidade desde tempos imemoriais.

Vou doar a CHAVE ao senhor Prefeito do Natal, numa homenagem do Presente ao Passado e ao Futuro da Cidade e a todos os seus moradores, hóspedes e viajantes.

Dirá Sylvio Pedroza que essa Chave não cerra a cidade às colaborações e às hospedagens. Antes, de par em par, abre as portas invisíveis ao fervor da energia coletiva e do esforço comum...<sup>122</sup>

A narrativa de autoridade e de consequente legitimação traçada como estratégia de convencimento, mostra-se uma preciosa fonte para se perceber e se atestar a intenção de Cascudo em reafirmar Sylvio Pedroza como administrador público por tradição. Na *Acta Diurna* acima, o erudito assume o papel do “Presente” e como tal, autentica a figura, o

---

<sup>121</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *Acta Diurna: A chave da cidade do Natal. A República*. Natal, 31 mar. 1946.

<sup>122</sup> *Ibid.*

sujeito Sylvio Pedroza a partir do passado da sua família e homenageia o futuro da cidade que terá um Gomes Pedroza/Albuquerque Maranhão na condução da cidade, como tantas outras vezes a cidade já presenciara.

O ato de homenagear Sylvio Pedroza evidencia uma clara intenção de Câmara Cascudo em valorizar a imagem do amigo perante a sociedade natalense. Caso contrário, porque não teria Cascudo entregue a chave do Reis Magos a outro prefeito anterior a Sylvio? A partir do que aponta a documentação, podemos acreditar que Cascudo percebia a figura do poder público não como instituição, mas como pessoa, uma particularidade bastante característica dos conservadores brasileiros de fins do XIX e início do XX, que personificavam a figura do estado e minimizavam seu caráter institucional.<sup>123</sup>

Por outro lado, o simples fato de ter sido atribuída a Câmara Cascudo a escolha para escritura da história oficial de Natal, já conferiria ao erudito um lugar de destaque dentro dos círculos letrados norte-rio-grandense. Mas, a entronização de Cascudo como sujeito central dentro da produção historiográfica natalense ultrapassaria as páginas de *História da Cidade do Natal* e com o apoio institucional da administração municipal de Sylvio Pedroza, o erudito seria recompensado por seu esforço no trabalho de legitimação do amigo mecenas. No ano de 1948, um novo capítulo seria escrito na relação de Sylvio e Câmara Cascudo. Uma vez mais, o prefeito consolidaria a imagem do erudito como nome maior da historiografia potiguar. Em um outro momento de homenagem pública, em ocorreria uma evidente troca de legitimidades, Sylvio oficializaria o lugar de fala de Câmara Cascudo junto ao poder público, institucionalizando e autorizando a fala do erudito, amigo e defensor de primeira hora.

Em abril de 1948, ocorreu na cidade de San Juan em Porto Rico, na América Central, o III Congresso Histórico Municipal Interamericano, promovido pelo Instituto Interamericano de História Municipal e Institucional. O evento teve como objetivo principal discutir,

teses de palpitante interesse, entre elas história política e cultural do Município Americano, a História da Arquitetura e Arte Colonial, a

---

<sup>123</sup> Não por acaso essa tenha sido uma das características que influenciou a decisão de Câmara Cascudo de integrar as fileiras integralistas na década de 1930, em muito por acreditar que a organização hierárquica e a figura do líder representavam a forma correta de organização política para o país.

legislação comparada da América. Urbanismo e Serviço Social. Intermunicipalidade. [...] estudos para intensificar as relações culturais entre as cidades, instituições e organismos municipais da América.<sup>124</sup>

A convite da organização do evento, representada pela “pessoa da senhora Feliza de Gautier, Alcade Municipal de Porto Rico”,

Dirigiu-se ao chefe do Executivo Municipal da cidade [de Natal], significando-lhe o interesse de sua presença e declarando hóspede de honra. O convite, em artístico pergaminho, é uma obra de arte. O sr. Sylvio Pedroza, aceitando o convite observará de perto os processos mais modernos de atualização administrativa nos numerosos departamentos técnicos expostos no congresso. A participação do município da Capital, constituirá dessa forma, um ato de útil e real proveito para o estudo de confronto e verificação dos vários métodos contemporâneos de Governo Municipal. [...] Para o referido congresso, também foi convidado o historiador Câmara Cascudo, que por motivos supervenientes, não pode comparecer.<sup>125</sup>

O convite feito a Sylvio Pedroza parece razoavelmente compreensível, visto que muitos dos assuntos a serem abordados no III Congresso Histórico Municipal Interamericano em Porto Rico estavam sendo praticados por sua administração como prefeito de Natal.<sup>126</sup> Soma-se a isso, o fato de Natal ter sofrido direta influência norte-americana no decorrer da Segunda Guerra Mundial, quando importantes obras como a criação do Aeroporto da Vila de Parnamirim, o calçamento de ruas no bairro do Alecrim terem sido empreendimentos financiados e modelados pelas tropas aliadas residentes em Natal e subordinadas aos Estados Unidos. Arquitetura, urbanismo e história eram algumas das questões em pauta no Congresso de Porto Rico e que interessavam diretamente a Sylvio Pedroza, principalmente quando lembramos das obras de modernização urbana que estavam sendo desenvolvidas na cidade na sua gestão e que também foram lembradas em *História da Cidade do Natal*.

---

<sup>124</sup> CONGRESSO MUNICIPALISTA INTERAMERICANO EM PORTO RICO. Natal representada pelo Sr. Sylvio Pedroza, hóspede de honra, comparecerá ao Congresso. *Diário de Natal*, 7 abr. 1948.

<sup>125</sup> Ibid.

<sup>126</sup> Segundo o dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Sylvio Pedroza “na qualidade de prefeito de Natal, representou o Brasil no III Congresso Histórico Municipal Interamericano, realizado em 1948 em Porto Rico, atuando como vice-presidente do conclave e relator da sexta comissão de trabalhos”.

Como único representante brasileiro no Congresso, Sylvio Pedroza embarcou em um vôo da *Panair* para San Juan em fins de abril de 1948, e em seu retorno concedeu entrevista ao *Diário de Natal*, como forma de prestação de serviços, relatando as novidades e seus êxitos durante a estadia em Porto Rico. Segundo depoimento, Sylvio Pedroza afirmou na ocasião que depois de constituídas as comissões, ele “foi eleito relator da 6ª comissão, intitulada “Urbanização e Serviço Social. Planificação da Cidade e do Campo”, tendo como Presidente o Prefeito norte-americano de Royal Oak, em Michigan, e como secretário dessa comissão foi designado o ilustre arquiteto da municipalidade de Buenos Aires Remo Bianchedi”.<sup>127</sup>

Ainda na mesma entrevista, ao relatar seu encontro, a pedido de Câmara Cascudo com a historiadora folclorista porto-riquenha Maria Candilha Martinez, Sylvio Pedroza deixa evidenciar em sua declaração um *rastro*<sup>128</sup> pertinente e que muito seria comentado em um futuro próximo.

Constituiu também um motivo de satisfação o conhecimento que fiz, ao apresenciamento [sic] que fiz, através da apresentação de Câmara Cascudo com a insigne [sic] historiadora folclorista porto-riquenha d. Maria Candilha Martinez, também delegada de seu país ao Congresso e grande conhecedora de nossa terra, por intermédio da amizade e correspondência que mantém a longos anos com o historiador da Cidade do Natal.<sup>129</sup>

Na mesma entrevista concedida ao *Diário de Natal*, Sylvio Pedroza aponta Câmara Cascudo como “historiador da Cidade do Natal”, dando indícios importantes acerca do que logo aconteceria. Tratava-se da intenção da Prefeitura tornar Câmara Cascudo historiador oficial da cidade do Natal, algo que ao que tudo indica, surgiu ou amadureceu durante as discussões do III Congresso Histórico Municipal Interamericano em Porto Rico.

---

<sup>127</sup> *Diário de Natal*. Natal. 26 abr. 1948.

<sup>128</sup> O conceito de *rastro*, aqui emprestado de Derrida, deve ser entendido como mecanismos denunciadores da subjetividade do autor dentro de sua narrativa, mesmo que este esteja procurando atuar neutralmente na sua composição. A percepção desses *rastros* ajuda a entender qual a lógica de construção adotada pelo o autor do texto e, através destas características a leitura do texto pode denunciar, entre outras coisas, o lugar de fala ou o posicionamento ideológico do sujeito que narra, além das influências externas a que sua narrativa está subordinada. DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 87.

<sup>129</sup> COMPLETO ÊXITO DO III CONGRESSO HISTÓRICO MUNICIPAL DE PORTO-RICO. 20 Países americanos representados – Fala ao “Diário” o pref. Sylvio Pedroza. *Diário de Natal*. Natal. 26 abr. 1948.

*História da Cidade do Natal* foi um livro financiado pela Prefeitura de Natal, sob o aval de seu prefeito e a escolha de Câmara Cascudo como autor da obra ocorreu por motivos já analisados anteriormente. A amizade com Sylvio Pedroza, a centralidade do erudito como expoente máximo das letras no Estado e a influência que o lugar de fala de Câmara Cascudo exercia na legitimação de governos e pessoas, podem ser considerados três dos principais motivos da escolha do seu nome para escritura do livro. Cascudo não ocupara até então, posto no funcionalismo municipal, nem muito menos o cargo de “historiador da Cidade do Natal” como afirmara Sylvio em seu depoimento.



**Figura 2.2:** Sylvio Pedroza entrega à Alcaldede Municipal de San Juan, Feliza de Gautier, um exemplar do livro de Câmara Cascudo, *História da Cidade do Natal* durante o III Congresso Histórico Municipal Interamericano ocorrido em Porto Rico ocorrido em abril de 1948.

**ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza, Centro Documentação Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

No entanto, o *rastro* presente na narrativa de Sylvio Pedroza é muito significativo. Ao relatar os frutos colhidos durante o Congresso, o então prefeito afirma que seguiria uma das conclusões definidas em Porto Rico que correspondia à

necessidade da criação do cargo de Historiador [da cidade], dizendo textualmente: “recomenda a todos os municípios das diversas nações americanas, que ainda não o tenham estabelecido, a criação do cargo de

Historiador da Cidade, com autoridade suficiente, tanto científica, quanto intelectual, para estudar, impulsionar e dirigir os trabalhos históricos da comunidade, coordenando-os com os trabalhos de história geral do país e das Américas”<sup>130</sup>.

Começava a se desenhar no discurso de Sylvio Pedroza o cenário que consagraria de vez Câmara Cascudo como o nome maior da historiografia norte-rio-grandense. Dentro dessas condições, o nome do erudito e amigo para ocupar o cargo de *Historiador da Cidade de Natal*, seria “naturalmente” a escolha a ser feita pela Prefeitura de Natal. Para Sylvio Pedroza, atender à decisão do III Congresso de Porto Rico na escolha do *Historiador da Cidade*,

Tornava-se fácil, para nós, a execução desta recomendação daquele alto certame continental, porquanto a cidade do Natal já possuía o seu grande e incansável historiador, e só nos competia, portanto, consagrar de direito aquilo que já existia de fato, reconhecido e proclamado por todos os natalenses, que viam na figura de Luis da Câmara Cascudo, “Hercules amarrado às ameias da Velha Fortaleza dos Reis Magos”, no dizer de Otoniel Menezes, o guardião zeloso de nosso passado histórico, seu maior e mais autorizado interprete, captando e irradiando da província para todo o país tudo o que fomos, na constante de uma história repleta de feitos heróicos e imorredouros.<sup>131</sup>

O que vemos acontecer em Natal nesse momento de sua história política é a consolidação de um processo em que o poder intelectual e poder público se auto-legitimam, consolidando e/ou criando espaço de mútua autenticidade em suas respectivas esferas de relação.

Se de um lado o livro *História da Cidade do Natal* foi utilizado como estratégia sutil no sentido de credenciar Sylvio Pedroza como competente e moderno administrador público; se a cerimônia de entrega da ‘chave da cidade’ operou-se às avessas no intuito de reafirmar o lugar de liderança da administração Piza Pedroza na capital, por outro se observa por parte de Sylvio Pedroza, um esforço em retribuir a dedicação pessoal e o trabalho de legitimação promovido pelo ilustre amigo Câmara Cascudo conferindo-lhe,

---

<sup>130</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. Homenagem da Cidade do Natal ao historiador Câmara Cascudo. *Diário de Natal*, Natal. 21 dez. 1948.

<sup>131</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. Homenagem da Cidade do Natal ao historiador Câmara Cascudo. *Diário de Natal*. Natal. 21 dez. 1948.

também, uma espécie de ‘chave simbólica’ concedendo ao mais ilustre letrado da capital o cargo de historiador oficial da capital potiguar.

É assim desnecessária qualquer justificativa para o prêmio que hoje conferimos ao nosso Historiador, que é ao mesmo tempo o maior enamorado de nossa História, tanto o seu merecimento e tantos os títulos por que faz jus á nossa estima, ao nosso reconhecimento e á nossa admiração, sempre crescente, este Luis da Câmara Cascudo, que, fazendo da pequena cidade onde nasceu e á qual tanto ama, o centro de seu trabalho ininterrupto e extraordinário, faz chegar também a todos os centros de estudos do mundo a palavra autorizada e respeitada do maior folclorista brasileiro. [...]

É que esta parte dos seus irmãos da Cidade do Natal. São os seus companheiros de infância e de mocidade. São os seus amigos e os que lhe admiram o caráter e acompanham a trajetória deslumbrante do seu talento. É a sua cidade, Luis da Câmara Cascudo, que o proclama neste momento, como um dos melhores de seus filhos e lhe confere o título de Historiador, oferecendo-lhe a chave simbólica, em sinal de gratidão pelos relevantes serviços prestados.<sup>132</sup>

Percebe-se nesse texto a representação que o prefeito desejava construir para Câmara Cascudo. Primeiramente, Sylvio Pedroza afirma que não havia necessidade de se justificar a escolha do amigo erudito para o cargo de ‘Historiador da Cidade’, haja vista que os títulos e reconhecimentos, além do fato de ser um enamorado da história natalense, já seriam justificativas suficientes para nomeação de Câmara Cascudo a esse posto. Além disso, a palavra do erudito possuía o poder de autorizar e constituir respeito “em todos os centros de estudos do mundo”, condicionando o historiador como um agente autorizador, um produtor do discurso capaz de legitimar a imagem da cidade junto a outros lugares de fala ou perante outras cidades brasileiras.

No depoimento que prestou durante o evento da entrega da “chave da cidade” a Sylvio Pedroza, Câmara Cascudo afirmou que estava retornando a chave a quem era de direito, ao “descendente de quem primeiro comandou o Forte DOS REIS MAGOS”, em uma clara homenagem da cidade para com seu prefeito. No depoimento de Sylvio Pedroza que vimos acima, percebemos que o ato emblemático é retribuído, pois além de ser agraciado com o título de “Historiador Oficial da Cidade do Natal”, à Câmara Cascudo é

---

<sup>132</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. Homenagem da Cidade do Natal ao historiador Câmara Cascudo. *Diário de Natal*. Natal. 21 dez. 1948.

oferecida a “chave simbólica, em sinal de gratidão pelos relevantes serviços prestados”, semelhante ato de homenagem prestado algum tempo antes pelo próprio Cascudo só que a Sylvio Pedroza. Novamente, observa-se nesse momento o uso da chave da cidade como elemento de homenagem e símbolo legitimador de práticas.

O cargo de “historiador oficial da cidade do Natal” foi especialmente criado e repassado a Câmara Cascudo. Essa atitude demonstra o forte apreço que Sylvio Pedroza tinha para com seu mais importante aliado, aquele que não mais era seu professor, mas seu defensor e construtor político, o homem que se utilizava da retórica e do seu capital intelectual para consolidar a imagem do ex-aluno e agora chefe como condutor “natural” da capital potiguar. Câmara Cascudo sempre fez questão de afirmar que seu cargo de historiador era simbólico, visto que seu salário consistia em um soldo de Cr\$1,00 pago anualmente. De fato, não era o salário o que mais importava, mas a entronização do erudito como o historiador oficial de Natal, a confirmação, a ratificação, a legitimação do seu lugar de fala que passava a ser institucionalizada. Sua função de produtor do discurso historiográfico passara a ser chancelada pela mais importante instituição pública natalense, consolidando Câmara Cascudo como braço forte da cultura erudita norte-rio-grandense, inclusive com direito a brasão com a representação “oficial” de “Historiador da Cidade do Natal” em seus papéis.



**Figura 2.3:** Timbre de “Historiador da Cidade do Natal” utilizado em papel timbrado de carta enviada por Câmara Cascudo para Sylvio Pedroza em 10 set. 1954.

**ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza, Centro Documentação Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

A naturalidade construída pela narrativa de Sylvio Pedroza justificando a escolha de Câmara Cascudo para o cargo de historiador é semelhante à estratégia utilizada pelo erudito para atribuir a mesma naturalidade à posição de Sylvio Pedroza frente à Prefeitura do Natal devido sua herança genealógica. Além disso, nas duas estratégias de legitimação a cidade foi utilizada como argumento central de afirmação de ambos no imaginário social natalense. Se por um lado Sylvio Pedroza recebe a ‘chave’ do “representante da cidade”, Câmara Cascudo (o representante) é nomeado historiador por ter sua imagem provinciana atrelada ao cotidiano da cidade de Natal, assemelhando-se a um “Hercules amarrado às ameias da Velha Fortaleza dos Reis Magos”,<sup>133</sup> se camuflando e se confundindo com o espaço da sua cidade natal.

A partir da análise que empreendemos até esse momento, foi possível perceber o quão permeado pelas relações pessoais encontrava-se a política natalense durante a administração Sylvio Pedroza frente à Prefeitura de Natal. Essas relações mostram a fragilidade da Prefeitura Municipal de Natal como instituição autônoma, que deixava de ser independente e, em muitas ocasiões, se via personificada na figura de seu administrador,

---

<sup>133</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. Homenagem da Cidade do Natal ao historiador Câmara Cascudo. *Diário de Natal*. Natal. 21 dez. 1948.

que por sua vez se utilizava do espaço em benefício próprio, acumulando capital simbólico em prol de sua biografia e assim atendendo a seus interesses e construindo sua trajetória política.

Embora palavras como progresso, avanço, coragem e moderno povoem os discursos produzidos por e acerca de Sylvio Pedroza, o que podemos concluir é que em nada esse período representou um momento de modernidade propriamente dito, pois a política natalense dos anos de 1940 ainda possuía características que remontam as formas tradicionais da política brasileira do século XIX e visava o progresso de um determinado grupo ligado ao poder público, esquecendo o projeto de mudança de consciência mais abrangente como deve ser qualquer projeto moderno de política pública.<sup>134</sup> O panorama aqui analisado assemelha-se com aquilo que Sérgio Buarque de Holanda já denunciava nas relações entre sujeitos (letrados, políticos, empresários, etc.) e a política brasileira nos anos de 1920, quando afirmara que “a escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos” por parte daqueles que constituem e configuram o Estado.<sup>135</sup>

Analisando a relação entre um importante letrado natalense e um prefeito que sentia a necessidade de se afirmar no cenário político local, foi possível perceber uma intensa relação de sustentação, na qual o erudito potiguar Câmara Cascudo foi diretamente responsável pela construção e consolidação da imagem de Sylvio Pedroza enquanto um político jovem, empreendedor e moderno; características necessárias à uma Natal que buscava o novo, o progresso após a Segunda Guerra Mundial. Para atingir seu objetivo, coube a Câmara Cascudo a construção de um discurso em que cidade e prefeito mutuamente se completavam, mas, que principalmente, a primeira necessitava de um empreendedor que ao mesmo tempo conseguisse aliar a tradição dos espaços da cidade com as obras de modernização que a mesma necessitava. Foi a partir desse enredo que a

---

<sup>134</sup> Esse pensamento assemelha-se com o que pensa Raymundo Faoro sobre a modernidade brasileira, ao afirmar que “a *modernidade* compromete, no seu processo, toda a sociedade, ampliando o raio de expansão de todas as classes, revitalizando e removendo todos os papéis sociais, enquanto que a modernização, pelo seu toque voluntário, se não voluntarista, chega à sociedade por meio de um condutor, que, privilegiando-se, privilegia os setores dominantes. Na modernização não se segue o trilho da “lei natural”, mas se procura moldar, sobre o país, pela ideologia ou pela coação, certa política de mudança”. FAORO, Raymundo. A questão nacional: a modernização. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 1992. v. 6. n. 14. 1992. p. 8.

<sup>135</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 159.

narrativa historiográfica de Câmara Cascudo possibilitou a construção de uma memória moderna tanto para Sylvio Pedroza quanto para a Natal da sua administração.

### Capítulo III

#### **A afirmação do moderno através do Arquivo Sylvio Pedroza: o arquivo como espaço de inscrição da cidade e do sujeito moderno**

*Ainda que algumas amostras de cidade ideal tenham sido realizadas, a chamada cidade ideal nada mais é que um ponto de referência em relação ao qual se medem os problemas da cidade real, a qual pode, sem dúvida, ser concebida como uma obra de arte que, no decorrer de sua existência sofreu modificações, alterações, acréscimos, diminuições, deformações, às vezes verdadeiras crises destrutivas.<sup>136</sup>*

Nesse terceiro e último capítulo abordaremos o arquivo pessoal de Sylvio Pedroza localizado na cidade de Natal. O objetivo é perceber como a seleção de espaços da cidade, proporcionada pela seleção organizacional do arquivo, possibilita visualizarmos quais as paisagens modernas da cidade foram escolhidas para compor o imaginário acerca de Sylvio Pedroza e sua administração enquanto prefeito de Natal entre 1946 e 1950.

Ao adentrar o Solar João Galvão de Medeiros por seus íngremes lances de escadaria na Rua Junqueira Aires, o visitante se encanta com a riqueza arquitetônica, a beleza das fachadas e, principalmente o historiador, com o acervo documental que compõe o Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza (CDCES).<sup>137</sup> O Arquivo Sylvio Pedroza (ASP), nosso interesse, é parte do acervo documental presente nesse Centro Documental. As estantes que guardam sua documentação são vizinhas das que comportam outro rico

---

<sup>136</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 73.

<sup>137</sup> “O Solar é uma construção do início do século XX. Teve como um dos primeiros proprietários o Coronel Aureliano de Medeiros, responsável pela construção do imponente Solar Bela Vista em terreno lateral ao do Solar João Galvão. O casarão estava parcialmente destruído, contando apenas com alicerces e as paredes laterais. Atravessou quase meio século em ruínas, até que os descendentes de outro proprietário, o senhor João Galvão de Medeiros, antigo diretor da Rede Ferroviária de Natal – REFESA, fizeram uma negociação a preço simbólico com o Governo do Estado, com a solicitação de que, depois de restaurado, o Solar recebesse o nome do antigo dono. Após os processos de tombamento e de desapropriação, sob a responsabilidade da FJA, foi realizada a restauração, conservando seu frontão, típico da época, com cornijas e varandas laterais. A restauração do Solar foi realizada no período de 1995 a 2002. O Núcleo Manoel Rodrigues de Melo, acervo com cerca de cinco mil livros e periódicos além de documentos, foi inaugurado em novembro de 2002”.

FONTE: <[http://www.fja.rn.gov.br/pg\\_acervoepatrimonio\\_museu.asp](http://www.fja.rn.gov.br/pg_acervoepatrimonio_museu.asp)>. Visitado em 20 nov. 2010.

acervo de correspondências e documentos do ex-governador do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros. O acervo do ASP é composto por uma significativa quantidade de fontes referentes a vários períodos da vida pública de Sylvio Pedroza, inclusive o que escolhemos para nossa análise.

Através da análise documental do ASP, é possível perceber como a Natal moderna da administração municipal de Sylvio Pedroza é representada através do seu arquivo e, além disso, percebe-se como foi possível selecionar a documentação que demonstra esse pretense momento de uma modernidade natalense. O acervo deste arquivo remete à construção da imagem do homem público moderno, democrático e articulado com as esferas políticas à sua volta. No entanto, antes de iniciar a análise proposta, é necessário que se conheça e seja possível entender o porquê da escolha do ASP como um espaço de inscrição da Natal moderna dos tempos de Sylvio Pedroza como prefeito.

O espaço em que se encontra o ASP e a organização da documentação são elementos fundamentais capazes de nos fornecer informações para a análise biográfica daqueles que produziram e selecionaram as fontes que compõe o ASP. Ao iniciar seu livro *Mal de Arquivo*, Jacques Derrida concentra-se na análise do conceito de arquivo. Segundo o autor, não é possível pensar um arquivo sem dissociá-lo de um espaço instituído, de um lugar de impressão, mesmo que ele seja “externo, diretamente no suporte, atual ou virtual” e completa, afirmando:

Os documentos, que não são sempre escritos discursivos, não são guardados e classificados no arquivo senão em virtude de uma topologia privilegiada. Habitam este lugar particular, este lugar de escolha onde a lei e a singularidade se cruzam no privilégio. No cruzamento do topológico e do nomológico, do lugar e da lei, do suporte e da autoridade, uma cena de domicialização torna-se, ao mesmo tempo, visível e invisível.<sup>138</sup>

Essa percepção de Jacques Derrida, entendendo o arquivo como um espaço de inscrição capaz de fornecer vestígios significativos da imagem que seu autor desejaria para si, será norteador no exame que empreenderemos no decorrer da nossa análise, na qual, teremos como objetivo fundamental examinar o espaço do ASP percebendo seus significados e em que medida sua configuração e organização corroboram com a imagem

---

<sup>138</sup> DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001. p. 8-13.

construída por e para Sylvio Pedroza durante sua gestão como homem público. Mesmo sabendo que no decorrer da análise tentaremos nos ater mais longamente ao período em que Sylvio Pedroza foi prefeito de Natal, nosso estudo não exclui a possibilidade de analisar outras passagens da sua vida quando se fizer necessário, a fim de com isso sustentar nossa tese de que o ASP (através da seleção de paisagens modernas da cidade) ajuda na sustentação da imagem de Sylvio Pedroza enquanto um administrador público moderno.

Pessoal ou não, todo arquivo é sempre fruto de uma seleção feita por aquele que organiza e cria uma narrativa lógica para os visitantes. O ASP não é diferente. Em suma, a documentação contida nesse acervo foi inicialmente selecionada e organizada por Sylvio Pedroza. Após sua morte, a família deu continuidade à organização e seleção iniciada pelo ex-prefeito. Já sob responsabilidade do CDCES a documentação doada passa, atualmente, por um completo momento de abandono e desorganização, mesmo podendo se perceber, às vezes, a lógica de organização que rege determinadas fontes, a maior parte dos documentos foram completamente postos fora da ordem deixada pela família Piza Pedroza.

O ASP contém em suas estantes, um rico acervo de documentos políticos muito pouco explorados, ou melhor, não explorados. Do nosso conhecimento apenas um trabalho utilizou-se da documentação desse acervo; trata-se da dissertação de mestrado de Francisco Firmino Sales Neto que, mesmo assim, concentrou sua pesquisa na relação entre Câmara Cascudo e Sylvio Pedroza. O recorte escolhido por Sales Neto não lhe deu a possibilidade de com isso utilizar a maior parte da documentação constante no acervo do ASP.<sup>139</sup>

A passagem de Sylvio Pedroza pela Prefeitura de Natal, posteriormente como governador do Rio Grande do Norte, Subchefe da Casa Civil dos governos Juscelino Kubitschek e João Goulart, além de sua longa estadia frente à Secretaria-Geral da Confederação Nacional do Comércio no Rio de Janeiro, são alguns dos temas a que se refere a maior parte da documentação presente no acervo do ASP. Além destes temas, é possível também encontrar uma quantidade considerável de fotografias que relembram alguns momentos da vida social de Sylvio Pedroza e que, em certa medida, colaboram na construção imaginária que o ex-prefeito pretendeu para si.

---

<sup>139</sup> Trata-se da dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte intitulada, *Luis Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. Natal: PPGH/UFRN, 2009.

Pensando o arquivo pessoal como um espaço de inscrição, inserido dentro de uma certa lógica de organização biográfica, podemos tranquilamente deduzir que Sylvio Pedroza pensou o seu arquivo como um lugar de memória, percebido como marco testemunhal de um tempo passado que se pretende que seja eterno, pois, ao contrário da memória que é “sempre carregada por grupos vivos”, os lugares de memória possuem a função de inscrever em um espaço as memórias que não se quer que sejam esquecidas.<sup>140</sup>

Nesse espaço de inscrição da memória dedicado às administrações de Sylvio Pedroza, ficaram inscritos seus feitos políticos durante suas atividades de homem público, o que se comprova a partir da constatação em torno da escassez de outra documentação que não as públicas: a ausência de correspondências e fotografias familiares existentes no arquivo, indiciando o processo de seleção a que foi submetido o ASP.<sup>141</sup>

A preocupação de Sylvio Pedroza em constituir uma imagem positiva de si e de suas ações principalmente por seus feitos promovidos no espaço da cidade parece ter sido uma constante no decorrer da sua trajetória de homem público. Essa preocupação é passível de explicação, basta lembramos que Sylvio Pedroza organizou dois livros de memória; *Definições* (1956) e *Pensamento e Ação: marcas de uma trajetória de governo* (1984), além de ter se ocupado em pensar um espaço de resguardo de sua documentação pessoal que hoje compõe o ASP.

Nesses lugares de inscrições de memória, é possível perceber que Sylvio Pedroza priorizou a construção da sua imagem pessoal voltada para o enaltecimento do homem público democrata,<sup>142</sup> moderno em suas ações de modernização do espaço urbano e fiel às

---

<sup>140</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: PROJETO HISTÓRIA. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1993. v. 10. p.9-13.

<sup>141</sup> Em um universo constante de mais de um milhar de fotografias, aquelas que tratam de familiares de Sylvio Pedroza não chegam a uma dezena. De seus pais, por exemplo, só foi possível localizar uma imagem, o que dá ideia da seleção promovida no arquivo, onde intencionalmente pretendeu-se deixar apenas documentação referente aos momentos públicos do ex-prefeito. Segundo Sales Neto, em conversa que teve com a viúva de Sylvio Pedroza a senhora Neuza Pedroza, ela lhe confirmou que a intenção era repassar à FJA apenas à documentação referente aos momentos de vida pública de Sylvio Pedroza.

<sup>142</sup> Essa visão do político democrata pode ser percebida, por exemplo, na narrativa de Alvarado Furtado, ao afirmar que Sylvio Pedroza, “Respeitou o adversário político. Presidiu eleições com isenção. Ninguém sofreu qualquer constrangimento por atos ou palavras que discordassem das posições do seu governo. Enfim, se antecipou de muitos às preocupações hoje dominantes – o sagrado respeito aos direitos humanos” (PEDROZA, 1984: Introdução). No mesmo sentido, encontramos nas palavras do então jornalista da Tribuna do Norte, Garibaldi Alves Filho, referência semelhante a Sylvio Pedroza, quando afirmou que: “Respeito absoluto do direito de cada funcionário manifestar livremente sua posição político-partidária, padrões de comportamento que realçam a sua fê democrática integração aos interesses do Rio Grande do Norte”. ALVES

tradições familiares e da terra natal. Claro, não podíamos imaginar esses espaços de outra forma visto que foram pensados como formas de exaltar a imagem e as atuações do seu idealizador enquanto administrador público. Assim como esse, vários arquivos pessoais possuem função semelhante e com essa função que são pensados e constituídos.<sup>143,144</sup>

Os livros de memória de Sylvio Pedroza são dois suportes mais evidentes, onde se é possível perceber quais são os momentos da vida política, os marcos da trajetória política que o ex-prefeito não quer que sejam apagados pelo tempo. Ressalta-se que as paisagens modernas construídas nos livros são as mesmas que aparecem nos documentos que compõe o ASP. Nos livros, é possível ao leitor perceber um ordenamento biográfico da vida pública e política de Sylvio Pedroza. O início do livro de 1984, a introdução feita pelo amigo Câmara Cascudo, intitulada “O Permanente Sylvio Piza Pedroza”, já denota a intenção de não esquecimento que o ex-prefeito pretende passar para seu leitor, ou a intenção de eternizar seus feitos na história da cidade. O livro compõe-se de correspondências, fotografias e uma longa entrevista concedida por Sylvio Pedroza na década de 1980 ao programa *Memória Viva*,<sup>145</sup> sendo todo o conteúdo do livro caracterizado por exaltações à imagem e às ações do ex-prefeito e ex-governador.

Os livros memorialísticos são assim como o ASP, um espaços que produzem memórias a partir da seleção de determinados eventos relacionados à vida política de Sylvio Pedroza. É a memória construída nesses livros que produz uma coerência narrativa à biografia do ex-prefeito e que também se percebe no ASP: os espaços de modernidade selecionados pelos livros são os mesmo selecionados pelo arquivo pessoal de Sylvio Pedroza. Segundo um dos autores introdutórios de *Pensamento e Ação*, Alvamar Furtado,

O conteúdo de PENSAMENTO E AÇÃO, seus documentos e suas afirmações, conceitos e pronunciamentos, revela seu testemunho, sua

---

FILHO, Garibaldi. Apud: JUREMA, Abelardo. A volta. In: PEDROZA, 1984: 158.

<sup>143</sup> Em Natal o Instituto Câmara Cascudo, recentemente fundado (2009) possui função semelhante, constituindo-se enquanto espaço de memória e exaltação da obra e da figura desse erudito potiguar. No caso, a própria família transformou sua antiga residência em memorial que atualmente disponibiliza ao público a consulta a documentos e livros que pertenceram a Câmara Cascudo.

<sup>144</sup> Até o ano de 2009, o acervo documental de Câmara Cascudo, composto por sua biblioteca, cartas e demais documentos, estava sob a guarda da Fundação José Augusto. Em 2010, a família transformou a antiga residência do escritor no *Instituto Ludovicus*, um centro de pesquisa documental e um memorial com a documentação de Cascudo, que hoje está sob a responsabilidade de sua família.

<sup>145</sup> Programa *Memória Viva* é uma série biográfica composta por depoimentos de personalidades “que marcaram a história do Rio Grande do Norte, alguma com repercussão nacional”. (<http://www.tvu.ufrn.br>).

presença marcante, seu novo estilo de abordar, gerir e comandar os destinos de uma comunidade.

Capitaliza experiências na administração municipal, nos derradeiros anos da década de 40, quando Prefeito de Natal. Adota iniciativas, comportamento e responsabilidades que o credenciavam para etapas mais abrangentes da vida pública.<sup>146</sup>

Acertadamente, Alvamar Furtado condiciona esse livro de memórias como um testemunho dos “dias políticos” de Sylvio Pedroza; embora se saiba que esse testemunho esteja moldado e regrado pelo discurso do próprio Sylvio Pedroza. Essas regras e condições limitadoras são as mesmas que ordenam e ocorrem em proporção semelhante no ASP, que funciona como parte de um processo de re-memoração pretendido por Sylvio e a família Pedroza. Portanto, a documentação existente no ASP selecionou e ordenou os espaços modernos da cidade, pinçando as paisagens modernas construídas pela administração Piza Pedroza e silenciando aquelas que questionavam um pretense ambiente de modernidade natalense.

O acervo documental pertencente ao ASP chegou à Fundação José Augusto nos últimos anos de vida de Sylvio Pedroza. Em conversa informal com alguns funcionários do CDCES, as primeiras caixas contendo a documentação que hoje compõe esse acervo, chegaram como parte de uma exposição fotográfica (a segunda, em 1996) que teve como objetivo a realização de uma retrospectiva histórica dos mandatos de prefeito e governador, exercidos respectivamente por Sylvio Pedroza entre 1946 e 1955. Foram abundantes as notícias nos jornais natalenses que anunciavam a vinda de Sylvio a Natal, na ocasião em que ele seria amplamente homenageado por várias instituições públicas e privadas da capital por suas contribuições enquanto chefe do executivo municipal e estadual.

Durante os dias que passará em Natal, Sylvio Pedroza receberá várias homenagens, não somente dos desportistas como também da Fundação José Augusto, com exposição de fotografias do homenageado em tempo em que exercia a chefia do executivo potiguar.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> FURTADO, Alvamar. Sylvio Pedroza e seus dias políticos. In: PEDROZA, Sylvio *Pensamento e Ação*, 1984.

<sup>147</sup> CONSTRUTOR DO PRIMEIRO GINÁSIO DE ESPORTES DE NATAL É HOMENAGEADO. *Tribuna do Norte*. Natal. 11 ago. 1996.

Ainda segundo uma funcionária, coube ao próprio Sylvio a incumbência da organização da mostra fotográfica a que faz referência a reportagem acima. Segundo ela Sylvio Pedroza teria participado desde o processo de seleção das fotografias (que pertenciam a seu acervo pessoal) até à disposição das fotografias e suas respectivas legendas que ainda podem ser encontradas em algumas fotografias do ASP.<sup>148</sup>

O fato do próprio Sylvio Pedroza ter se disposto a organizar a exposição fotográfica e selecionado a documentação enviada, a mesma que futuramente seria parte do que hoje é o ASP, demonstra uma evidente preocupação do ex-prefeito em construir uma ordenação biográfica através do acervo de documentos públicos adquiridos durante sua trajetória na administração em que os espaços da cidade moderna se mostraram fundamentais no processo de construção de uma Natal moderna. Ou seja, Sylvio Pedroza procurou constituir uma organização, uma ordenação documental que contasse a seu modo os marcos modernos da cidade que visualizam sua trajetória política em Natal e no Rio Grande do Norte.

Em 1984 por ocasião do lançamento do segundo livro de memórias de Sylvio Piza Pedroza, *Pensamento e Ação*, ocorreu em Natal uma série de exposições fotográficas.<sup>149</sup> Essa primeira exposição abordou os mesmos temas que protagonizaram a segunda, tratando também da trajetória política percorrida por Sylvio Pedroza nas décadas de 1940 e 1950.<sup>150</sup> A partir das referências constantes no catálogo dessa exposição foi possível graças ao acervo identificado, localizarmos no ASP o material iconográfico utilizado na ocasião desse evento.

Sabendo o quão valorizado eram as fotografias para Sylvio Pedroza, o que se deduz pela quantidade de imagens existente no ASP, procuramos analisar em que medida a intenção, a composição organizacional do arquivo e a técnica empregada em sua

---

<sup>148</sup> A funcionária a que nos referimos preferiu apenas dar as informações, pedindo para que seu nome não fosse divulgado.

<sup>149</sup> O jornal *A República* de 29 jan. de 1984 trouxe uma coluna em que se lia: “O presidente da Fundação José Augusto, Valério Mesquita convida o colunista para o lançamento da obra literária “Pensamento e Ação” (marcos de uma trajetória de governo) de autoria do ex-Governador Sylvio Pedroza, bem como a exposição fotográfica de sua vida pública. O acontecimento será dia 8/2/84, as 20:30 horas, no SESC”.

<sup>150</sup> Essa série de exposições ocorreu a partir de 1984 e teve como título “O Mundo de Sylvio Pedroza”. Tratou-se de uma retrospectiva fotográfica que teve como patrocinadores o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Fundação José Augusto, o Centro Norte-Riograndense e Casa de Cultura Saruê, no Rio de Janeiro a exposição ocorreu em 22 de Março de 1984. Fonte: Catálogo da exposição O Mundo de Sylvio Pedroza. ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

estruturação, conduzem “também a estrutura do conteúdo em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro”, pois, é sabido que “o arquivamento tanto produz quanto registra o evento” que não se quer que seja esquecido. Foi com base nessa perspectiva que decidimos no decorrer desse capítulo trabalhar com as fotografias existentes no ASP.<sup>151</sup>

Durante a análise promovida nesse capítulo, a intenção sempre esteve em demonstrar como é possível reconhecer a Natal moderna que aparece nos discursos memorialísticos de Sylvio Pedroza a partir do ASP. A ‘cidade ideal’, aquela que para o ex-prefeito foi uma realidade durante sua gestão, aparece para os olhos contemporâneos graças à esses procedimentos de seleção e organização pelos quais passaram os documentos desse acervo documental do CDCES. Essa rápida análise sobre o ASP fazia-se necessária para que daqui por diante possamos trabalhar o objetivo proposto no início do nosso capítulo.

Embora a “cidade ideal” concebida pelas palavras de Giulio Argan na epígrafe inicial deste capítulo seja concebida apenas como um ponto de referência daquilo que se pretende para uma cidade, e não algo realizado em sua concretude, uma realidade, essa seleção documental promovida para a composição do ASP possibilita a visualização dessa cidade ideal, e seu reconhecimento só é possível quando lembramos que o compõem as fontes de um arquivo, seja ele de que natureza for, não são as verdades ou realidades, mas as representações que foram possíveis e que foram preservadas de forma a chegarem até nós.

A partir da seleção dos documentos que formam o ASP, a visualização dos espaços modernos são percebidos e visualizados em forma de narrativas ou mesmo fotografias que constroem as paisagens da cidade moderna. A modernização de bairros com a construção de ruas e/ou pavimentação, a construção da Avenida Circular e a urbanização das praias da capital são alguns dos elementos selecionados que compõe o conjunto de paisagens modernas de Natal; outros espaços da cidade são silenciados, dando-se uma clara evidência apenas a essas paisagens modernas. Nesse sentido, são as fotografias suportes fundamentais no processo de visualização da cidade moderna pretendida por Sylvio Pedroza e, a análise do acervo iconográfico do ASP revela de que forma a constituição dessas paisagens modernas são possíveis a partir da seleção promovida no acervo iconográfico deste arquivo.

---

<sup>151</sup> DERRIDA, Jaques. *Mal de arquivo*. 2001. p. 28-29.

Após a análise do ASP podemos chegar a uma constatação: esse espaço institucionalizado funciona com a função de promover a ligação entre Sylvio Pedroza (como construtor da cidade moderna) e a política de modernização ocorrida durante sua gestão como prefeito. As fotografias são fundamentais para alcançar tal objetivo, visto que os temas nelas presentes e o fato do ex-prefeito fazer parte da paisagem moderna, constrói um vínculo entre Sylvio e a cidade, em que ambos são compreendidos enquanto partes conjuntas do processo de modernização ocorrido em Natal entre 1946 e 1950.

### **3.1. AS FOTOGRAFIAS CONSTROEM AS PAISAGENS MODERNAS**

Ao se deparar com o ASP qualquer visitante fica de imediato, impressionado com o rico acervo iconográfico construído por Sylvio Pedroza ao longo de sua vida pública. Tal riqueza é caracterizada tanto pela quantidade de fotografias existente quanto pelos temas apresentados, revelando-se interessantes testemunhos da vida política do ex-prefeito de Natal no Rio Grande do Norte e Brasília.

A análise desse acervo documental, de imediato aguça o interesse de qualquer pesquisador, principalmente daqueles que veem este espaço como um repositório de documentos de um período democrático da política nacional ainda tão pouco estudado. Ainda, o ASP pode ser considerado um achado, pois nenhum trabalho de fôlego foi feito utilizando-se a documentação aí existente, o que torna nosso trabalho de pesquisa no ASP mais instigante, mas ao mesmo tempo mais cauteloso com os resultados que obtivemos. No entanto, aquele que se aventura pelas ‘caixa-arquivo’ contendo as mais de mil fotografias guardadas por Sylvio Pedroza deve inicialmente, ater-se a algumas limitações.

No primeiro contato com as fontes iconográficas do ASP, logo poderemos perceber um grande fator limitador de nossas análises, a questão da autoria das fotografias. Não foi possível encontrar na documentação qualquer contrato firmado com estúdios fotográficos ou fotógrafos da época, embora “Jaeci” e “Studio Seabra” são duas das autorias que podemos identificar em algumas das imagens, sejam através de logomarcas em forma de carimbos constantes nos versos do suporte fotográfico, ou mesmo através de marca d’água prensada nas extremidades da fotografia. Logo, trabalhar com essas imagens

levando em conta suas autorias é imprudente e perigoso, pois essa é uma tarefa impossível por uma série de questões que vão desde a existência de estúdios que reproduziam cópias de imagens já existentes, até fotografias que nem ao menos possuem qualquer referência quanto à identificação do fotógrafo ou estúdio.

Conscientes dessas limitações, a análise da documentação tomou um caminho diferente, procurando não questionar os critérios de autoria (o que seria fundamental caso tivéssemos tais informações). A pergunta que nos inquieta e que nos guia no exame dessas fontes iconográficas é outra. Sabendo que as fotografias, assim como toda documentação constante no ASP passou por um processo de filtragem objetivando uma seleção do que deveria ser visto em oposição ao que deveria ser silenciado, o que explica a presença de determinados temas no acervo iconográfico? Por que a manutenção dessas fotografias no arquivo pessoal de Sylvio Pedroza? Mais. Existe um padrão que regeu a seleção dessas fontes e que pôde ser percebido durante nossa análise? Ou seja, devido às limitações impostas, nosso interesse passou a ser de analisar o material presente no ASP e entender qual o sentido ou significado deles terem sido mantidos e doados para a guarda do Estado e assim serem disponibilizados para pesquisa.

No universo com cerca de mil e duzentas fotografias (algumas repetidas), procuramos perceber quais os temas que apareciam nessas imagens e porque apareciam. Em certa medida o tema e as paisagens que compõem as fotografias do ASP referem-se aos espaços da cidade que estavam em construção, fruto de uma política de modernização de Sylvio Pedroza iniciada ainda no primeiro ano de seu mandato como prefeito, em 1946. Há ainda, uma série de imagens que tratam de importantes momentos da vida social do ex-prefeito, sendo excluídas as imagens de Sylvio com familiares ou em ambientes caseiros ou privados.

Em grande medida, as fontes iconográficas por nós analisadas e que compõe o ASP podem ser considerados de duas naturezas: aquelas que tratam das obras de modernização do espaço urbano da cidade de Natal, e um segundo grupo que corresponde àquelas fotografias que testemunharam os momentos da vida social de Sylvio Pedroza. Nesta coleção iconográfica, vários foram os momentos em que as cerimônias públicas foram imortalizadas pelo papel fotográfico e pelas objetivas dos seus respectivos fotógrafos. Esse testemunho de época, “que reflete mecanicamente o que nunca mais

poderá repetir-se existencialmente”,<sup>152</sup> pode nos revelar uma série de elementos que vão além da festa, do momento de descontração ou mesmo de um importante evento.



**FIGURA 3.1:** Imagem retrata a entrega de veículos à Prefeitura de Natal em 1947. Sylvio Pedroza, ladeado por dois homens à sua direita e um à esquerda, aparece vestido com terno branco em cerimônia realizada no bairro da Ribeira. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

Na foto acima é possível perceber um momento de solenidade. Se procurarmos perceber o *studium*, o que chama nossa atenção, creio que a posição e a quantidade dos carros é o que aguçaria o interesse do historiador, nada mais que isso, pois nesse sentido essa fotografia é uma representação ideal daquilo que o fotógrafo pretendia apreender. O *studium* moderno pretendido por suas objetivas se concretizou, pois sentimos no observar a intenção e o sentido que essa imagem pretende transmitir ao seu espectador.<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> Barthes sobre o ato da fotografia e de sua função. BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 13.

<sup>153</sup> Os conceitos de *studium* e *punctum* são emprestados de Roland Barthes. Para ele, o *studium* corresponde a “uma espécie de educação que me permite encontrar o operador [a captação desejada pelo fotógrafo]. [...] Isso ocorre um pouco como se eu tivesse de ler na Fotografia os mitos do Fotógrafo, fraternizando com eles sem acreditar inteiramente neles. Esses mitos visam evidentemente a reconciliar a fotografia e a sociedade, dotando-a de funções, que são para o fotógrafo outros álibis. Essas funções são: informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade”. Roland Barthes mostra que a fotografia é uma realidade baseada nas intenções e mitos do fotógrafo, não uma pura e simples cópia da realidade. Por outro lado, o *punctum* corresponde ao equívoco, àquilo de destoa da intenção inicial do fotógrafo. Para Barthes, o *punctum* “é, portanto, uma espécie de extra-campo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá

No meu caso, graças ao zoom possibilitado pelo computador, o que me chamou a atenção não foi tanto os carros, mas sim a placa pendurada no teto do prédio vizinho ao 5º Distrito de Portos, Rios e Canais (inscrição que aparece gravada no alto e a direita da fotografia). A placa anuncia que existia ali uma revendedora automobilística da marca de pneus Firestone, o que possivelmente explicaria a quantidade de carros em frente ao prédio do 5º Distrito. O evento parece tratar-se da entrega simbólica de uma compra de automóveis promovida pela Prefeitura de Natal para sanar um problema de coleta de lixo. Sabe-se que em 1947:

A Prefeitura Municipal do Natal, procurando cada vez atender com eficiência ao serviço de limpeza pública da capital, vem de adquirir dois novos caminhões, marca Chevrolet, os quais já foram lançados ao tráfego. A deficiência que se vinha notando na coleta de lixo em algumas ruas da cidade, era motivada pela escassez de veículos, pois, os existentes também estavam servindo para a captura de animais soltos pelas avenidas e ruas de nossa capital.<sup>154</sup>

Os caminhões que aparecem na fotografia são da marca Chevrolet modelo *Lordmaster* 1947, semelhante aos da compra efetuada pela Prefeitura para o trabalho de limpeza e recolhimento de lixo em Natal. O cenário é a tradicional Rua Chile, zona portuária do bairro da Ribeira, reconhecida por ter no chão os trilhos que conduziram os bondes por essa localidade até pelo menos a década de 1950. No que se refere à fotografia, podemos perceber no início da fila de caminhões o bem vestido Sylvio Pedroza, com seu impecável terno branco, ladeado por dois homens, sendo um militar à sua direita. A presença do militar pode ser explicada pela proximidade com o 5º Distrito de Portos, Rios e Canais, órgão que hoje corresponde à Capitania dos Portos de Natal responsável pelo tráfego de embarcações do Porto de Natal.<sup>155</sup>

Em uma estratégica posição o fotógrafo praticou com perícia seu ofício. De forma impecável, fez com que suas lentes captassem a paisagem moderna desejada, eliminando

---

a ver”, ou seja, o punctum é o elemento que destoa o studium. BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 48 e 89.

<sup>154</sup> CAMINHÕES NOVOS PARA O SERVIÇO DE LIMPEZA PÚBLICA ADQUIRIDOS PELA PREFEITURA DO NATAL. *Diário de Natal*. Natal. 13 jun. 1947.

<sup>155</sup> São constantes as imagens do ASP em que Sylvio Pedroza aparece junto a militares. Em algumas podemos vê-lo ao lado do então General do Exército dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower em visita a Natal em 1946. Em outras fotografias é possível ver Sylvio ao lado de dois ex-presidentes brasileiros da época da Ditadura Militar; os presidentes Emílio Garrastazu Médice e João Baptista Figueiredo.

qualquer rastro de atraso, dando ênfase à faixa dos prédios bem conservados e fazendo o *studium*, a paisagem desejada pelas lentes do fotógrafo: Sylvio Pedroza centralizado e os caminhões impecavelmente alinhados, limpos, novos e modernos que estavam sendo adquiridos pelo poder público.

Os *Chevrolet* perfilados em uma rua (que parece) ampla, sem pessoas caminhando pelos paralelepípedos e os sujeitos da fotografia bem alinhados e condizentes com seus ternos são características que denunciam o processo de montagem e organização por que passou a fotografia; toda cena foi cuidadosamente pensada, moldada, organizada de modo a transmitir ao observador o cenário de uma paisagem moderna da cidade. A imagem, atuando como testemunho, tende a nos convencer da organização das ruas, a qualidade do transporte que seria utilizado a serviço da população e ressalta a disciplinarização dos espaços da cidade. A escolha e a montagem do cenário, a disposição dos elementos, toda composição de um espaço moderno estaria perfeito se não fosse o descuido, o intempestivo, o *punctum* descuidado que desconstruísse todo o arranjo moderno pensado pelo fotógrafo e que foi captado por suas lentes.

Talvez, a fim de experimentar o ângulo, o foco das objetivas, ou se o filme de sua câmera estava corretamente posicionado, o fotógrafo que tão bem captou a paisagem moderna da fotografia acima, também foi capaz de registrar uma cena que para o olhar do historiador é bem mais interessante e reveladora, dada sua ingenuidade e a quantidade de elementos significantes que desconstróem a paisagem moderna montada para a entrega dos possantes *Chevrolet* que pôde ser testemunhada pela fotografia acima.



**FIGURA 3.2:** Embora o ângulo da fotografia tenha sido o mesmo, a organização espacial e dos elementos que compõe essa fotografia destoam da organização e do ambiente moderno que aparecem na Figura 3.1. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

No intuito de acertar o enquadramento da sua captura, o competente e cauteloso fotógrafo achou por bem fazer uma foto-teste antes da pose oficial, o que nos presenteou com esse curioso flagrante que desmonta todo o cenário moderno construído para a entrega dos caminhões. Se na primeira imagem (Figura. 3.1) o que chama atenção são os carros alinhados e o ambiente moderno constituído, não há como não se incomodar com as orelhas do jumento que atormentam e tiram nossa atenção do resto do cenário produzido na Figura 3.2.

Além dessa é possível uma outra interpretação da fotografia. A disposição da Figura 3.1 sugere a ideia de uma Natal moderna em seus transportes, com ruas pavimentadas, limpas e organizadas e sujeitos alinhado e bem vestidos. Elementos que correspondem ao atraso do transporte e do vestir são prontamente descartados dessa ‘fotografia oficial’. No entanto, vimos na Figura 3.2 a desconstrução dessa paisagem moderna pretendida pela objetiva do fotógrafo, pois o par de orelhas do jumento denuncia uma cidade ainda com a presença de transporte animal e os observadores com camisas de mangas curtas destoam dos ternos e gravatas de Sylvio Pedroza e seus acompanhantes.

A posição do fotógrafo. Esse é um elemento dissonante, um vestígio que questiona a veracidade do enquadramento moderno pretendido pelo fotógrafo. O tão perfeito cenário

constituído para a ‘fotografia oficial’ só foi possível graças ao estratégico posicionamento do competente fotógrafo que, localizado próximo a um jumento, conseguiu o enquadramento perfeito para a construção da sua paisagem moderna.

Diferente do que chama atenção na Figura 3.1, o par de orelhas do jumento é o que passa a pungir, aquilo, que segundo Roland Barthes põe em xeque o cenário moderno tão bem pensado e organizado. Ao contrário dos três bem alinhados sujeitos que compõe a ‘fotografia oficial’, por trás do primeiro caminhão, um humilde homem, caminha com sua sacola a tira colo e seu chapéu com abas, dribla os caminhões que parecem impedir sua passagem, o que o faz subir a calçada em frente ao 5º Distrito. Outro admira os novos Chevrolet, fitando como se deve fitar um belo carro que raramente se vê nas ruas, observando-o como uma novidade, fitando-o com a mesma admiração com que se observa o que é novo aos olhos.

A surpresa e a admiração com que o homem observa os automóveis denota a ideia de que Natal não parecia tão moderna no que se refere a seus meios de transporte. Nesse caso não é possível saber se a admiração fosse pela quantidade de automóveis ou mesmo por seus modelos, na realidade é que carros novos como aqueles não pareciam ser algo tão comum nas ruas da capital. É o olhar de admiração deste homem que nos leva a crer que esses caminhões eram antes uma novidade na cidade do que um progresso no sistema de coleta de lixo ou mesmo no sistema de transporte urbano. Fato é que o evento da fotografia, com essa quantidade de automóveis era algo que pouco se via nas ruas da cidade e que por isso estavam sendo admirados.

Próximo ao lugar que Sylvio ocuparia naquela que denominamos ‘fotografia oficial’, observamos o que parece ser uma criança que fitava o movimento de papéis nas mãos do sujeito com quepe e gravata. Seus trajes não condizem com os homens de paletó que circulam a seu redor e sua presença parece pouco notada pelos demais personagens do ato. Já na porta do 5º Distrito de Portos, Rios e Canais dois funcionários observam o movimento de pessoas, que por chamar a atenção deles, denota que aquele não era uma cena comum de seus cotidianos; no entanto, no ato da oficialidade da fotografia parecem ter sido convidados a se retirarem da porta, assim como todos aqueles sem terno e gravata que compõe a segunda imagem, caso contrário não seriam os modernos Chevrolet e Sylvio Pedroza a comporem a ‘fotografia oficial’.

São fontes como essa, que passaram à margem do controle estabelecido pelo selecionador das fotografias do ASP, que denunciam o quão tênue e frágil é o discurso cristalizado acerca da Natal moderna sob a administração de Sylvio Pedroza. Discurso que aparece inscrito nas páginas de *Pensamento e Ação*,<sup>156</sup> onde pode-se ler a reprodução de uma citação de autoria de Gilberto Freyre (utilizado como argumento de legitimação), em que ele reproduz uma das imagens que se perpetuaram sobre Sylvio e sua administração. Nessa citação Freyre afirma que

Digna da melhor atenção é a atividade desenvolvida no Rio Grande do Norte pelo moço empreendedor e vibrante Sylvio Pedroza, Governador que já se tornou exemplo de modernidade para os arcaicos e de esportividade para os encatarrados que não sabem sair das sombras dos palácios nem do interior das repartições.<sup>157</sup>

Antes dessa imagem de Sylvio construída por Freyre, em 1949, data aproximada do evento que as imagens anteriores retratam, o jornalista pernambucano Andrade de Lima Filho, tecia uma narrativa enaltecida e muito semelhante a de Freyre. Ao escrever para o *Jornal do Comércio* de Recife retratando o perfil moderno de Sylvio Pedroza como político, Lima Filho investe na consolidação da figura do “jovem industrial”, do “gentleman admirável” responsável por uma Natal que se tornava moderna ao toque das obras proporcionadas por Sylvio. Segundo o autor,

Sylvio Pedroza realiza aqui [em Natal] uma singular experiência administrativa. Lutando praticamente sem verba, o edil natalense opera verdadeiros milagres no capítulo, sobretudo, do urbanismo e saneamento da cidade. Natal – dizem-me os que viram em sua indumentária primitiva – vai surgindo de suas mãos como de um conto de fadas. Renovada, limpa, progressista. [...] Sylvio Pedroza não é apenas, como muitos supunham, o jovem industrial, o gentleman admirável, o sportman que se compraz em levantar campeonatos de tênis ou fazer exercícios de natação no mar que envolve o seu pequeno promontório em Pirangi. É tudo isso e, além disso, mais alguma coisa: um administrador de espírito prático e brilhante. Um homem rigorosamente em dia com os problemas, as aspirações e as necessidades de sua comuna.<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> *Pensamento e Ação* é um livro de memórias publicado pela Fundação José Augusto em 1984, como comemoração aos trinta anos da passagem de Sylvio Pedroza como Governador do Rio Grande do Norte.

<sup>157</sup> FREYRE, Gilberto. Artigo de 1955. In: PEDROZA, Sylvio. *Pensamento e Ação*. 1984. Orelha.

<sup>158</sup> LIMA FILHO, Andrade. “Pepe Le Moko”. *Jornal do Comércio*. Recife. 5 ago. 1949.

A narrativa prossegue, e passamos a ver um discurso comparativo, no qual Lima Filho assemelha a administração Piza Pedroza às gestões de Pereira Passos no Rio de Janeiro – numa clara alusão à política modernizadora dos espaços de Sylvio Pedroza – e a de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, antepassado familiar do então prefeito e fundador mítico da cidade de Natal. Essa segunda estratégia, de recuperar a memória dos seus ancestrais mostra o lado tradicional, visa a construir a visão que se imortalizou sobre a gestão de Sylvio Pedroza: o homem capaz de aliar modernidade e tradição em uma só administração pública, pensar o progresso do espaço urbano mantendo a memória conservadora da sua família.

Esse homem jovem, cria novos bairros. Reforma os antigos. Retoca, reanima, dá novo brilho, com o esmero de um galvonoplasta, à fisionomia da velha cidade de Poti. O forasteiro que por aqui passou há alguns anos, diz-me um amigo, hoje completará maravilhado a transformação. Natal, concluo eu, ganhou o seu Pereira Passos.

Não exagero. Aqui está o bairro pobre das Quintas, saneado, calçado, com luz elétrica. não havia nada disto. Novas ruas proletárias surgem com as suas casinhas alinhadas, higiênicas, confortáveis onde tudo outrora, ao que me informam, era torto, desengonçado, sem nenhum ritmo arquitetônico. Nos bairros do Alecrim, de Tirol e de Petrópolis, por toda parte, sente-se a mesma onda de progresso, de Construção, de dinamismo, Sylvio Pedroza é como se fosse a reencarnação de Jerônimo de Albuquerque: está recriando Natal.<sup>159</sup>

É possível perceber nas duas citações acima, que o discurso construído pela narrativa de Andrade Lima Filho assemelha-se em muito ao de Gilberto Freyre e têm função semelhante ao enquadramento do fotógrafo que testemunhou o evento da entrega dos caminhões na Figura 3.1. Nessas situações, os autores construíram a representação da cidade moderna a partir de uma visão em que a figura de Sylvio Pedroza é posta no centro, na condução das rédeas do progresso que vinha ocorrendo na cidade. Nas duas perspectivas – da fotografia e da escrita – o objetivo dos autores é a construção de paisagens, sujeitos e espaços modernos, que qualifiquem positivamente Sylvio Pedroza e a Natal da sua administração como exemplos de progresso bem sucedido; o espaço da fotografia e da escrita constroem uma realidade subjetiva pretendida pelos produtores, não podem, portanto, serem encarados como a captação objetiva e definitiva do ambiente.

---

<sup>159</sup> LIMA FILHO, Andrade. “Pepe Le Moko”. *Jornal do Comércio*. Recife. 5 ago. 1949.

Costuma-se dizer que “a câmera nunca mente”.<sup>160</sup> Possivelmente, foi com base nessa crença que se preservou as fontes iconográficas, que formam o ASP para Sylvio Pedroza essas fotografias constituíam provas testemunhais das mudanças que sua administração proporcionou a Natal. A guarda das fotografias denotam a preocupação que o ex-prefeito demonstrou com o não silenciamento da sua memória, com o não esquecimento dos eventos, obras e ações que suas administrações promoveram no espaço urbano de Natal.

Evidências que tratassem de reportar denúncias contra Sylvio Pedroza e sua administração foram prontamente descartadas do seu acervo documental, ou talvez nunca tenham sido parte. Mesmo assim, são raras as reportagens nos jornais natalenses que tratem de graves acusações contra o ex-prefeito. É possível encontrar em jornais de menor circulação, escassas reportagens que desmontam a imagem do político democrata e moderno que Sylvio Pedroza pretendeu construir para si.

Fatos dos mais degradantes a nossa reportagem tomou conhecimento quando esteve Domingo último em Ponta Negra. Ao notarem a nossa chegada, os moradores daquela vila andavam cabisbaixos e com medo de falar. Quando souberam que não fazíamos parte do govêrno de Silvio Pedroza, o ambiente mudou por completo (...). Foi então que tomamos conhecimento das torpezas de Silvio Pedroza, que está tomando miseravelmente as terras, que não lhe pertence dos pobres pescadores. E ainda soubemos coisas mais graves, como por exemplo: O governador tem naquela vila, um capanga, de nome Pedro Potengi, especialmente contratado para surrar impiedosamente ou prender, todo aquele que entre nas terras de ninguem para apanhar um feixe de lenha do governador [sic]. Pobre gente sofredora do nosso Estado.<sup>161</sup>

O silenciamento de reportagens com conteúdos dessa natureza no acervo de Sylvio Pedroza corroboram com nossa hipótese, na qual o ASP atua como lugar de memória que busca o enaltecimento de Sylvio, configurando-se como um espaço de inscrição que favorece a construção da imagem de um político moderno e progressista, responsável por grande parte da modernização do espaço público natalense.

---

<sup>160</sup> Segundo Peter Burke, isso ocorre desde o século XIX, uma vez que no ato da fotografia “os próprios objetos deixa traços na chapa fotográfica quando ela é exposta à luz sem qualquer outra intervenção do fotógrafo”. BURKE, Peter. *O historiador como colunista: ensaios para a Folha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 282).

<sup>161</sup> O GOVERNADOR MANDA ESPANCAR O POVO DE PONTA NEGRA. *Jornal de Natal*. Natal. 20 set. 1955.

Os suportes iconográficos contidos no ASP confirmam a imagem do ex-prefeito como um “exemplo de modernidade” assim como aparecia na escrita de Freyre. Se por um lado não encontramos no ASP notícias como a que acabamos de ler, as fotografias que compõe o acervo induzem o visitante a acreditar em um momento de modernidade na Natal da administração Sylvio Pedroza. Aliado a isso, incorporasse os discursos que valorizam as obras de modernização promovidas pelo ex-prefeito e que legitimam sua gestão frente à Prefeitura.

De sua gestão na Prefeitura, a cidade ficara a lhe dever, entre outras coisas, a Avenida Circular, que acentuou sua identificação urbana como capital de uma unidade pobre e debilitada pela rotina de sua vida política. Despertou novos horizontes, numa luta obstinada e sem recursos. Superou uma mentalidade mesquinha e acomodada, mas de uma resistência deplorável ao progresso. Hoje Natal tem essa avenida diante do mar a sua mais bela e procurada respectiva.<sup>162</sup>

A escrita de Alvamar Furtado é muito interessante quando se pretende perceber como as narrativas acerca de Sylvio Pedroza o constroem como agente da modernidade. É possível perceber que Furtado constrói uma narrativa comparativa, uma que elabora a imagem da cidade antes e uma após a intervenção de Sylvio Pedroza no espaço urbano da cidade. Nesse sentido, o ex-prefeito é narrado como o ‘novo’, que conseguiu superar “uma mentalidade mesquinha e acomodada, mas de uma resistência deplorável ao progresso”. A narrativa constrói assim, o contraponto entre o político jovem, dinâmico e progressista e a então classe política de Natal, vista como a responsável por uma cidade “pobre e debilitada pela rotina de sua vida política”.

Durante toda segunda metade do ano de 1946 e nos primeiros meses de 1947, a construção da Avenida Circular foi uma constante nos jornais locais. A recepção positiva da obra por boa parcela dos órgãos de imprensa natalense, (como analisamos no decorrer do primeiro capítulo) consolidou essa obra como um marco na biografia política de Sylvio Pedroza, o que torna a lembrança dessa obra urbana no ASP uma presença constante e acentuada em meio ao milhar de fotografias que compõe esse arquivo. Cerca de vinte e nove imagens tratam do tema da Avenida Circular, uma obra que pretendeu com sua

---

<sup>162</sup> FURTADO, Alvamar. Sylvio Pedroza e seus dias políticos. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*, 1984. Introdução.

extensão mudar a paisagem litorânea da capital, na medida em que pretendia promover “a integração à Cidade das nossas praias”.<sup>163</sup>



**Figura 3.3:** Nessa imagem é possível observar o trecho da Avenida Circular que segue em direção ao Forte dos Reis Magos. Na exposição fotográfica de 1984, “O Mundo de Sylvio Pedroza”, essa fotografia é datada de setembro de 1946. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

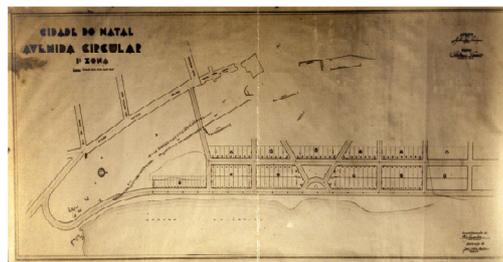
No caso das fotografias referentes à Avenida Circular é possível percebermos uma singularidade que algumas vezes se faz ver em imagens referentes às obras promovidas por Sylvio Pedroza. É possível ao observador acompanhar todo o processo de construção da Circular, desde fotografias aéreas e planta baixa, passando pelo processo de construção até a obra terminada e sendo utilizada pela população. Mais uma vez é notória a intenção de documentar e provar a autoria da Circular, além de exaltar a paisagem moderna possibilitada com o fim da sua construção, fruto de um processo de urbanização das praias da capital.

---

<sup>163</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*, 1984. p. 74.



**Figura 3.4:** Vista aérea antes da construção da Avenida Circular. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.



**Figura 3.5:** Planta baixa da Avenida Circular – 1946. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.



**Figura 3.6:** Fotografia retrata andamento das obras da Avenida Circular, em direção ao Farol de Mãe Luiza – 1946. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.



**Figura 3.7:** Paisagem da Praia de Areia Preta e da Praça da Jangada após a construção da Avenida Circular e a urbanização da região litorânea de Natal. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

A partir das imagens acima, podemos perceber como a organização e a seleção das fotografias do ASP, tendem a transmitir ao observador uma dada visão de progresso por que passou a cidade. Na primeira imagem (Figura 3.4), pretende-se mostrar ao visitante do ASP como estava o espaço da cidade antes da construção da Avenida Circular, onde não era possível (com exceção do campo de futebol) perceber alguma marca da presença humana, como ruas, carros, casas, etc. Em seguida (Figura 3.4), podemos visualizar a ideia

do que seria a Avenida Circular (Figura 3.5),<sup>164</sup> ou de como ela ligaria as praias da capital ao restante da cidade, através do andamento das obras (Figura 3.6) que, “partindo da Praia do Meio, correndo paralela a esse casario”,<sup>165</sup> constituiria a construção de um novo bairro (Santos Reis) e promoveria a urbanização e a integração do espaço litorâneo da cidade (Figura 3.7), inventando o que Câmara Cascudo viria a denominar como “a nova Avenida Atlântica” natalense,<sup>166</sup> uma clara alusão à famosa avenida litorânea fluminense, exemplo de modernidade no que se refere a complexo urbanístico.

A construção da Avenida Circular como elemento modernizador do espaço urbano natalense é verificado nos discursos que se produziram acerca dessa obra. Sylvio Pedroza utiliza, mais uma vez, as obras urbanas de sua administração para se apresentar como um sujeito progressista, assim como a cidade que comandava, a qual se apresentava como um espaço novo graças às ações modernas do seu prefeito. Foi essa a imagem que Sylvio pretendeu para si, em que a utilização do espaço da cidade o legitimava enquanto administrador inovador e moderno, assim como é possível perceber no discurso que ele constrói da cidade de Natal durante sua passagem pela Prefeitura.

Quem aqui tinha vivido naquela época, deve recordar que morava-se em Petrópolis ou Tirol, por exemplo, mas veraneava-se para o banho de mar na Praia do Meio ou em Areia Preta., onde ninguém imaginaria residir, apesar da pouca distância. A Circular incorporou as praias à cidade permitindo atingi-las em alguns minutos. E o que era um ponto esporádico de banho salgado, passou a ser o lugar privilegiado onde se podia morar de modo permanente. Assim, levei para aquela área o calçamento, a iluminação os postos de salvamento, integrando-a à vida da cidade.<sup>167</sup>

A Avenida Circular é mais uma vez a vedete entre todos os outros temas que aparecem no acervo iconográfico do ASP. Mas assim como ela, todos os outros temas referentes à administração Sylvio Pedroza como prefeito de Natal e governador do Rio Grande do Norte, visam exaltar e visualizar suas gerências como marcos na história política

---

<sup>164</sup> Vale ressaltar que, como já visto no decorrer do *Capítulo I*, a Avenida Circular foi um projeto de integração urbana inspirada no Plano de Sistematização de Natal concebido na década de 1920 pelo arquiteto italiano Giacomo Palumbo sob encomenda do então prefeito de Natal, Omar O’Grady.

<sup>165</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFERN, 2010. p. 320.

<sup>166</sup> Y. A Cidade. *O Diário*. Natal. 23 dez. 1946.

<sup>167</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*, 1984. 75.

da capital, como um período de avanço da cidade fruto de uma política de modernização e integração do espaço urbano.

Além do uso dos espaços da cidade como elemento legitimador de sua gestão, o ASP preza em evidenciar e construir a imagem de Sylvio Pedroza articulador, bem influente e que sempre teve a seu lado o apoio da crítica e da população natalense, o que fica bem evidente em fotografias que se referem aos momentos sociais da carreira política de Sylvio, além da inúmera quantidade de telegramas que constroem a rede de relações que o ex-prefeito construiu durante a vida.

### **3.2. AS FOTOGRAFIAS FUNDEM A CIDADE E O HOMEM**

Como já vimos, o ASP contempla relatos iconográficos e escritos que tratam do processo de modernização urbana ocorrida em Natal na segunda metade da década de 1940. Estes mesmos espaços são incorporados pelo discurso memorialístico (de Sylvio Pedroza, Câmara Cascudo e dos jornais natalenses) sendo tratados como “temas-marcos” na composição e legitimação da gestão Sylvio Pedroza.

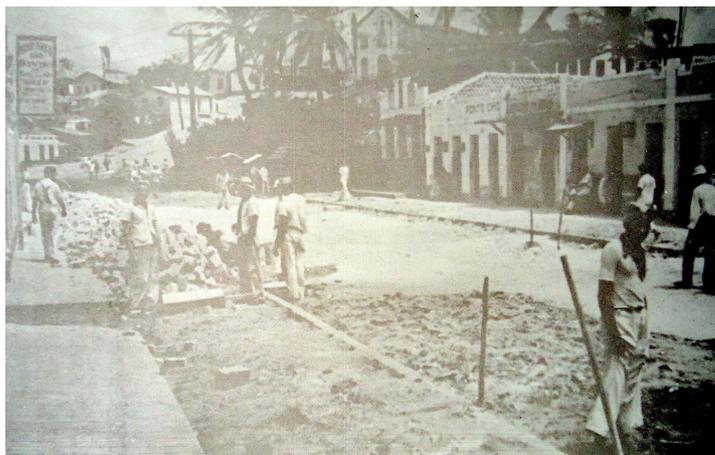
As obras de pavimentação das Rocas e urbanização das praias da capital são uma constante entre as fotografias do acervo, o que pode ser entendido pelo fato de boa parte do discurso memorialístico construído sobre Sylvio ser baseado nessas obras urbanas, como fica evidente no discurso do próprio Sylvio Pedroza, lembrando que durante sua administração os bairros mais pobres necessitaram de mais atenção e por isso afirmou: “considerarei que” eles deveriam merecer prioridade absoluta, e dediquei-lhes toda minha atenção, fazendo obras nas Rocas, Quintas, Alecrim, etc.”.

Esse discurso é reafirmado, por exemplo, pelas fotografias contidas no livro *Pensamento e Ação* que atuam como ‘lápiz da natureza’,<sup>168</sup> elementos ratificadores do discurso de Sylvio Pedroza, entendidas como testemunhas de uma época, de uma realidade passada. Se pensarmos bem, a própria ação de construir memórias através das fotografias sugere uma ideia de modernidade, pois sua intenção é “captar o instante”, sem nada deixar

---

<sup>168</sup> Expressão utilizada por Peter Burke, quando se refere ao entendimento da fotografia no seu início no século XIX. BURKE, Peter. *O historiador como colunista*, 2009. p. 282.

passar, ao contrário do que se pensa em relação ao discurso que, por mais que tente nunca consegue abarcar em seu suporte escrito a realidade que se pretende. No entanto tanto o discurso escrito como fotografia são seleções e representam única e exclusivamente a representação pretendida por seus autores.



**Figura 3.8:** “Obras em Natal – Início do calçamento das Rocas integrando o bairro definitivamente à cidade”.  
**FONTE:** PEDROZA. *Pensamento e Ação*, 1984.



**Figura 3.9:** “A Avenida Circular avança em direção ao Forte dos Reis Magos”.  
**FONTE:** PEDROZA. *Pensamento e Ação*, 1984.

Dentre esses espaços urbanizados que se tornaram “temas-marcos” do discurso produzido sobre a Natal de Sylvio Pedroza, o bairro das Rocas é visto como uma prova, um exemplo do que foi a política de modernização urbana ocorrida em Natal no período da sua

gestão. Em boa parte do século XX, esse bairro da cidade foi conhecido como um dos mais importantes berços do movimento operário da capital. Na década de 1920, o então jornalista e advogado João Café Filho foi a maior liderança sindicalista durante a greve dos estivadores do Porto de Natal, exercendo forte influência na organização sindical nas Rocas.<sup>169</sup>

Já em 1951, após a morte do governador Dixept Rosado e a nomeação de Sylvio Pedroza para o cargo, Café desfez a aliança que possuía com o PSD local e anunciou sua oposição ao novo governador.

Notícias reiteradas que me tem chegado confirmadas agora prefeito Olavo Galvão levam-me à convicção que só não está sendo cumprido como não há propósito cumprimento, pelo seu governo e pela sua corrente política e que pertence, compromisso assumido com Partido Social como sabe para que continuássemos a dar à sua administração a mesma solidariedade com que vínhamos prestigiando malgrado governador Dixept Rosado afim possibilitar clima favorável [para a] solução de problemas de que depende progresso [do] estado. Lastimo que essa atitude [...] não podemos, entretanto, assistir quebra compromissos solenemente em grave momento da vida [do] nosso estado sem fixar responsabilidades dessa atitude que de nossa parte não pode suscitar outra se não a de considerar extinto o compromisso, desligado meu partido de qualquer obrigação [de] apoio [ao] seu governo.<sup>170</sup>

O fato de Sylvio Pedroza interferir intensamente nas Rocas durante sua gestão na Prefeitura de Natal parece ter incomodado em muito Café Filho, que via através de críticas sua influência sobre o bairro das Rocas contestada. Entre 1946 e 1950, Sylvio Pedroza foi responsável por uma significativa quantidade de obras nas Rocas; desde calçamentos de ruas, esgotamentos sanitários até a construção de calçadas para pedestres e implantação de energia elétrica no bairro (ver Figura 3.10).

Um exemplo muito interessante e até certo ponto muito revelador das críticas que questionavam a liderança e a importância de Café Filho para as Rocas pode ser percebida em reportagem de Silvino Lopes, jornalista e importante letrado de Recife que a serviço do

---

<sup>169</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002. p. 239.

<sup>170</sup> TELEGRAMA DE CAFÉ FILHO A SYLVIO PEDROZA. Rio de Janeiro, 21 set. 1951. (Os erros de ortografia correspondem estão fiéis aos do telegrama original). **ACERVO**: Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

*Jornal do Comércio* veio a Natal e através da visita guiada do prefeito relata a Café Filho - em um claro tom irônico – seu testemunho acerca do bairro das Rocas. Provavelmente, sabendo que as Rocas era um reduto eleitoral onde Café exercia forte influência, o artigo de Silvino Lopes valoriza as obras de Sylvio e questiona o porque de nada ter sido feito antes por Café Filho, então Deputado Federal pelo Rio Grande do Norte.

O bairro lázaro, bairro bêbado, o bairro bandido, bairro sangue, bairro canceroso, bairro prostituição, onde nem aos ossos viviam as cadelas humanas, é hoje transitável, acessível à passagem do próprio dr. Custódio com toda a alegoria dos seus escapulários.

A população ainda é pobre, graças a Deus, porém alegre e limpa. Os homens pela manhã, deixam a casa para o trabalho no centro da cidade e as mulheres ficam a esperá-los, passando a roupa dos maridos, para que esses também sejam limpos por fora e preparando-lhe o peixe e o camarão para o almoço. Ali, onde não ia um carroção de limpeza pública, vai hoje, de instante a instante, um ônibus. Os meninos têm escolas. A capela está aberta aos fiéis. A polícia aprende a ser ordeira com a população. Que milagre, bonito, deputado Café Filho?

E o reformador, o homem que fez todo esse milagre, não anda a proclamar o seu pendor para o transformar em roseiral. Este homem é o dr. Sylvio Pedroza, Prefeito de Natal, jovem, sadio e alegre. Não fez questão de passar da popularidade ao popularesco. Olha a vida horizontalmente e, assim, não vê pequenos, nem grandes. Para ele o céu e o mar põem no céu tons cor de rosa.

Lamento que Natal não o tenha como prefeito perpétuo.<sup>171</sup>

Fica claro na reportagem a intenção do repórter pernambucano de provocar politicamente Café Filho. Mas, o que chama atenção é o esforço narrativo de Silvino Lopes em promover um trabalho parecido com o que Câmara Cascudo fez em relação a Sylvio no livro *História da Cidade do Natal*.<sup>172</sup> Embora de forma mais direta e resumida, o jornalista pernambucano cria em sua reportagem condições narrativas e argumentos retóricos que legitimam a cidade e seu administrador. O discurso que constituído se limita ao enaltecimento das paisagens selecionadas pelos olhos e interesses de Sylvio Pedroza, além disso, as linhas de Silvino Lopes atuam de forma a chamar a atenção de Café Filho, um dos críticos de Sylvio Pedroza e tido como “espinho de garganta” do PSD, para o trabalho que se operava nas Rocas, que até pouco tempo havia se caracterizado como um espaço de forte

---

<sup>171</sup> LOPES, Silvino. *Jornal do Comércio*. Recife. 10 ago. 1949.

<sup>172</sup> O trabalho de legitimação da imagem de Sylvio Pedroza por Câmara Cascudo em *História da Cidade do Natal* foi amplamente discutido no decorrer do *Capítulo II*.

influência eleitoral de Café Filho.<sup>173</sup>

O que chama atenção na escrita do jornalista pernambucano é justamente a forma de narrar as Rocas, enfatizando um elemento retórico do antes e depois, uma narrativa de comparação entre a estrutura do espaço urbano antes de Sylvio e depois da sua política de modernização urbana adotada para esse bairro. Não por acaso, ao fim da reportagem, as ações do prefeito são enaltecidas e a Natal “sem problemas”<sup>174</sup> de Cascudo reaparece, só que dessa vez, a cidade é percebida em sua horizontalidade e Natal é vista como um mar de rosas, ou melhor, “em tons cor de rosa”.

A preservação e guarda dessa documentação, que exalta as qualidades da cidade de Natal enquanto Sylvio Pedroza foi chefe do executivo municipal, é fundamental na construção de uma representação de sua administração como tendo sido moderna. Nessa documentação, é possível ao observador do presente visualizar uma cidade que se moderniza em sintonia com seu administrador, uma cidade que no discurso parece ter vivido bons tempos durante a administração de Sylvio. Muito dessa visão se deve ao fato de que a seleção promovida no ASP excluiu qualquer documentação que denegrisse a imagem da cidade na gestão Sylvio Pedroza.

No processo de seleção por que passou o ASP foram preservadas apenas as narrativas que apoiaram, de uma forma mais ou menos intensa, as práticas políticas de Sylvio Pedroza, reforçando o imaginário da cidade sem problemas e que não conhecia outro patamar que não fosse o do desenvolvimento constante, o que fica bastante evidente nas narrativas de Câmara Cascudo, Andrade Lima Filho, Silvino Lopes e na documentação que compõe o ASP.

A narrativa construída por Silvino Lopes estava inteiramente afinada com o discurso que Sylvio Pedroza construiu para as Rocas. Tal narrativa, inclusive, veio a tornar-se fragmento de memória em que o ex-prefeito incorporou como uma de suas ações para cidade que não poderia ser esquecida.

Um dos empreendimentos que recordo aqui, foi o calçamento das Rocas. Era, então, área distante, marginalizada, onde quase não se podia chegar,

---

<sup>173</sup> A referência a Café Filho como “espinha de garganta” foi cunhada por Andrade Lima Filho em um artigo publicado no *Jornal do Comércio* de Recife em 5 de agosto de 1949, intitulado “Pepe Le Moko”.

<sup>174</sup> A ideia da “Natal sem problemas” foi cunhada por Câmara Cascudo e aparece no capítulo introdutório de *História da Cidade do Natal*. (CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. 2010. p. 31).

cheia de lama e de buracos. Não só levei o calçamento até lá, como determinei que os ônibus passassem a trafegar pelas novas ruas, beneficiando a sua numerosa população. Com isso conquistei as Rocas em dois sentidos: integrei à área da cidade e recebi a simpatia dos moradores.<sup>175</sup>

A reestruturação urbana que Sylvio Pedroza promoveu nas Rocas pode ser considerada também, um marco da sua trajetória política que não poderia ser esquecido. Em consonância com sua narrativa memorialística, o ASP e seu acervo iconográfico igualmente immortalizam esse momento da biografia política de Sylvio. Os documentos iconográficos referentes às obras de modernização do espaço urbano das Rocas são facilmente encontrados no acervo do ASP, assim como observado na Figura 3.13.

Nas fotografias que trazem as Rocas como tema, podemos perceber que a paisagem contida nesses suportes assemelha-se em muito com a que se visualiza na narrativa de Silvino Lopes, sempre que possível dando ênfase para os aspectos de urbanização das ruas do bairro. Esses elementos, reforçados pela escrita de Silvino Lopes – immortalizada nas páginas de *Pensamento e Ação* – e por meio das fotografias do ASP, são fundamentais para a sustentação do discurso de Sylvio Pedroza moderno e progressista. Fundamentado nessa documentação preservada, foi possível ao ex-prefeito constituir um espaço de inscrição em que se é possível visualizar a administração de Sylvio Pedroza como fundamental momento da política natalense, constituindo um marco na história do Estado, pois, sua documentação mostra ao visitante do ASP como vários dos espaços da cidade foram beneficiados com as ações de modernização urbana durante sua administração municipal.<sup>176</sup>

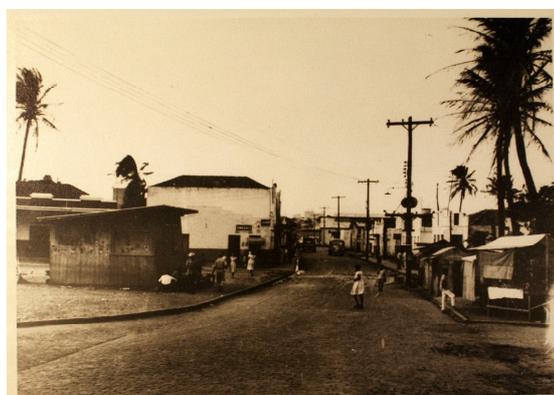
---

<sup>175</sup> PEDROZA, Sylvio. *Pensamento e Ação*, 1984. p. 66.

<sup>176</sup> Através de fotografias como as das Figuras 3.12 e 3.13, é possível ao observador do ASP fazer um comparativo das Rocas antes e depois da política de urbanização das Rocas promovida por Sylvio Pedroza. Esse mesmo artifício de comparação de um antes e um depois é semelhante àquele que observamos nas fotografias referentes à Avenida Circular e suas etapas de construção e que já analisamos anteriormente.



**Figura 3.10:** Fotografia das Rocas em que evidencia-se o lado ‘atrasado’ do bairro. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.



**Figura 3.11:** Nesse plano observa-se uma das ruas calçadas do bairro das Rocas que faz a ligação com os bairros da Ribeira e Cidade Alta. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

Da mesma forma que o bairro das Rocas é utilizado como elemento legitimador para construir a imagem da sua política enquanto prefeito, Sylvio Pedroza utiliza-se das obras de urbanização das praias de Natal para reafirmar sua posição prefeito moderno e progressista. No ASP, a referência a esse espaço da cidade é constante e a quantidade de fotografias que se referem a ele denotam a preocupação de Sylvio em imortalizar as transformações que sua administração proporcionou à essa área litorânea da capital.

A urbanização das praias da capital deveria transformar a paisagem desses locais em ambientes modernos, de forma a consolidar a Avenida Circular (que margeava de ponta a ponta todas essas praias) como um espaço definitivo da cidade. Após sua construção, recebeu a Circular a alcunha de “Avenida Atlântica”<sup>177</sup> e a paisagem das praias urbanizadas passaram a ser referendadas como uma verdadeira “Copacabana Potiguar”,<sup>178</sup> uma alusão à famosa avenida praieira fluminense. Ambas as denominações foram utilizadas no sentido de enaltecer o tamanho da obra que, ao fim de 1946 era vista pela imprensa da capital como

<sup>177</sup> A CIDADE. *O Diário*. Natal. 23 dez. 1946.

<sup>178</sup> CASCUDO apud. PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*, 1984. Introdução.

“um magnífico empreendimento do Prefeito Sílvio Pedroza, em sua operosa gestão frente aos destinos da edilidade natalense”.<sup>179</sup>



**Figura 3.12:** Urbanização das praias de Natal. Fotografia que evidencia o calçamento para veículos, as calçadas e o pier de observação na praia de Areia Preta. **ACERVO:** Arquivo Sylvio Pedroza. Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto.

Assim como em outras fotografias, esta também segue um padrão semelhante ao adotado nas Figuras 3.1 e 3.7. Nela é possível perceber que mais uma vez o automóvel é o que chama atenção no enquadramento do fotógrafo e isso é feito no intuito de se alcançar dois objetivos: o automóvel atua no sentido de dar ares modernos à paisagem recentemente modificada, como também seu uso sugere que após construído, o novo calçamento da Avenida Circular já estava em pleno funcionamento e sendo devidamente utilizado pelos automóveis da cidade.

As fotografias do ASP que tomam como tema as paisagens litorâneas seguem uma dupla orientação. Nelas faz-se pungir a transformação vertical do espaço, ou seja, se dá uma clara ênfase as construções urbanas deixando-se em segundo plano os elementos

---

<sup>179</sup> COM A INAUGURAÇÃO, ONTEM, DA AVENIDA CIRCULAR ESTÁ CONCRETIZADO UM DOS MAIORES EMPREENDIMENTOS URBANÍSTICOS DO DR. SILVIO PEDROZA, PREFEITO DE NATAL. *A República*. Natal. 25 dez. 1946.

naturais (praia, dunas e vegetação) que constituem a paisagem. Ainda, existe uma preocupação em se mostrar nas fotografias os espaços modelados pela urbanização sendo utilizados pela população, de forma a contrapor a imagem do lugar estagnado com a do espaço praticado pela população de Natal.

É possível afirmar com certa margem segurança, que as praias do litoral natalense – o conjunto das praias do Forte, Meio, Areia Preta e Artistas –, se tornam urbanizadas pela administração Piza Pedroza, pois, até então estas eram praias de veraneio, sem quaisquer estruturas para banhistas ou estradas para os carros. A Avenida Circular assim como a urbanização dessa área possibilitou uma maior atividade de banhistas e visitantes a estes locais, além da implantação de linhas de ônibus e pavimentação para carros de passeio.

### **3.3. AS CORRESPONDÊNCIAS QUE CONSTROEM O HOMEM INFLUENTE E ARTICULADO: DE NATAL A BRASÍLIA**

Além das fotografias que compõem o ASP, outro segmento tem tamanha importância por revelar a imagem do Sylvio Pedroza influente e articulador. Durante o longo período em que ocupou cargos públicos de destaque, o ex-prefeito de Natal constituiu em torno de si uma ampla rede de amigos e importantes contatos nos mais variados setores da sociedade civil, político, militar e cultural. Toda essa rede de sociabilidade é refletida pelas centenas de cartas que acumulou durante sua vida de homem público.

Nesse arquivo é possível localizar tanto correspondências enviadas como recebidas, embora com relação ao primeiro grupo encontremos apenas cartas mais recentes que datam a partir da década de 1980. Não é difícil perceber qual foi o sentido, a intenção de Sylvio Pedroza em preservar essa documentação; afinal, o conjunto de correspondências traça com quais sujeitos Sylvio esteve ligado ou mesmo manteve contato durante as quatro principais fases da sua vida de homem público: quando prefeito de Natal, governador do Rio Grande do Norte, subchefe da Casa Civil nos governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart e, por último, durante o longo período em que ocupou a Secretaria Geral da Confederação Nacional do Comércio (CNC) no Rio de Janeiro.

Se entendemos o espaço do ASP como um lugar de memória, a guarda da documentação desse período tem a intenção de mostrar ao visitante tanto um Sylvio Pedroza articulado com as altas esferas da política nacional, quanto uma ‘prova’ do reconhecimento de suas políticas urbanas adotadas para Natal e o Rio Grande do Norte. Não é absurdo pensar que Sylvio Pedroza tenha sido escolhido por Juscelino Kubitschek para compor a NOVACAP devido à experiência de modernização urbana que o ex-prefeito promoveu em Natal durante a década de 1940. Afinal, assim como Sylvio Pedroza, Juscelino Kubitschek também foi idealizador de uma ampla política de modernização urbana, em maiores proporções inclusive, durante o tempo em que foi prefeito de Belo Horizonte, entre 1940e 1945.<sup>180</sup>

Dentre as várias documentações estão mais de três centenas de atas referentes às periódicas reuniões semanais realizadas pela NOVACAP e, com relação às correspondências, estas constroem a imagem de um Sylvio Pedroza que trabalhou em prol do Brasil e que teve seu trabalho reconhecido, assim como é destacado em bilhete pessoal de Juscelino Kubitschek, escrito à mão em que agradecia pessoalmente ao empenho de Sylvio Pedroza frente à subchefia da Casa Civil.

Ao aproximar-se o término do meu mandato, venho manifestar-lhe, de modo especial, o meu reconhecimento pelo seu patriótico apoio á luta que travei para conduzir a pleno êxito a causa do desenvolvimento nacional. Sinto-me satisfeito em poder proclamar que, na Presidência da República não faltei a um só dos compromissos que assumi como candidato. Mercê de Deus, em muito setores realizei além do que prometi, fazendo o Brasil avançar, pelo menos, cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo. [...] Sejam quais forem os rumos da minha vida pública, levarei comigo, ao deixar o honroso pôsto que me confiou a vontade popular, o firme propósito de continuar servindo ao Brasil com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma confiança nos seus altos destinos.

Juscelino Kubitschek  
Brasília – 1961<sup>181</sup>

---

<sup>180</sup> Entretanto, de 1951 a 1955, Sylvio Pedroza ocupou o cargo de Governador do Rio Grande do Norte, período em que Juscelino Kubitschek ocupou mesma função em Minas Gerais. O fato de ocuparem cargos de liderança dentro do PSD e a amizade entre ambos que datam desse período, fizeram de Sylvio Pedroza o principal aliado de Kubitschek no Rio Grande do Norte durante a campanha do mineiro à presidência da República em 1955, o que, certamente contribuiu na indicação e escolha do nome Piza Pedroza para a Casa Civil durante a gestão de Juscelino Kubitschek.

<sup>181</sup> BILHETE DE JUSCELINO KUBITSCHEK PARA SYLVIO PEDROZA. Brasília, 1961. ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

A manutenção de documentos no ASP que remetem ao tempo em que Sylvio Pedroza trabalhou em Brasília, deve-se em grande parte à preocupação do ex-prefeito em demonstrar o quão foi útil sua presença durante a instalação da nova Capital Federal. Com essa documentação, Sylvio Pedroza desejava marcar sua trajetória enquanto um dos idealizadores da construção da moderna Brasília, demonstrando que a experiência que adquiriu frente à sua gestão na Prefeitura de Natal o credenciou para ocupar um cargo como um agente da modernidade, e a NOVACAP seria o passo fundamental para que conseguisse o reconhecimento da sua política de modernização.

O intuito em demonstrar sua importância fica patente, por exemplo, em uma carta do então Ministro Chefe da Casa Civil durante o curto regime Parlamentarista de 1961 a 1962, Hermes Lima.<sup>182</sup> Com ela, Sylvio Pedroza reforça sua imagem de funcionário reconhecido por seus superiores, por seu trabalho em prol dos governos em que trabalhou e sua “eficiência” e “zelo” durante o momento de desenvolvimento urbano que passou o Brasil com a construção de Brasília.

Esta carta é para lhe dizer, ao deixar a Chefia do Gabinete Civil da Presidência da República, quanto apreciei sua eficiência e seu zelo na colaboração que sempre lealmente me prestou. Receba os meus agradecimentos e a segurança da amizade com que lhe mando este abraço.

Hermes Lima.<sup>183</sup>

Preservar e trazer ao conhecimento público essa documentação após o processo de seleção pelo qual passou o ASP, indica a intenção de se consolidar uma imagem que Sylvio Pedroza pretendeu imortalizar para si durante o período em que trabalhou na Casa Civil da Presidência da República: o homem dedicado à causa do progresso pensado por Juscelino Kubitschek, responsável pela obras de construção da moderna Brasília e o funcionário

---

<sup>182</sup> O paulista Hermes Lima, foi nomeado em 1961 para assumir o cargo de Chefe da Casa Civil da Presidência da República por João Goulart. Antes, havia sido deputado federal pelo distrito federal entre 1946-1951. Ocupou ainda, as funções de Ministro do Trabalho (1962), Ministro das Relações Exteriores (1962-1963) e Ministro do Supremo Tribunal Federal (1963-1969). (Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. FGV).

<sup>183</sup> CARTA DE HERMES LIMA PARA SYLVIO PEDROZA. Brasília, 14 jul. 1962. ACERVO: Arquivo Sylvio Pedroza, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Fundação José Augusto (FJA).

competente e eficiente ao ponto de chamar a atenção do respeitado Ministro Hermes Lima. Sylvio Pedroza desejava marcar-se enquanto um dos promotores da modernização que estava em curso no Brasil com a construção de Brasília.

Mais uma vez, o acervo de correspondências do ASP atua no sentido de construir a imagem de Sylvio Pedroza, como sujeito articulado e influente, que teve seu trabalho de modernização urbana de Natal reconhecido e que por isso foi nomeado como subchefe da Casa Civil de Juscelino Kubitschek além de ocupar um cargo de diretor na NOVACAP.

Após sua saída da Casa Civil, o ex-prefeito passou a integrar por décadas cargos na Confederação Nacional do Comércio (CNC). Sua ida para esta instituição foi motivada pela eleição do Senador pelo Rio Grande do Norte, Jessé Pinto Freire, para a presidência da CNC. Entre 1964 e 1997, Sylvio Pedroza ocupou o cargo de Secretário Geral da organização e foi nesse período que fez boa parte de suas viagens ao exterior e construiu uma rede de relações com nomes influentes da economia mundial. As correspondências do período em que esteve na CNC podem ser divididas entre aquelas encaminhadas aos amigos de Natal, caracterizadas por sua informalidade e descontração, e as cartas mais formais trocadas com homens de negócios, políticos e empresários brasileiros. Por hora nos interessa a análise do primeiro grupo.<sup>184</sup>

No entanto, mesmo a passagem pela CNC ter sido um marco importante de sua carreira, as evidências que demonstram Sylvio Pedroza como um agente ativo na construção de Brasília é que chamam atenção no ASP. As atas de reuniões da NOVACAP – cerca três mil páginas – são um claro exemplo do quanto Sylvio Pedroza deseja que essa memória não fosse esquecida. Embora se trate de uma documentação de caráter técnico, a presença do nome de Sylvio Pedroza em cada uma das atas demonstra o quanto ele atuou diretamente na direção da NOVACAP e por consequência na construção de Brasília.

Ao que parece, a intenção de se preservar essa documentação junto com as outras que mostram o desenvolvimento urbano de Natal é de deixar patente que o trabalho

---

<sup>184</sup> Nesse segundo grupo de correspondências encontramos cartas de amigos que Sylvio Pedroza teve em Brasília, São Paulo, Recife e principalmente Rio de Janeiro e Brasília. Alguns nomes são bastante conhecidos, como o ex-presidente da FIFA João Havelange, do empresário das comunicações Assis Chateaubriand ou até mesmo do antropólogo Darcy Ribeiro que ocupou durante a presidência de João Goulart os cargos de Ministro da Educação (1962-1963) e Chefe do Gabinete Civil (1963-1964). Não achamos interessante, por hora, a análise desse grupo por eles não se referirem às administrações de Sylvio Pedroza no Rio Grande do Norte, o que nesse momento é o foco de nossa análise.

promovido frente à Prefeitura de Natal na década de 1940 foi reconhecido por Juscelino Kubitschek, ao ponto do Presidente da República lhe conferir um importante cargo na construção da nova capital do Brasil, um espaço moderno e novo, que necessitava de pessoas experientes e com espírito moderno. Essa parece ter sido a intenção de Sylvio Pedroza ao preservar os documentos dos períodos de sua gestão moderna em Natal e de sua participação na construção da moderna Brasília.

Outra intenção que se percebe nas correspondências deixadas por Sylvio Pedroza refere-se à memória que deseja imortalizar sobre sua gestão em Natal. Em carta ao amigo Veríssimo de Melo,<sup>185</sup> o ex-prefeito de Natal deixa transparecer todo seu sentimento e lembrança dos tempos em que ocupou a Prefeitura ao ler o livro de Veríssimo, *Humanismo e Tradição*. Em seu livro, Veríssimo relembra os tempos de prefeito na década de 1940, e Sylvio, em resposta se reportava a seu amigo dizendo:

Ainda, no avião, li boa parte do "Humanismo e Tradição", para mim cheio de evocações. Não sei se você sabe que quando de minha visita a Princeton, conheci pessoalmente a Einstein. Recordei ainda as lembranças de nossa Natal iluminada presença de Cascudo, além das recordações de Nilo Pereira, Edgar Barbosa, e de tantos outros principalmente os citados na crônica sobre "A República" a 33 anos passados, onde figuro como louco que sonhava com a Av. Circular.

Tudo isso a lembrar a melhor fase de minha vida, passada na nossa cidade, sobre a qual me debruço novamente, convencido como Proust de que as coisas que construímos ao longo da vida com dedicação e fé permanecem indestrutíveis e podem sempre ser recuperadas, e que a procura do tempo passado será portanto e sempre a procura da nossa própria verdade.<sup>186</sup>

É notório a intenção do ex-prefeito em selecionar os espaços modernos da cidade como marcos de sua trajetória política, em que mais uma vez esses espaços atuam como elementos legitimadores de sua gestão. Embora seja impossível não perceber o discurso saudosista que Sylvio Pedroza projeta para si – principalmente ao reportar seu encontro com Albert Einstein em Princeton – é sua lembrança da Avenida Circular que chama atenção, pois esse é um dos marcos de seu governo que com frequência visita sua narrativa,

---

<sup>185</sup> Veríssimo de Melo foi juiz, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, membro do Conselho Estadual de Cultura e da Academia Norte-riograndense de Letras. É considerado um dos grandes nomes do folclore no Brasil, tendo publicado mais de uma dezena de livros sobre cultura popular, folclore e literatura.

<sup>186</sup> CARTA DE SYLVIO PEDROZA PARA VERÍSSIMO DE MELO. Rio de Janeiro, 16 jan. 1984.

suas fotografias e sua correspondência, de formar a reafirmar a importância da sua gestão na Prefeitura de Natal com a construção dos espaços modernos da cidade.

O que se pode perceber é que, as correspondências como as fotografias atuam em sentido complementar e visam a construção do discurso que enaltece a figura de Sylvio Pedroza como um homem moderno, de ações progressista e de ideais democráticos. Mesmo no início da sua vida política foi essa a imagem que Piza Pedroza construiu e sustentou para si e para suas administrações, fosse à frente da Prefeitura de Natal na década de 1940, fosse na década de 1950 na Casa Civil ou na direção da NOVACAP.

Portanto, é possível afirmarmos que o espaço do ASP possibilita a visualização de Sylvio Pedroza com as características do parágrafo anterior, graças ao processo de legitimação da sua imagem de homem público possibilitado pela seleção e ordenamento da documentação que compõe esse arquivo. O ASP torna-se um espaço de inscrição, onde se pode visualizar através de seus suportes documentais uma biografia do seu ator principal, em que o espaço das cidades modernas atuam como elementos legitimadores da sua política modernizadora.

Os discursos do Sylvio Pedroza elegante, bem relacionado, com trajes e aspecto moderno, bem nascido e principalmente, eficiente administrador são corroborados, verificados e testemunhados quando da visita ao ASP. Tal visualização desse sujeito não seria possível se a documentação constituinte desse acervo fosse outra, o que traria contradição entre o discurso memorialístico que se construiu a respeito de Sylvio Pedroza e os documentos reunidos sobre sua vida de homem público e construtor de cidades modernas, ou como diria Câmara Cascudo um “plantador de cidades”. Mas, não foi esse o caso. Ocorre que o ASP não foi pensado por outra pessoa ou instituição, mas por Sylvio Pedroza e seus familiares que buscaram reunir em um só espaço os marcos da vida política de um governante que parece não ter atingido seu objetivo maior.

Hoje, na memória natalense, Sylvio Pedroza sobrevive de forma tímida nas memórias dos mais velhos, e encontra-se em evidência apenas em uma avenida marginal à Avenida Circular e em uma inscrição no Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, onde, em letras garrafais, semelhantes às dos jornais que por tantas vezes estamparam seus feitos, mas que desta vez resume-se exclusivamente a anunciar: Arquivo Sylvio Pedroza. A tentativa de se inscrever nos espaços da cidade parece não ter surtido efeito.

No decorrer do capítulo foi possível perceber duas propostas: uma em que se pôde perceber o ASP como uma tentativa de Sylvio Pedroza e sua família de se inscrever (e imortalizar) em um espaço de memória o sobrenome Gomes Pedroza, uma clara intenção de constituir um memorial biográfico acerca de um dos mais importantes e influentes membros que a família já teve. A segunda proposta explorada se refere à forma na qual a Natal moderna dos tempos de Sylvio Pedroza frente à Prefeitura de Natal e à Casa Civil no governo de Juscelino Kubitschek é apresentada pela documentação do ASP. Nesse caso, pudemos perceber que as cidades modernas tão explorada pelos discursos memorialísticos sobre a administração Piza Pedroza são as mesmas que aparecem nas fotografias, cartas, recortes e demais fontes que compõem o ASP, uma tentativa de reforçar e comprovar a imagem de Sylvio Pedroza enquanto homem público atuante na construção das paisagens modernas do Rio Grande do Norte e do Brasil.

O descuido com a documentação e o desconhecimento da sociedade para com o acervo do CDES-FJA logrou, por ora, Sylvio Pedroza e suas administrações ao ostracismo do esquecimento político. O ASP pode ser entendido como o último bastião, a tentativa última de construir um espaço de inscrição de seus feitos modernos para que eles não fossem esquecidos, no entanto, o despreparo das instituições públicas de cultura no Rio Grande do Norte que deveriam ter sua parcela no processo de guarda da memória (assim como Sylvio Pedroza pensou que seria), tornou-se o carrasco do processo de imortalização da memória política de Sylvio Pedroza, assim como da sua tão desejada Natal moderna.

## CONCLUSÃO

Ao longo da nossa análise, procuramos entender de que forma o ex-prefeito de Natal, Sylvio Pizza Pedroza, construiu a imagem de sua administração enquanto um momento de modernidade. No entanto, as tentativas esboçadas por Sylvio Pedroza indicam que não houve um momento de modernidade natalense, e sim um evidente processo de modernização do espaço urbano que foi utilizado para caracterizar as gestões Piza Pedroza como exemplos de administrações modernas.

No decorrer do primeiro capítulo, foi possível perceber de que forma os periódicos jornalísticos construíram uma representação da administração Piza Pedroza como um modelo de gestão moderna. Nesse sentido, os jornais natalenses passaram a explorar em suas páginas os espaços da cidade que estavam sendo alvos da política de modernização urbana posta em prática por Sylvio Pedroza. Assim, por exemplo, as obras de modernização do bairro das Rocas, a construção do bairro de Santos Reis e a urbanização das praias da capital passaram a povoar as páginas dos jornais natalenses entre 1946 e 1950, atestando essas ações como obras da moderna política urbana da gestão Piza Pedroza. Nesse contexto, a Avenida Circular – caso a parte – atuou como vedete da administração, pois se revelou como a obra mais expressiva e de maior impacto promovida até então por Sylvio Pedroza. Em muito, essa expectativa foi possível pelo fato de a Avenida Circular reunir em sua construção aspectos modernos (calçamento, iluminação, etc.) que interligava os bairros mais tradicionais da Ribeira e Cidade Alta aos espaços mais novos da cidade, as praias de Areia Preta e do Forte.

Essas paisagens modernas, selecionadas e exploradas pelos jornais natalenses, passaram a ser exploradas também por jornais de Recife e do Rio de Janeiro. Todavia, a forma como as obras de modernização eram vistas por esses periódicos seguiam o mesmo modelo e proposta dos jornais natalenses. Tanto no Rio de Janeiro como em Recife, a imagem que se construía de Sylvio Pedroza era a mesma produzida em Natal, com o diferencial de atentar os leitores cariocas e recifenses para que o exemplo da administração Piza Pedroza fosse seguido por todos os políticos do Brasil.

Ainda no primeiro capítulo, mostramos os quão fundamentais foram os jornais na construção da representação da Natal moderna possibilitada pela gestão Piza Pedroza.

Nesses periódicos, procuramos analisar as estratégias narrativas e os espaços de modernidade que esses jornais utilizaram para justificar um pretense momento de modernidade que estava ocorrendo em Natal. Em nossa análise foi possível perceber que as representações construídas e as estratégias de escritas utilizadas pelos jornais potiguares foram as mesmas utilizadas pelos periódicos carioca e recifense, nos quais todos visaram exclusivamente o enaltecimento da política que estava sendo praticada em Natal, além de demonstrar um claro esforço na construção e manutenção dessa pretensa política moderna adotada por Sylvio Pedroza.

No que se refere ao segundo capítulo, é possível afirmar que a análise feita da relação entre Sylvio Pedroza e Câmara Cascudo foi um reflexo do que pensa o historiador Renato Amado Peixoto, quando este afirma que o esforço historiográfico de Câmara Cascudo foi fundamental para consolidar Natal como o centro político e administrativo do Rio Grande do Norte, “contudo, como esse esforço se constituiria por meio de antigas práticas de poder das organizações familiares que operavam por novas estratégias, cabia também ressignificá-las no discurso do poder. Nomear-se-ia essa estratégia na operação historiográfica como modernização da cidade de Natal”.<sup>187</sup>

Nesse sentido, nós percebemos o livro *História da Cidade do Natal* como um exemplo de representação que constrói a história da capital potiguar atrelada à história da família do próprio Sylvio Pedroza, guiando-se a partir da trajetória política e social dos Albuquerque Maranhão e dos Gomes Pedroza em Natal. A estadia de Sylvio Pedroza frente à Prefeitura de Natal é vista como um momento de avanço da cidade e de modernização da capital. No entanto, o que foi possível perceber na prática é que ocorreu na capital potiguar – concordando com Renato Amado – um evidente momento de modernização sem mudanças maiores em setores outros da sociedade natalense.

Em nossa análise, percebemos como impregnada de personalismo se encontrava a política natalense durante a administração Sylvio Pedroza frente à Prefeitura de Natal. Essas relações mostram a fragilidade da Prefeitura Municipal de Natal como instituição autônoma, que deixava de ser independente e, em muitas ocasiões, via-se personificada na figura de seu administrador. Por sua vez, este utilizava o espaço em benefício próprio,

---

<sup>187</sup> PEIXOTO, Renato Amado. Espacialização e estratégia de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010. vol. 15. n.1. p. 191.

acumulando capital simbólico em prol de sua biografia, atendendo assim a interesses do seu grupo político e construindo sua trajetória política.

Analisando a relação entre um importante letrado natalense e um prefeito que sentia a necessidade de se afirmar no cenário político local, conseguimos perceber uma intensa relação de sustentação, na qual o erudito potiguar Câmara Cascudo foi diretamente responsável pela construção e consolidação da imagem de Sylvio Pedroza enquanto um político jovem, empreendedor e moderno – características necessárias à uma Natal que buscava o novo e a continuação do progresso urbano iniciado na Segunda Guerra Mundial. A fim de atingir seu objetivo, Câmara Cascudo construiu um discurso em que cidade e prefeito mutuamente se completavam, mas que principalmente a primeira necessitava de um empreendedor que ao mesmo tempo conseguisse aliar a tradição dos espaços da cidade com as obras de modernização que a mesma necessitava. Foi a partir desse enredo que a narrativa historiográfica de Câmara Cascudo possibilitou a construção de uma memória tanto para um Sylvio Pedroza moderno quanto para uma Natal tradicional que sentia necessidade de se modernizar.

A relação entre Câmara Cascudo e Sylvio Pedroza se revelou um exemplo de troca de legitimidades entre o poder público e o homem das letras, no qual, a partir de uma série de homenagens, construiu-se a centralidade de Cascudo como nome maior das letras de Natal e, por conseguinte, o erudito construiu um discurso legitimador que consolidou Sylvio Pedroza como um administrador nato, graças à sua herança familiar, composta por administradores históricos ligados às famílias Albuquerque Maranhão e Gomes Pedroza.

Por último, no terceiro capítulo trabalhamos com a documentação do Arquivo Sylvio Pedroza (ASP), o qual foi entendido como um espaço de inscrição em que se percebe a intenção do seu autor e de sua família em construir um memorial biográfico acerca da gestão Piza Pedroza. Na análise que empreendemos nesse espaço foi possível perceber as estratégias e intenções dos organizadores do ASP, onde os suportes iconográficos e as correspondências atuam conjuntamente na tentativa de construir o que foi a gestão Piza Pedroza em Natal.

No exame promovido nas fotografias se percebeu que estas atuam no sentido de selecionar e visualizar os espaços modernos da cidade. A partir disso, observou-se que aqueles espaços que não correspondem à construção de uma Natal e uma administração

moderna foram prontamente silenciadas após uma seleção documental promovida pela família Piza Pedroza – ou, quem sabe, ao menos existiram um dia. As imagens do ASP deixam evidente quais espaços deveriam ser lembrados quando se tratasse da administração Sylvio Pedroza: a Avenida Circular, a urbanização das praias e dos bairros natalenses são os temas constantes nos suportes do ASP, temas idênticos aos abordados pela narrativa de Câmara Cascudo e pelo discurso jornalístico natalense, recifense e carioca. A comparação entre os temas do ASP, das representações criadas pelos jornais e da narrativa de Câmara Cascudo são fatores suficientes (evidente que outros devem existir) para que saibamos quais foram as imagens e espaços elencados por Sylvio Pedroza que serviriam de exemplo daquilo que foi sua gerência enquanto chefe do executivo natalense na década de 1940.

No que se refere à correspondência analisada no decorrer do terceiro capítulo, podemos afirmar que existe uma tentativa de Sylvio Pedroza em associar seu nome às transformações urbanas decorrentes da construção de Brasília, durante a presidência de Juscelino Kubitschek. Ao que indica a seleção documental, a intenção ao construir uma evidência desse período é mostrar ao visitante do ASP que a política de modernização ocorrida em Natal foi reconhecida a nível nacional por Juscelino Kubitschek, ao ponto do então Presidente da República o nomear como Sub-chefe da Casa Civil em seu governo e, além disso, o designar como diretor da NOVACAP, instituição responsável pela coordenação e construção da nova capital federal.

As cartas constroem a imagem de um Sylvio Pedroza em sintonia com as práticas de modernização urbana pensadas a nível nacional, além de demonstrar que seus serviços em prol do desenvolvimento do país e sua experiência enquanto administrador de espaços modernos o credenciaram para que participasse da construção da mais moderna cidade brasileira, Brasília. As análises promovidas em cada um dos capítulos visaram buscar uma resposta para a preocupação que norteou todo o nosso trabalho: a análise das transformações sofridas pelo espaço urbano da cidade do Natal durante a gestão do prefeito Sylvio Piza Pedroza (1946-1950).

Em nossa conclusão podemos afirmar que essas transformações do espaço urbano de Natal promovidas por Sylvio Pedroza foram, em grande medida, motivadas por um discurso que via o desenvolvimento urbano da cidade como algo necessário e urgente a ser realizado, uma etapa fundamental de modernização que todas as cidades brasileira

deveriam passar – e algumas como Rio de Janeiro, Recife e São Paulo já vinham passando – para seguir o *boom* do desenvolvimento urbano brasileiro iniciado em fins do século XIX.

A gestão Sylvio Pedroza se vangloriou por ter sido a responsável pela criação das paisagens modernas e pelos melhoramentos urbanos promovidos nas ruas, praias e bairros de Natal. No entanto, não foi possível identificarmos qualquer medida que visasse uma modernização de outros setores da sociedade natalense tais como saúde, educação ou transporte. Não ocorreram quaisquer reformas políticas e educacionais profundas que modernizassem esses setores fundamentais, os arranjos políticos não se alteraram e as elites continuaram no andamento de seus interesses, em que as famílias Albuquerque Maranhão e Gomes Pedroza mantiveram o controle político da capital e defenderam sua posição hegemônica na capital.

A imagem consolidada referente da administração, da cidade e do prefeito modernos foram frutos exclusivamente do discurso construído por Sylvio Pedroza, pelos periódicos e jornalistas que o apoiaram e pelos memorialistas e amigos do ex-prefeito. Não significa afirmar que Sylvio Pedroza nada fez. Suas obras de modernização de determinados espaços da cidade beneficiaram pessoas e melhoraram vários aspectos urbanos. No entanto esses melhoramentos foram tomados pelos discursos como exemplo claro de um momento de modernidade natalense, quando na verdade ocorreu sim, um momento de modernização do espaço urbano de Natal. Assim, o que pôde se perceber através da documentação analisada é que a narrativa que se consolidou sobre a administração Piza Pedroza de 1946 a 1950 por Sylvio e seus entusiastas foi constantemente sustentada pelo enaltecimento em torno sempre dos mesmos marcos espaciais e dos mesmos eventos que criaram a centralidade de Sylvio Pedroza no imaginário político natalense.

Ao fim da pesquisa, mesmo percebendo as diversas estratégias adotadas pelo ex-prefeito de Natal durante e após sua administração, percebemos que estas só se sustentaram ou obtiveram algum sucesso enquanto o ex-prefeito esteve vivo e alimentando sua memória e de suas gestões. A lembrança a Sylvio Pedroza não passa de uma breve brisa na memória dos mais velhos da cidade e seu nome é apenas toponímia de uma rua que circunda a Avenida Circular, a mesma que um dia foi a menina dos olhos daquele que por muito tempo foi considerado um verdadeiro *Plantador de Cidades*.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU JÚNIOR, João Batista de. (2001), “Diário Trabalhista (verbete)”, in A. A. de Abreu et alii (coords.), *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro, CPDOC/Editora FGV, CD-ROM.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2009.

\_\_\_\_\_. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. *Trajetos*. Revista de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 2005. vol. 3. n. 6.

\_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARRAIS, Raimundo (org); ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

ARRAIS, Raimundo. Posfácio. In: CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 1984.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BOURDIEU, *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRAUDEL, Fernand. *O espaço e a história no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes,

1988.

\_\_\_\_\_. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BURKE, Peter. *O historiador como colunista: ensaios para a Folha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARDOSO, Rejane (coord.). *400 nomes de Natal*. Natal: Prefeitura de Natal, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. *História da Cidade do Natal*. 4. ed. Natal: EDUFRN, 2010.

\_\_\_\_\_. Introdução. apud. PEDROZA, Sylvio Piza. *Pensamento e Ação*. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 1. vol.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

CORBIN, Alain. *O Território do Vazio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DARTON, Robert. *Boemia literata e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. *Mal de Arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FAORO, Raymundo. A questão nacional: a modernização. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 1992. v. 6. n. 14.

FERNANDES, Luiz. *A imprensa periódica no Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.

FERREIRA, Ângela; DANTAS, George (orgs.). *Surge et Ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (2001), “Diário Trabalhista (verbete)”, in A. A. de Abreu et alii (coords.), *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro, CPDOC/Editora FGV, CD-ROM.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. Ditos & Escritos. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. Ditos & Escritos. v. 3.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 33. ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

FURTADO, Alvamar. Sylvio Pedroza e seus dias políticos. In: PEDROZA, Sylvio *Pensamento e Ação*. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

GOMBRICH, Ernest. H. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1999.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. Edição Comemorativa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2006.

MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1909-1987*. São Paulo: Cortez; Natal: Fundação José Augusto, 1987.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. 3. ed. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Pão, terra e liberdade x Deus, pátria e família: as lutas sociais e a evolução política no Rio Grande do Norte*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2004. Coleção Mossoroense, série B, n. 2569.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: PROJETO HISTÓRIA. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1993. v. 10.

OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PEDROZA, Sylvio Piza. *Definições: documentos vários e políticos de um Governo*. Natal: Departamento de Imprensa, 1956.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e Ação: marcos de uma trajetória de governo*. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

PEIXOTO, Renato Amado. Espacialização e estratégia de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: EDUEPG, 2010. v. 15. n.1.

PESAVENTO, Sandra Jathay (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2001.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SALES NETO, Francisco Firmino. *Luis Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. Dissertação Mestrado. Natal: PPGH/UFRN, 2009.

SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: UNESP, 2002.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHAPOCHINIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle

Época à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SERRES, Michel. *O Incandescente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SHOZO, Motoyama (org.). *USP 70 anos: imagens de uma história vivida*. São Paulo: EDUSP, 2006.

SOROKIN, Pitirim. *Sociedade, cultura e personalidade*. Porto Alegre: Globo; São Paulo: EDUSP, 1969.

\_\_\_\_\_. *Teorias Sociológicas Contemporâneas*. Buenos Aires: Depalma, 1951.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. São Paulo: UNESP, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antonie Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SHILS, Edward. *Centro e Periferia*. Lisboa: Difel, 1992.

SOUZA, Itamar. *Nova história de Natal*. 2. ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: DIFEL, 1977.